



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**



VALDEMIR POMERENING DE MELLO JÚNIOR

**A MÚSICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: AS PAISAGENS SUL-MATO-
GROSSENSES EM SALA DE AULA**

Campo Grande - MS

2023

VALDEMIR POMERENING DE MELLO JÚNIOR

**A MÚSICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: AS PAISAGENS SUL-MATO-
GROSSENSSES EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em educação da Universidade
Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária
de Campo Grande/MS como exigência para obtenção do
título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Oliveira Fonseca

Campo Grande – MS

2023

M487m Mello Júnior, Valdemir Pomerening de

A música no ensino de Geografia: as paisagens sul-mato-grossenses em sala de aula / Valdemir Pomerening de Mello Júnior. – Campo Grande, MS: UEMS, 2023.
188 p.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Educação – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Oliveira Fonseca

1. Geografia escolar 2. Música 3. Paisagem 4. Ensino 5. Aprendizagem I.
Fonseca, Rafael Oliveira II. Título

CDD 23. ed. - 372.87

Elaborada pela Bibliotecária Elaine Freire Lessa – CRB-1/0699p
Biblioteca Central da UEMS

VALDEMIR POMERENING DE MELLO JÚNIOR

**A MÚSICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: AS PAISAGENS SUL-MATO-
GROSSENSSES EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande/MS como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Oliveira Fonseca (orientador)

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Profª. Dra. Ana Paula Camilo Pereira

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Profª. Dra. Vicentina Socorro da Anunciação

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha rocha que sustenta
dá forças, me ilumina e orienta
todos os dias abençoando,
para em frente, continuar caminhando.

Minha família, pelo apoio incondicional
de tão puro amor fraternal,
meu porto seguro e abrigo
afastando-me de todos os perigos

A minha esposa, pela paciência
Em entender meus momentos de ausência.
Ser paz e a harmonia
Mesmo em dias de ventania.

Ao orientador, prof. Rafael,
pelos ensinamentos transmitidos
conhecimento repartido
com a pesquisa, contribuído.

Aos membros da banca,
que, essa missão aceitaram
realizando apontamentos
dando novos direcionamentos.

Pelo auxílio da bolsa PIBAP/UEMS
E a todos os colegas do programa
que de alguma forma ajudaram
Com pontual exatidão
meus agradecimentos e gratidão.

“Ainda criança aprendi o caminho dos pântanos.
Embora sem pena, aprendi a voar”
Pássaro Branco - Grupo Acaba

RESUMO

A Geografia enquanto componente curricular adquire contornos singulares, delimitados pelo próprio contexto educacional brasileiro, marcado por conflitos, desafios e realizações. Sendo assim, surge a seguinte questão: quais caminhos o professor, através do ato de ensinar, poderia percorrer a fim de propiciar um espaço democrático de aprendizagem no âmbito do ensino de Geografia, utilizando a música como elemento didático? Essa indagação norteia a presente pesquisa, que se propõe a discutir e analisar essa temática, não trazendo respostas consumadas, mas, colaborando para a ampliação deste debate e apontando possibilidades de intervenções. A partir disso, traçamos como objetivo, analisar de que forma a música pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem da Geografia de modo a promover outras e/ou maiores possibilidades de práticas educacionais mais significativas e contextualizadas. Diante desse cenário, analisamos as letras de músicas que apresentavam aspectos das paisagens naturais e culturais de Mato Grosso do Sul, sobre o viés da identidade territorial do estado, além de propor sequências didáticas a partir das referidas abordagens. Antes dessa ação, realizamos pesquisas bibliográficas, a fim de, na literatura, buscar indícios que fundamentassem a presente pesquisa. Nos baseando em temas centrais, tais como, Geografia escolar, paisagem, ensino e aprendizagem. Pudemos verificar a importância que a utilização desta prática no ambiente escolar pode propiciar, como forma de releitura das diferentes paisagens compreendendo a realidade em que vive. Com a proposição das Sequências didáticas, o que se constatou é que, a partir das paisagens descritas nas letras das músicas, é possível trabalhar diferentes conteúdos, em distintos anos escolares da educação básica, buscando sempre efetuar conexões com as realidades dos estudantes, levando em conta os seus saberes e vivências prévios. Foi possível, assim, evidenciar as potencialidades que essa prática pedagógica possui enquanto recurso didático, apresentando algumas possibilidades para a prática docente nesta perspectiva.

Palavra-chave: Geografia escolar. Música. Paisagem. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT

Geography as a curricular component acquires unique contours, delimited by the Brazilian educational context itself, marked by conflicts, challenges and conducted. Therefore, the following question arises: what paths could the teacher, through the act of teaching, take in order to provide a democratic learning space within the scope of Geography teaching, using music as a didactic element? This question guides this research, which proposes to discuss and analyze this theme, not bringing consummate answers, but collaborating for the intervention of this debate and possibilities for intervention. From this, we set out as an objective to analyze how music can contribute to the teaching and learning process of Geography in order to promote other and/or greater possibilities of more illustrative and contextualized educational practices. Given this scenario, we analyzed the lyrics of songs that presented aspects of the natural and cultural landscapes of Mato Grosso do Sul, on the bias of the territorial identity of the state, in addition to didactic sequences proportions from the referred approaches. Before this action, we carried out bibliographical research, in order to, in the literature, seek expressions that would support the present research. Based on central themes, such as school geography, landscape, teaching and learning. We can verify the importance that the use of this practice in the school environment can provide, as a way of re-reading the different landscapes, understanding the reality in which they live. With the proposition of Didactic Sequences, what was found is that, from the landscapes described in the lyrics of the songs, it is possible to work with different contents, in different school years of basic education, always looking for connections connections with the realities of the students, taking into account their previous knowledge and experiences. It was possible, therefore, to show the potential that this pedagogical practice has as a didactic resource, presenting some possibilities for teaching practice in this perspective.

Keywords: School geography. Music. Landscape. Teaching. Learning.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	68
Quadro 02	71
Quadro 03	74
Quadro 04	80
Quadro 05	81
Quadro A	84
Quadro B	87
Quadro 06	91
Quadro C	94
Quadro D	98
Quadro 07	101
Quadro E	103
Quadro 08	107
Quadro F	109
Quadro 09	112
Quadro G	115
Quadro 10	118
Quadro H	121
Quadro 11	124
Quadro I	126

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BAP - Bacia do Alto Paraguai.

BNCC - Base Nacional Comum Curricular.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

MS - Mato Grosso do Sul.

ZEE - Zoneamento Ecológico Econômico.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – GEOGRAFIA ESCOLAR E SUAS PERSPECTIVAS	16
1.1 Panorama da educação escolar no Brasil	16
1.2 A Geografia escolar: uma análise introdutória	19
1.2.1. Caracterização histórica da geografia escolar brasileira	21
1.2.2 A Geografia e seu contexto cidadão	24
1.2.3 Relação entre a Geografia escolar e Geografia acadêmica	28
1.2.4 A Geografia nos currículos escolares	30
1.3 Conceitos geográficos na Educação Básica	33
1.3.1 A evolução do conceito de Paisagem	37
1.3.2 O conceito de Paisagem a partir de Carl Sauer	39
1.3.3 Identidade territorial: algumas considerações	41
1.3.4 O ensino do conceito de Paisagem na perspectiva da identidade territorial.....	44
CAPÍTULO 2 – A DIDÁTICA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR	46
2.1 Ensino e aprendizagem: perspectivas teóricas	46
2.2 O professor e a didática: uma relação intrínseca	53
2.2.1 Recursos didáticos no campo das práticas pedagógicas	56
2.2.2 Práticas pedagógicas em Geografia.....	59
2.3 A música como prática pedagógica	62
CAPÍTULO 3 - AS PAISAGENS SUL-MATO-GROSSENSSES NA MÚSICA: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS.	67
3.1 Mato Grosso do Sul: um panorama	67
3.1.1 Paisagens Naturais: da Serra de Maracaju ao Pantanal	70
3.1.2 Paisagem cultural: das tribos indígenas ao contexto fronteiriço	75
3.2 Músicas de Mato Grosso do Sul: análise e sequências didáticas.	79
3.2.1 Hino de Mato Grosso do Sul	81
3.2.2 Música: Serra de Maracaju	91
3.2.3 Música: Cidades Irmãs	101
3.2.4 Música: Vaca tucura, boi pantaneiro	107
3.2.5 Música: Capital do Chamamé	112
3.2.6 Música: Peabiru	118
3.2.7 Música: Ainda resta uma esperança	124

CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
ANEXOS	
Apêndice A – Caderno Geográfico	146

1. INTRODUÇÃO

Refletir sobre a educação é considerar diversas perspectivas de análise, a partir dos mais variados contextos identificados ao longo da história, com suas transformações e particularidades.

Nos dias atuais, ainda visualizamos partes de um ensino considerado tradicional, pautado majoritariamente na figura central do professor detentor do conhecimento, como destaca Saviani (2008).

Essa base educacional, no atual panorama da sociedade, acaba se tornando distante de práticas que realmente consigam apresentar aos alunos possibilidades de desenvolverem um pensamento crítico e uma formação cidadã.

Nesta conjuntura, buscamos compreender como a Geografia escolar se organiza, enquanto componente curricular, tendo ciência que ela também faz parte da seara educacional brasileira.

Cavalcanti (2003) aponta duas disposições para o ensino de Geografia nas escolas, uma baseada nos moldes tradicionais de educação e outra visando práticas alternativas.

Essa base tradicional, vem de todo o bojo tecido no âmbito da educação ao longo da história, fato que reflete na Geografia escolar, por ela estar intrinsecamente ligada às próprias questões educacionais brasileiras.

Por outro lado, pensando na perspectiva que Cavalcanti (2003) apresentou, surgem práticas educacionais alternativas, novos olhares sobre a égide da Geografia escolar, conforme Santos, Joia e Anunciação (2016, p. 129), abordam de maneira clara:

[...] a grande evolução foi dá-lo dinamicidade, o enfoque de inovar e trazer para a sala de aula metodologias e técnicas que possam garantir ao professor, provido do conteúdo, o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula, visando substituir o pragmatismo.

Sobre essa questão pontuada pelos autores, é necessário refletir acerca do conceito de ensino e aprendizagem, em específico sobre didática considerando as práticas pedagógicas dos professores, que realmente sejam condizentes com a realidade vivenciada por alunos, professores e a própria escola.

Diante do exposto, para o desenvolvimento da pesquisa, nos balizamos pela seguinte problemática: quais caminhos o professor, através do ato de ensinar, pode percorrer a fim de propiciar um espaço democrático de aprendizagem no âmbito do ensino de Geografia, utilizando a música como prática pedagógica?

Para elucidação dessa indagação, traçamos como objetivo central, analisar de que forma a música pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem da Geografia de modo a promover outras e/ou maiores possibilidades de práticas pedagógicas mais significativas e contextualizadas. Tendo como pano de fundo, os estudos das paisagens de Mato Grosso do Sul a partir da identidade territorial.

Destacamos que, para o conceito de paisagem utilizaremos as ideias de Sauer (1998), que a subdivide em dois termos principais, as paisagens naturais, dispostas pelos próprios elementos da natureza, e as paisagens culturais, que seria a ação humana, transformando o meio ambiente.

Para a ideia de identidade territorial, nos fundamentamos em Haesbaert (2007), que a traduz como uma identidade construída pelo simbólico, a partir da apropriação dos diferentes sujeitos, criando o sentimento de pertencimento.

Estruturamos então, a relação entre paisagem e identidade territorial, como a associação de elementos que os estudantes possuem ao perceber e sentir nas diferentes paisagens, crivado por suas experiências, pautado no sentimento de pertencer, criando laços a partir de traços de sua identidade.

Sendo assim, justificamos a escolha do tema da pesquisa, a partir de três pontos centrais: o primeiro, a importância da Geografia escolar para a formação cidadã, como ponte para um desenvolvimento crítico e compreensão da realidade por parte dos estudantes.

Em seguida, as especificidades que a música possui, enquanto prática pedagógica. Os pontos positivos que ela expõe, como por exemplo, seu poder de potencializar, aspectos cognitivos do aluno, como a memória, criatividade e a percepção. E, por fim, a valorização da identidade territorial sul-mato-grossense, a partir das músicas que retratam em suas letras aspectos das paisagens naturais e culturais do estado.

Metodologicamente, a pesquisa se organiza da seguinte forma: primeiramente, uma revisão bibliográfica e documental pautada por temas pertinentes, tais como, ensino de Geografia, didática, música, entre outros, justificando-se em dar base teórica ao trabalho. Posteriormente, buscamos apresentar as paisagens naturais e culturais de Mato Grosso do Sul, como forma de viabilizar a compreensão da identidade territorial do estado.

Em prosseguimento, foram identificadas e analisadas músicas que contenham em sua letra, aspectos das paisagens naturais e culturais de Mato Grosso do Sul, além da proposição de sequências didáticas que possam ser trabalhadas em sala de aula, a fim de ser um instrumento didático para o professor.

O critério de escolha das músicas se baseou em letras que apresentam elementos pertinentes ao cenário paisagístico sul-mato-grossense dentro do contexto da identidade territorial. A identificação das mesmas ocorreu por meio de áudios e vídeos, além de livros, artigos de periódicos, revistas, jornais e também em sites especializados.

A proposição das sequências didáticas é baseada em um modelo de planejamento pedagógico predisposto, fundamentado no Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul (2017) e na Base Nacional Comum Curricular (2017).

Diante disso, esta dissertação está estruturada da seguinte forma: o primeiro capítulo, “Geografia escolar e suas perspectivas”, que tem como propósito apresentar os diversos elementos da Geografia escolar, que a caracterizam, desde sua história evolutiva, até as bases atuais, em uma relação entre Geografia acadêmica e escolar.

Em seguida, o capítulo que se sucede, “A didática no âmbito da educação escolar” articula-se como, apresentar e discutir quais as bases teóricas metodológicas que permeiam a construção da educação, bem como, a temática da didática é identificada e trabalhada dentro desse meio, pensando no contexto das práticas pedagógicas.

Por fim, o capítulo terceiro, “As paisagens sul-mato-grossenses na música: sequências didáticas”, é o objeto central da pesquisa, na qual é descrita sobre as paisagens naturais e culturais do estado, na perspectiva da identidade territorial, bem como, a análise das músicas, e a posteriori a proposição de sequências didáticas, fundamentadas no material analisado.

CAPÍTULO 1 – GEOGRAFIA ESCOLAR E SUAS PERSPECTIVAS

Este capítulo, tem como propósito apresentar elementos que caracterizaram a temática da Geografia escolar, desde sua evolução histórica, a relação entre Geografia acadêmica e Geografia escolar, até as bases atuais que a constituem.

1.1 Panorama da educação escolar no Brasil

*Ando devagar porque já tive pressa
e levo esse sorriso porque já chorei demais
hoje me sinto mais forte mais feliz, quem sabe,
só levo a certeza de que muito pouco eu sei ou nada sei.
Tocando em frente - Almir Sater*

A educação segue como ponto central em vários estudos e discussões ao longo do tempo. No processo histórico de sua evolução apresentou diversas faces, sempre refletindo as tendências vigentes de cada sociedade.

Seu início, como ponto da espontaneidade do ser humano, na elucidação de transmitir conhecimentos adquiridos, impulsionou, para a evolução da própria educação.

[...] a prática educativa também se desenvolveu inicialmente de forma espontânea, como uma atividade indiferenciada no interior da prática social global. Nessas condições, os procedimentos que caracterizam a prática educativa foram se estabelecendo e adquirindo características próprias no âmbito do senso comum, tendo como guia o bom senso de seus agentes (SAVIANI, 2010, p. 14).

Dias e Pinto (2019) destacam que o ato de educar não é o mesmo, em todos os tempos e em todos os lugares, mas é passível de mudanças, o que se mantém como padrão, é seu caráter como processo social.

Sobre essa ideia, destacamos que a educação é reflexo da sociedade vigente, variando no decorrer do tempo e/ou do espaço. As tendências, os ideais, os valores que carregam consigo, é condicionado também ao âmbito educacional.

Como assinala Freire (1967, p. 39): “[...] o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo”. É nessa abertura, que apresenta as suas aspirações frente à sociedade.

É compreender que nesse processo, o ato de educar ganha contextos singulares, em cada perspectiva de sociedade na qual é analisado. É refletir sobre um processo que é inerente ao desenvolvimento humano, mas que é plural em cada tempo e/ou espaço.

“A educação é, portanto, um processo social que se enquadra numa certa concepção de mundo, concepção esta que estabelece os fins a serem atingidos pelo processo educativo em concordância com as ideias dominantes numa dada sociedade”, apontam Dias e Pinto (2019, p. 449), corroborando com a discussão.

Consideramos a educação no âmbito brasileiro, para refletirmos sobre a organização educacional, haja vista, as condições materiais, culturais e sociais que o país ao longo de sua trajetória histórica apresentou e ainda apresenta.

No âmago da sociedade brasileira, a educação passou por diversas ponderações, seja acerca do trilhar iniciado pelos jesuítas ainda no período colonial, ou pela direção científica e pioneira, trazida pelos renovadores do Escolanovismo. Ao debate sobre a educação tecnicista no período militar, até a inserção da educação sobre o viés neoliberal.

Devemos lembrar que a educação se materializa em síntese, nos campos escolares, no chão da escola. Se pensarmos no caráter social pelo qual se constrói o cenário educacional, condicionamos, como a escola é vista em sua função social. Além da sua função científica, no campo do ensino, em ser lócus de produção de conhecimento.

Bueno (2001), aponta para as condições gerais da vida, na forma como acabam refletindo na escola, principalmente na periferia, que muitas vezes são assoladas por mazelas, como crimes, tráfico de drogas, a própria fome. Caminhos que apresentam uma dinâmica diferente, frente ao desafio da função que a escola e a educação carregam consigo.

Tomamos como exemplo, a aproximação de adolescentes com o uso de substâncias ilícitas. Malbergier, Cardoso e Amaral (2012), em seus estudos, apresentam um levantamento com adolescentes e sua proximidade com drogas lícitas (tabaco e álcool) e ilícitas (maconha). Como resultado:

Os adolescentes que repetiram o ano escolar tiveram mais chances de usar álcool e outras drogas do que aqueles que não repetiram[...]. Para os adolescentes que usaram álcool e tabaco e para os que usaram drogas ilícitas, os riscos de repetência foram duas e três e meia vezes maior, respectivamente, do que para aqueles que não usaram nenhuma substância (MALBERGIER; CARDOSO; AMARAL, 2012, p. 686).

Como expoente dessas informações, quando pensamos na questão da repetência escolar, direcionamos a reflexão a possíveis fatos relacionados a evasão escolar¹, que se converte a mais um desafio da escola.

¹ Lino (2020, p. 6) aponta que: “Estudos que enfatizam que uma família desestruturada, a falta de políticas públicas e de ações dos governos, a falta de emprego, desnutrição, gravidez na adolescência, e até a própria escola são fatores determinantes para a exclusão social e educacional”, assim, refletimos sobre a evasão escolar de fatores sociais.

Ainda nessa temática, Bahls e Ingbermann (2005) salientam sobre práticas políticas, sociais e educativas, para lidar com “alunos difíceis”, em uma escola plural, que aproxime, e que não exclua, pois, esse discente também faz parte integralmente da escola.

Dessa forma, a escola ao longo de seu trilhar, ganha significados diferentes: para alguns ela é sinônimo de estudo, para outros, um refúgio das atrocidades vivenciadas cotidianamente, ou mesmo a principal fonte de acesso a alimentação de mínima qualidade. O que queremos contextualizar, é que, os desafios que a escola enfrenta, vão muito além de propor um ensino de qualidade, mas perpassam pelas condições sociais a quais indiretamente ficam incumbidas.

Bueno (2001, p. 06) reforça essa ideia:

[...] a escola como espaço de convivência social, se torna um centro de referência pessoal que marca os sujeitos que por ali passam, pelo simples fato de estar nessa e não em qualquer outra, fruto de traços que a identificam, a tornam única: as oportunidades de convívio, as atividades das quais participam, as formas pelas quais “vivem” o cotidiano escolar.

Igualmente, os desafios que a escola verifica nas condições materiais e imateriais de sua existência são enormes. Fatos que atravessam todo o contingente que faz parte desse meio, gestores, coordenadores e também os docentes.

Quando pensamos no papel que o professor desempenha no campo educacional, nos damos conta, que, o seu trabalho vai muito além de ser o mediador da construção do processo formativo do discente, mas que se enraíza por várias dificuldades e desafios. Considerando que sua tarefa central, é a de promover o processo de ensino, de contribuir para a formação integral e cidadã dos alunos.

Zancan e Spagnolo (2012) abordam sobre essa temática, destacando as mazelas na labuta que os docentes desempenham em sua função, traduzindo, desde a remuneração, as más condições de serviço, a carreira docente, organização e políticas, as bases que atravessam a profissão.

É nesse cenário que muitos professores desempenham seu posto, carregados do fardo, vivenciando situações distantes de sua formação. É aprendendo no dia a dia escolar, que a profissão docente se materializa a partir dessa experiência.

Visualizamos assim, a realidade enfrentada por muitos, que na missão de mediar a construção do conhecimento, acabam se deparando com inúmeros desafios. O professor, no exercício de sua profissão, coloca-se nas mais diversas situações, dentro e fora de seu alcance, em muitos casos, busca resolver todos os cenários. Sendo um profissional multi ou transdisciplinar.

Zancan e Spagnolo (2012, p. 92) destacam essa situação como, “a realidade educacional que coloca em xeque a falta de professores, que possuam um “jogo de cintura” para equilibrar o intelectual, o emocional, o ético e o pedagógico [...]”.

No cerne desta discussão, lembramos que a missão principal do professor, é ser o mediador da construção sólida do conhecimento. Na base em que o discente, como protagonista de seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social, desempenha um papel de transformação.

Ao que diz respeito ao desenvolvimento social, sublinhamos a construção da noção sobre cidadania, compreendida como “o conjunto de direitos e deveres do indivíduo que pertence a uma determinada comunidade, que passa a designar-se como cidadão”, assinalam Martins e Mogarro (2010, p. 187).

Destarte, na função social da escola, destacamos seu caráter formativo voltado à prática cidadã. Uma preocupação fundamentada em objetivar um ensino que consolide um horizonte, a formar alunos com pensamento crítico, ligados à consciência cotidiana de transformação da realidade.

Quando pensamos em cidadãos, refletimos a sua ação (ou inércia), frente a sociedade em que vive – dotado de direitos, mas também de deveres. Kapuziniak (2000, p. 105) ressalta que “a cidadania se constrói nas relações sociais e institucionais”, dessa forma, não há de se pensar cidadania, longe do contexto social.

Kapuziniak (2000) atravessa a discussão, apresentando elementos inerentes, onde o saldo final da educação é a própria cidadania. É o trabalho geral escolar, pautado na ação docente em busca de formas de propiciar um trabalho voltado a esse fim.

Para tanto, refletimos como a Geografia escolar se coloca frente a esses cenários descritos, buscando compreender o papel que ela desempenha em um contexto de transformação social, como parte integrante dos processos educacionais.

1.2 A Geografia escolar: uma análise introdutória

A Geografia, enquanto ciência, possui variadas definições, em muitos casos, vemos a grosso modo, correspondendo a uma tentativa de análise do meio no contexto da relação entre homem x natureza, da descrição da superfície terrestre, mas que não se limita apenas nesse sentido, haja vista a complexidade da qual a superfície terrestre ganha forma.

Alguns autores definem a Geografia como o estudo da superfície terrestre. Esta concepção é a mais usual, e ao mesmo tempo a de maior vaguidade. Pois a superfície da Terra é a teatro privilegiado (por muito tempo o único) de toda reflexão científica,

o que desautoriza a colocação de seu estudo como especificidade de uma só disciplina (MORAES, 2007, p. 4).

Ideias essas, crivadas pôr um constructo histórico, se sobressaindo para uma ideia muito mais específica e centrada, correspondendo a vários campos de atuação, onde em certos momentos era vista sobre a ótica de uma ciência de síntese (ao relacionar campos de estudo de outras ciências), há também, a análise, por exemplo, da paisagem, vista como, apenas parte do real, como salienta Moraes (2007).

Destarte, é na sua história calcada por diversos pensadores, que de alguma forma contribuíram para a construção da ciência geográfica, dando forma como a visualizamos e a sentimos atualmente, além dos direcionamentos que ainda iremos presenciar, refletindo na sua evolução.

Claval (2007, p. 11), por exemplo, apresenta a Geografia, enquanto o estudo da “repartição dos homens, de suas atividades e de suas obras na superfície da terra, e tenta explicá-la pela maneira como os grupos se inserem no ambiente, o ‘exploram e transformam’”. Enquanto que Callai (2005) considera a Geografia enquanto base para leitura e compreensão do espaço, das paisagens enquanto construção social. São formas de análise que permeiam as diferentes discussões.

Dito isso, consideramos essa apresentação inicial para calcarmos a discussão acerca da Geografia escolar, pois ela também é reflexo desta ciência no âmbito científico e acadêmico². Refletir acerca da relação entre a ciência geográfica no âmbito universitário e escolar, também é uma perspectiva fundamental.

Face ao exposto, autoras como Callai (2005) e Cavalcanti (2003) fazem apontamentos sobre essa temática, principalmente sobre as bases que permeiam o ensino de Geografia na escola. Em suma, elas apresentam e tecem críticas, sobre como a Geografia é verificada no âmbito escolar, pautada em práticas tradicionais, no ensino mnemônico, voltado na velha premissa, do aluno ouvinte e a figura do professor como o detentor do conhecimento e o protagonista.

A partir dessa perspectiva tradicionalista da qual a Geografia escolar ainda, em tese, se baseia, refletimos sobre o que a condiciona para esse caminho, trilhando um (re)pensar sobre

² Consideramos Geografia escolar, aquela (re)produzida no âmbito da escola, pautada nos currículos e documentos norteadores, que congregam conteúdo a serem trabalhados nas redes básicas de ensino. Já a Geografia acadêmica-científica é aquela (re)produzida no âmbito do ensino superior, nas universidades, nos centros de pesquisa, que considera um rigor mais técnico e direcionado para a produção geográfica. Dessa forma, trazemos a relação que elas possuem, de tal forma que a Geografia ensinada nas escolas, perpassa também pela formação de docentes que irão exercer seu papel como professores.

temas que podem ajudar a balizar esse pensamento, principalmente na relação da formação docente para a educação básica, e a questão do currículo que molda os conteúdos a serem relacionados para o ensino.

Justificamos a escolha desses dois temas, partindo inicialmente da formação de professores, pelo fato de que, se verificamos um predomínio de práticas pautadas no ensino tradicional, recai sobre os ombros das práticas adotadas pelo docente, a questão que passa pelo crivo de sua formação, já que são as estruturas curriculares que orientam, normatizam e definem os saberes geográficos necessários para a compreensão da realidade.

Sendo assim, se falamos da forma de como mediar os conteúdos, devemos repensar quais são esses, os interesses que atendem, refletir sobre as perspectivas frente aos currículos e documentos normativos, que constroem o ensino de Geografia na escola.

Obviamente, cabe reiterar, que tais indagações norteiam o pensamento, não no sentido de trazermos respostas prontas e acabadas, mas sim, de contribuir com a discussão que é tão rica e complexa.

É (re)pensar os caminhos pelos quais nos utilizamos desta ciência, no âmbito acadêmico e principalmente educacional, enquanto componente curricular. Na relação no que tangencia a formação de professores, no currículo e nas práticas pedagógicas dos professores.

A educação brasileira sempre passou por diversas dinâmicas e perspectivas ao longo de seu processo evolutivo. Muitos foram os percalços que ganharam contornos, nos estudos do campo educacional, atrelando-se os componentes curriculares em dimensões amplas.

Comprendemos dessa forma: a Geografia escolar enquanto aquela transmitida e vivenciada no bojo da sala de aula, no “chão da escola”, vista enquanto componente curricular no contexto da escola e da educação, congregando saberes que dão base ao aluno compreender o meio em que vive, as diferentes realidades que perpassam a sociedade, na relação com os elementos físicos e antrópicos.

Vale salientar, que essa construção de Geografia escolar foi ganhando diferentes perspectivas ao longo da história, assim como a própria educação brasileira.

1.2.1. Caracterização histórica da geografia escolar brasileira

Se vislumbramos uma Geografia escolar, na forma de como ela é hoje, é reflexo de um passado evolutivo, que crivado pelos diferentes detalhes e contextos a moldaram nesse espaço

- tempo. Consideramos a história da Geografia escolar, atrelada à própria história da educação brasileira.

Tomamos como exemplo as primeiras organizações, como a Companhia de Jesus, que tinha como *a priori* a catequização dos indígenas no período colonial, além de se organizarem como bases de ensino.

Quando os jesuítas chegaram ao Brasil, iniciou-se o processo de catequização, escolarização e aculturação dos indígenas, o processo educacional com colaboração dos jesuítas, conforme já mencionado deu início em março de 1549, quando chegaram os primeiros jesuítas perceberam que não seria possível ensinar a fé católica sem que os indígenas soubessem ler e escrever [...] (BORGES; SAMBUNGARI, 2019, p. 05).

Pensando especificamente na Geografia escolar por esse período, podemos identificar uma disciplina que se dava em sua maioria por meios indiretos, não possuindo de maneira clara e objetiva um escopo de ensino. Ela era assistida principalmente nas questões voltadas à religiosidade, ligadas à igreja católica conforme salienta Silva (2012).

Posterior a esse primeiro processo, após a expulsão dos jesuítas, por ordem de Marquês de Pombal, e com a centralização da educação voltada mais fortemente ao governo português, começamos a ter um novo desenho de educação, que se referia ao contexto das Aulas Régias, que se voltava ao controle da coroa, “este Alvará extingue, em definitivo, todas as escolas jesuítas, ficando os próprios proibidos, em absoluto, de todos os estudos”, como explicitam Rosa e Gomes (2014, p. 46).

Neste mesmo período, foi o marco de início do ensino público, regido pela coroa, Cardoso (1999, p. 106) apresenta: “A Reforma foi efetivamente iniciada com o alvará de 28 de junho de 1759 que implantou, ainda que precariamente, a educação pública em todas as partes do reino de Portugal, incluindo seus domínios ultramarinos”. Agora o Estado tinha a função de organizar as diretrizes educacionais bem como dar bases de uma educação gratuita para a população, ainda conforme Cardoso (1999).

Nesse contexto, destacamos a criação do Colégio Pedro II em 1837, na capital, na época Rio de Janeiro, que se tornou um marco para efetivação curricular de muitas disciplinas, em específico a Geografia, a qual ganha uma base mais sólida e direta:

[...] a importância do Colégio Pedro II apareceria mencionada com destaque em ambos os estudos, justamente por ter sido a instituição pioneira na implantação do ensino sistemático, regular e seriado da geografia escolar e, evidentemente, de outras disciplinas escolares no Brasil. Seria o Imperial Colégio o âmbito institucional onde as políticas públicas para a educação secundarista estariam postas originalmente em prática [...] (CORRÊA, 2015, p. 116).

Dessa forma, em termos de conteúdo, a Geografia escolar ganha uma base mais palpável, um norte mais específico para sua sistematização “[...] a Geografia incorporou paradigmas vigentes na sociedade, como por exemplo, o ensino enciclopédico, mnemônico, com listas de nomes para serem “decorados”, como salientam Melo, Vlach e Sampaio (2012, p. 4).

Salientamos, a relação que a Geografia acadêmica possui com a Geografia escolar. Até a criação do Colégio Pedro II, observava-se um currículo e um ensino que indiretamente apontava para a Geografia, mas sem uma sistematização palpável.

Sua sistematização no Brasil, ganhou forma principalmente, com a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, da criação da SBG- Associação Brasileira de Geógrafos, e da própria criação da Universidade de São Paulo – USP, a partir da década de 1930, como destaca Menezes (2015).

Menezes (2015), ainda destaca a influência francesa na formação de professores no curso da USP, pelo fato de dois professores carregarem essa bagagem teórico conceitual: Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines, que carregavam as ideias lablachianas.

Nos anos seguintes, começamos a identificar, aspectos que condicionam a uma importância para a Geografia na escola, tendo como exemplo, a Lei nº 4244, de 1942, mais conhecida como Reforma Capanema, ou ainda Leis Orgânicas de ensino, criada sobre a égide do governo Vargas, especificamente sobre a tutela do então ministro da educação Gustavo Capanema Filho.

Ela trazia um arcabouço teórico e principalmente curricular, sobre a organização dos componentes curriculares. Sobre a Geografia, a análise se dá em dois vieses, o primeiro a Geografia Geral que aborda conteúdos mais amplos no contexto escolar, o segundo é a Geografia do Brasil, que aborda mais intimamente aspectos da Geografia do país, abordando principalmente elementos naturais do Brasil.

O que notamos dessa ideia, é primeiramente, a importância que a Geografia vai receber, principalmente em duas frentes. A primeira, referente a Geografia Geral, que contemplava aspectos físicos gerais em escala global. A segunda, referente a Geografia do Brasil, que direcionava aos estudos dos aspectos naturais do país (BRASIL, 1942).

Mesmo com o período do Escolanovismo³, não vemos o distanciamento da Geografia escolar das bases tradicionais, como é exposto por Cabral (2018, p. 125), sobre esse contexto

³ Nesse período, temos ascensão ao Escolanovismo, que tinha como base, uma forma diferente de se pensar a educação, principalmente na relação professor x aluno. A autonomia dada aos alunos em descoberta do seu

“[...] temáticas físico-naturais constituem, historicamente, uma tipologia de conteúdos escolares presentes nas disputas por sentidos para a geografia escolar, e que, como produções discursivas e práticas culturais, no contexto varguista”.

Por volta da década de 1970, começa-se a verificar a ascensão de uma nova corrente, baseada no materialismo histórico dialético, a Geografia Crítica. Ela apresenta uma crítica aos métodos tradicionais, além de propor uma relação diferenciada, da relação do sujeito com o meio, em um sentido de transformação social, como salienta Menezes (2015).

A Geografia Crítica traz um olhar diferenciado para a realidade, mas que em seu desenrolar, ficou minimizado frente a Geografia tradicional que era amplamente difundida e reproduzida no seio escolar.

Dessa forma, na evolução da Geografia escolar brasileira, verificamos de maneira geral, um ensino ainda voltado, a práticas destinadas a conhecimentos enciclopédicos, mnemônico e que ainda se reproduz, seja na ideia verificada pela amplitude que os currículos escolares ganham, ou até a pauta entre a dicotomia Geografia acadêmica x escolar.

O que sabemos, é que mesmo nessa prática tradicional, não invalida o seu real significado, de dar base aos alunos, como ferramenta para compreensão e transformação social. Compreender a Geografia no seu caráter social e principalmente na construção da noção de cidadania, de um indivíduo que tenha possibilidades de transformar sua realidade.

1.2.2 A Geografia e seu contexto cidadão

Para o conceito de cidadania, traduzimos nas palavras de Farias (2020, p. 15): “um conjunto de direitos e deveres que incondicionalmente deve ser exercido por todos, irrestritamente e, para isso, as questões relativas ao espaço são fundamentais”.

Quando refletimos sobre a compreensão das diferentes realidades vivenciadas, consideramos uma perspectiva social a esse processo, ou de maneira mais direta, um caráter cidadão.

Se voltarmos nossa análise para a escola, levando em conta os diferentes atores que ali estão empregados: gestores, professores e estudantes, a comunidade como um todo, cada um destes citados, desempenham papel fundamental no desenvolvimento escolar e social, constituindo seu papel de cidadão.

processo de aprendizagem é maior, principalmente pelo fato do professor ser visto como um mediador desse conhecimento.

Partindo dessa ideia, buscamos verificar como a Geografia participou (e participa) para a construção da noção de cidadania, carregando seu caráter de compreensão e transformação da realidade.

Considerando que ao longo da história, constatamos que a ciência geográfica passou por períodos de aproximação e distanciamento de pautas cidadãs. Ora buscava atender demandas para a construção de uma identidade nacional, ora, se via negligenciada em governos de ditadura. Ao passo, essa ideia se materializa nos campos escolares.

Tomemos como exemplo, a configuração da sociedade em 1930, que nos planos de governo, almejava a construção de uma identidade nacional. No governo Vargas, a construção de uma noção de unidade era imprescindível para a integração do território, como salienta Farias (2020).

Tendo assim, o início de um nacionalismo que refletia na ideia de cidadão patriótico “esse nacionalismo deveria ser do tipo ilustrado, ou seja, o bom brasileiro, como delegava os fundamentos do positivismo clássico, que inspirava o projeto, deveria ser o cidadão forjado nos princípios da ciência”, nas palavras de Farias (2020, p. 18).

Perante esse cenário, é que no âmbito escolar a Geografia emergia, para dar cabo a uma narrativa de cidadania, que visava corresponder a ideais da sociedade da época, a serviço de um projeto político.

Dessa maneira, ela se apresentava como figura de gestão e controle do território, como um componente curricular visto de suma importância para tal feito (FARIAS, 2020). Sobre a questão territorial, é assumir a postura de uma estrutura social que corrobora para a sensação da construção de nação, da união dos diferentes pontos do país.

Vale destacar que, assim como a educação reflete as práticas e tendências sociais vigentes em cada sociedade, a Geografia escolar faz parte desse contexto, diante disso, traduz a sua utilização para suprir determinadas demandas.

Desse pressuposto, nos processos históricos brasileiros, nos deparamos com o período da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), que correspondeu a uma nova (re)organização das estruturas sociais, e também educacionais.

Em específico nos campos educacionais, verificamos uma tendência que se voltou ao tecnicismo. Em suas delimitações, objetivava-se pelo ensino voltado a formar trabalhadores para o manuseio de máquinas, para a indústria, que em partes, negava o caráter de formação crítica dos estudantes.

Nesse contorno, a Geografia, assim como toda a área de Ciências Humanas, foram cerceadas em seu modo de pensar:

Nesse modelo educacional, as Ciências Humanas foram secundarizadas, por não servir ao projeto pedagógico tecnicista ou pelas suas possibilidades de abordagem crítica da sociedade, constituírem-se em ameaças à hegemonia do regime ditatorial. Quando muito, na academia, tiveram que se adequar aos interesses do planejamento estatal e empresarial, ou, na escola, reproduzir o teor nacionalista do seu discurso pedagógico, em datas comemorativas nacionais, como foi o caso da Geografia (FARIAS, 2020, p. 21).

Farias (2020) aponta para as novas atribuições geográficas no âmago do período militar, caracterizando-a em um primeiro momento, em sua fusão com a história, dando base para a criação do componente curricular de Estudos Sociais. E em um segundo momento, a carga horária reduzida, para dar espaço para componentes curriculares como Educação moral e cívica, e Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Notadamente, um período que marcou o caráter social e de cidadania da Geografia. Novas funções foram delegadas a ela, dando características diferentes da sua essência crítica e de transformação.

Diante dessa exposição, fica claro que, por mais que se mantiveram bases das Ciências Humanas, seus objetivos principais foram alterados, visando principalmente dar cabo de uma demanda que priorizasse a manutenção de um ideal nacionalista, distante de propiciar aparatos para a formação e desenvolvimento crítico.

Com o desenrolar da própria história, superando o período militar, no processo de redemocratização da política brasileira, com a elaboração e aplicação da Constituição de 1988, conhecida como a Constituição Cidadã, iniciou-se novas configurações no cenário educacional brasileiro.

Agora com uma normativa sólida, que visava dar aportes à construção cidadã, com garantia de direitos, emergia uma nova perspectiva para a Geografia escolar, como pauta de propiciar formas de compreensão da realidade de forma crítica.

“Os professores críticos da organização e do sistema educacional dos anos anteriores, agora ganham credibilidade, onde muitos eventos, palestras e consultas são realizadas com o objetivo de tornar a educação um espaço da cidadania”, conforme destacam Silva e Melo (2018, p. 4).

Vale ressaltar que apesar desse novo cenário, as mudanças no âmbito da sala de aula não aconteceram de forma acentuada. Ainda atrelado a um pensamento tradicional, verificava-se uma certa resistência por parte dos professores, visto a nova roupagem para qual conteúdos, conceitos e práticas ganhavam.

[...] muitos professores não conseguiram desenvolver a construção dos conceitos geográficos a partir dos conceitos espontâneos dos alunos, o que pressupõe considerar tais conceitos como mediações simbólicas para a leitura crítica do real; os processos para a sua internalização como uma atividade interna do educando, mediados pela relação dele com o mundo, os outros, o docente, através da mediação pedagógica [...] (FARIAS, 2020, p. 26).

Na evolução da história educacional brasileira, logo após aos efeitos da redemocratização, acendeu-se políticas de cunho neoliberais, que visavam principalmente um menor controle do estado sobre diversas temáticas, entre elas a educação, além de apresentar uma lógica mercadológica.

Com uma educação que agora assume um caráter de neoliberal, suas estruturas se voltam a pensar um ensino direcionado ao mercado de trabalho, em formar mão de obra qualificada.

A nova identidade assumida pela construção cidadã, se traduz na fala de Silva e Melo (2018, p. 6) “O debate em torno da construção de uma cidadania consciente foi substituído por uma política que visa a formação do aluno para a competitividade do mercado nacional e para a aceitação dos primados do credo liberal”.

Nessa mesma toada, buscamos ainda nas palavras de Callai (2005), apresentar o caráter social que a Geografia assume, em não ser apenas um componente curricular, pautado em reproduzir conteúdos desvinculados da realidade, mas que realmente auxilie o aluno a compreender o meio em que vive. Nesse novo período, se distanciando novamente de seus objetivos gerais.

Diante disso, voltamos ao debate para compreender a real figura objetiva da Geografia escolar no cenário cidadão:

[...] por meio dos conteúdos geográficos pode possibilitar o entendimento da realidade, considerando os anseios, os problemas, as dificuldades enfrentadas no cotidiano e, assim, colaborar para que o aluno lute pelo direito de seus direitos, respeitando e convivendo com as diferenças (ROSA, 2014, p. 383).

Um componente curricular, que se apresenta como alicerce transformador na sociedade, na releitura do mundo, na aproximação entre os aspectos físicos naturais e a ação antrópica.

Para essa formação cidadã, a Geografia se insere, no ponto que propicia ao aluno, aportes para compreender sua realidade, entender e diferenciar as diversas dinâmicas que compõem o seu meio, dessa forma, pode, de maneira clara, consistente e crítica, transformar seu cotidiano. Além disso, a Geografia ainda promove, nos estudantes, a reflexão e o diálogo sobre a figura de ser (re)produtor da sua vivência, e que através de suas ações em uma

perspectiva cidadã, ser ponto de transformação de seu cotidiano, corroborando para mudanças significativas.

Cabe ressaltar que, para chegar a essa ação, o professor assume papel de grande importância como mediador desse conhecimento no âmbito de sala de aula. A sua prática pedagógica acaba se tornando ponto central para o desenvolvimento dos conteúdos.

Mediante isso, buscamos pontuar como a formação acadêmica influencia às práticas pedagógicas dos professores em sala de aula.

Contudo, chama-se para essa responsabilidade os atores professores formadores e os futuros professores de Geografia. A universidade que forma o professor de Geografia tem que aproximar o saber científico, em toda sua esfera investigativa (teoria e metodologia) para formar professores conscientes e atuantes nas escolas (BRAGA, 2021, p. 14).

É buscar entender a influência que a Geografia acadêmica possui na Geografia Escolar, refletindo nas práticas dos professores no desenvolvimento do pensamento crítico, na evolução da própria cidadania.

1.2.3 Relação entre a Geografia escolar e Geografia acadêmica

A formação cidadã é agregada nas concepções geográficas. A compreensão da realidade por meio dos conceitos pertinentes à Geografia, traduz seu contorno social e sua preocupação com os diferentes espaços e contextos.

Seu entendimento passa pelo crivo da formação dos professores, a essa atrelada aos campos do Ensino Superior. Os conhecimentos necessários para a profissão docente são constituídos inicialmente na academia, e essa posteriormente, se desenvolve no trabalho diário em sala de aula.

Trazemos a luz ao debate da relação para a formação docente para a educação básica, especificamente para os campos geográficos. Portugal e Meireles (2008) apontam para essa relação ao tratar da academia, como a formação inicial docente, e a escola como espaço contínuo de formação e aprendizado. Dessa forma, a Geografia, passa primeiramente pelo âmbito da formação docente, para posteriormente ganhar forma na sala de aula.

Pensar em formação docente é antes de tudo, (re)conhecer as realidades do campo educacional, da escola. Ter a ciência das particularidades e desafios a serem encarados enquanto futuro docente.

Assim, compreende-se que não é possível pensar na docência em geral [...] sem refletir sobre o papel da própria da educação [...] na formação de adolescentes, jovens e

adultos na sociedade brasileira, cuja condição de classe dos sujeitos (ou fragmento de classe) define a trajetória na educação escolar, ou ainda, a exclusão dessa dimensão educacional. Da mesma forma, é preciso pensar nos motivos mais profundos que impõem a existência de diferentes e desiguais escolas (MOURA, 2014, p. 13).

Refletir que a formação se dá em suma para os campos da educação básica, considerando a importância e relevância do impacto da profissão para a sociedade, na construção do processo de ensino e aprendizagem, visando a plena formação crítica cidadã do discente.

Nesse sentido, a formação de professores de Geografia em âmbito do ensino superior, passa por diversas perspectivas, balizadas muitas vezes em um ensino que se volta para uma base muito mais técnica, para saberes mais específicos, e com uma abertura menor aos saberes educacionais.

[...] devido à composição da grade curricular das licenciaturas em Geografia, a qual é formada por disciplinas específicas e disciplinas pedagógicas, acarretando uma divisão entre Geografia e educação (MENEZES; KAERCHER, 2015, p. 56).

Essa menor abertura, em hipótese, acaba por trazer uma base formativa menor ao professor, quanto à prática pedagógica, no âmbito da sala de aula. As práticas pedagógicas acabam se tornando um entrave, e muitas vezes, os conteúdos considerados para a escola são repassados como informações, como destacam Menezes e Kaercher (2015, p. 57) “conhecimento científico precisa ser transformado em conteúdo pedagógico[...]”.

Quando pensamos nessa questão de apenas “repassar” informações, é que em teoria, fazemos um comparativo com as mazelas verificadas em sala de aula, principalmente acerca da reprodução de conteúdos.

Em muitos casos, o professor tem domínio sobre determinada área, mas não consegue explicar para seus alunos de maneira clara e objetiva. Se distancia das práticas de transposição didática.

Refletindo sobre esse tema, estamos ponderando sobre os saberes que são construídos pelos docentes ao longo de sua graduação, transformando uma linguagem científica mais complexa em algo mais acessível para os discentes: como falar por exemplo, de processos endógenos e exógenos relacionados ao relevo para um aluno do 6º ano?

É a forma de considerar práticas de ensino que realmente façam sentido para o contexto de sala de aula, conseguindo não somente repassar informações para os alunos, mas sim, propiciar formas para que eles consigam desenvolver seu senso crítico, mediante os saberes colocados para ele.

Citando “a transição do conhecimento considerado como uma ferramenta a ser posta em prática, para o conhecimento como algo a ser ensinado e aprendido, é precisamente o que eu tenho chamado de transposição didática do conhecimento” (CHEVELLARD, 2013, p. 9). Essa transição para a qual o autor aponta, é a relação mediada pelo professor. É o papel fundamental que vai separar a simples forma de reprodução conteudista, para um processo realmente significativo no campo do ensino e aprendizagem.

Sendo assim, temos a formação do professor para a educação básica, reflexo condicionante da relação entre academia x escola. Se temos uma Geografia Escolar pautada em bases tradicionais, é em parte fomentada por essa relação.

É considerar Menezes e Kaercher (2015), ao abordarem a importância que se deve dar também a própria licenciatura e não só ao bacharel, para que assim, os futuros docentes também desenvolvam esse pensar para a escola, e não apenas uma base consolidada de saberes acadêmicos, distante de práticas referenciadas nas práticas pedagógicas

Pereira (1995) também aponta para essa relação, ao trazer a discussão sobre os conteúdos curriculares no âmbito do ensino superior, refletindo principalmente sobre as produções acadêmicas, em anais, revistas, sobre o conhecimento produzido em âmbito universitário, em que muitas vezes o ensino de Geografia é negligenciado.

É sobretudo, ter a ciência de que a Geografia no contexto da licenciatura, precisa ser pensada também na parte pedagógica. Ao passo que, quando formados, se tornará um geógrafo, mas também professor.

Dentro disso, quando nos debruçamos a estudar todo esse cenário, condicionamos também ao debate compreender como a Geografia escolar se dispõe frente ao currículo. Discutir o que é currículo, qual a sua função e principalmente, sua influência para os campos geográficos.

1.2.4 A Geografia nos currículos escolares

O estudo sobre currículo, traz uma abordagem muito ampla, a partir de várias óticas sobre a qual é analisada. Seja no âmbito jurídico-normativo, através da organização dos conteúdos, da relação com a didática, ou ainda na sua aplicação em sala de aula.

Cabe destacar, que o currículo ao qual nos atentamos no presente trabalho é sobre o currículo escolar, discussão que intrinsecamente volta-se também para os conteúdos ensinados.

Quanto a definição conceitual de currículo, Saviani (2016, p. 55) considera:

Currículo é entendido comumente como a relação das disciplinas que compõem um curso ou a relação dos assuntos que constituem uma disciplina, no que ele coincide com o termo programa. Entretanto, no âmbito dos especialistas nessa matéria tem prevalecido a tendência a se considerar o currículo como sendo o conjunto das atividades (incluído o material físico e humano a elas destinado) que se cumprem com vistas a determinado fim.

Ao analisarmos o trecho citado, podemos verificar que o currículo de maneira inicial é caracterizado como a relação e sistematização de conteúdos a serem trabalhados em determinado ano escolar, mas que não se limita apenas essa definição, podendo ganhar ainda outros contornos.

Quando ponderamos sobre esse assunto, trazemos a ideia de outros autores, como é apresentado por Santos e Casali (2009), ao considerar o currículo não apenas um “organizador” de saberes, mas também reflexo da construção de uma cultura na qual ele é pensado.

Através dele, são (re)afirmados, posicionamentos econômicos, sociais, políticos, sendo espelho da sociedade em que é construído “o currículo é, também, inseparável da cultura. Tanto a teoria educacional tradicional quanto a teoria crítica veem nele uma forma institucionalizada de transmitir a cultura de uma sociedade” (SANTOS; CASALI, 2009, p. 209).

Ferreira (2009) também aponta para essa relação, abrindo a discussão em dois sentidos: o primeiro, é o currículo visto como elemento de organização dos conteúdos, mas que ganha contornos únicos na sua execução no ambiente escolar, um currículo facetado a partir do seu trilhar na escola, moldado por professores e alunos. O segundo, a perspectiva curricular pautada em questões de cunho político e social, transcendendo apenas as questões técnicas conceituais.

Sendo assim, o currículo não pode ser compreendido como apenas um fato isolado, mas sim, numa rede muito mais complexa, que reflete a sociedade pela qual foi escrito.

A Geografia escolar também se sujeita às questões do currículo escolar. A partir disso, relacionamos as questões curriculares refletindo sobre quais os impactos e influências que ele possui, correlacionando com seu caráter cidadão.

Quando pensamos nessa relação, devemos ter em mente que a Geografia se submete às perspectivas educacionais. Pereira (1995), por exemplo, disserta sobre a relação da Geografia escolar ainda possuir uma construção conteudista, principalmente crivada pelo senso comum.

A partir disso, verifica-se contradições, se um dos focos da Geografia no âmbito escolar é dar aportes para os alunos lerem e interpretarem o mundo a sua volta (CALLAI, 2005, 2011), sua realidade, acaba por não considerar esse aspecto. Baseando assim, os impactos curriculares que são provocados no âmbito desse componente curricular.

Outro ponto de discussão, é a questão que Pereira (1995, p. 148) levanta:

[...] outro conflito que se estabelece nas grades curriculares de vários níveis, é entre as disciplinas geografia e história. Essa confusão se acentuou, principalmente, com o movimento de crítica a geografia tradicional, de raízes positivistas. Isso aconteceu por que, via de regra, assumiu-se que todo o fato é histórico, e, portanto, toda a análise geográfica da realidade devia partir do princípio de que a construção do espaço é um processo histórico.

Ao trazer tal afirmação, repensamos a relação interdisciplinar entre os dois componentes curriculares. Tal interação por via de fato deve ocorrer, mas de maneira coerente, haja vista, podendo desviar o foco da Geografia em sala de aula.

Visamos ainda compreender como a Geografia se desenvolve nos documentos atuais, dentro do currículo, diante disso, salientamos sobre a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, se traduzindo como documento normativo que regulamenta e serve de base para a construção dos currículos das redes municipais, estaduais e federais de educação de todo o Brasil.

Ela aborda a Geografia como ciência plural de compreensão do mundo, da transformação da realidade por ações humanas no dia a dia, em seu caráter físico e social (BRASIL, 2017). Ainda nessa releitura, a BNCC, apresenta a Geografia, como componente curricular, justificando sua importância:

[...] contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da Paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (BRASIL, 2017, p. 359).

É nesse conceito de identidade, que o sujeito se percebe enquanto parte de um meio, de uma sociedade, em que ele pode, enquanto ser dotado de vivências, exercitar sua cidadania, transformando sua realidade.

Continuando a discussão, baseado na BNCC, destacamos a forma como ela aborda sobre os saberes geográficos, principalmente para dar subsídios aos alunos na leitura espacial, considerando os mais variados aspectos nesse contexto “para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico” (BRASIL, 2017, p. 359).

Quanto a esse raciocínio geográfico a BNCC (2017), o considera como saberes necessários para a compreensão da realidade no contexto da Geografia, um exercício para entender as dinâmicas sociais cotidianas.

Nessa relação, os saberes citados dão base para a construção dos conteúdos de cada componente curricular, formando assim o currículo. É refletir acerca desses conteúdos, no processo de ensino e aprendizagem: qual a relação com seus objetivos gerais, se estão ou não alinhados para propiciar que o discente desenvolva um pensamento crítico.

Dessa forma, é possível considerar os conceitos particulares de cada componente curricular, que apresentam possibilidades para a compreensão dos mais diferentes conteúdos. Sendo assim, quando pensamos nessa temática, consideramos o ensino dos conceitos geográficos em sala de aula.

1.3 Conceitos geográficos na Educação Básica

Em sala de aula, ao trabalharmos determinado conteúdo, partimos do pressuposto de cada aluno como ser dotado de conhecimento prévio, a partir de seu cotidiano, de suas vivências. Nessa perspectiva, Callai (2011, p. 133) afirma:

[...] conteúdo escolar são uma produção e um conhecimento específico, considerado a partir de várias vertentes e que se concretiza na fronteira do conhecimento disciplinar da ciência, na estrutura e cotidiano da escola e na vivência dos sujeitos envolvidos na escola.

Destarte, os conteúdos, ou mais especificamente os saberes, são construídos primeiramente de uma base cotidiana, da relação empírica para a científica. É a afirmação refinada de bases já aprendidas pelo sujeito, ou ainda a construção de novas.

Quando tratamos dessa relação dos saberes empíricos para os saberes científicos, é que notamos a complexidade que é tratada em sala de aula. É a perspectiva de sistematizar o conhecimento cotidiano para o conhecimento científico, como apresentam Batista e Salvi (2018).

Balizados por essa ideia, damos ciência ao papel que os conceitos desempenham nesse sistema. Um norte a direcionar e dar base científica à construção dos conteúdos, de apresentar a dinâmica necessária para sua contextualização em sala de aula.

De maneira geral, compreendemos a questão do conceito como algo relacionado ao acúmulo de conhecimento, sistematizado a partir das ideias e valores de uma sociedade (BATISTA; SALVI, 2018).

Essa temática é algo amplamente debatido, por fazer parte das bases científicas gerais de qualquer ciência: Por exemplo na Química, ácidos e bases. Na filosofia, razão. São conhecimentos de uma base que carrega consigo, o peso de transformar e dar vida à questão científica, e dessa forma, o seu estudo em sala de aula, dar vida aos conteúdos.

Compreender então a questão dos conceitos, é ter consciência de sua aplicação enquanto conhecimento construído do real, ou do imaginário. Dos fenômenos no qual ele corresponde.

Ademais, é saber sua relação com a sala de aula, a concepção que carrega tanto na questão curricular, quanto na sua aplicação por parte do professor, imbricada nos conteúdos gerais ou trabalhada de maneira direta, exposta.

Posto isto, devemos compreender qual o papel dos conceitos na construção do currículo escolar de Geografia. Qual o impacto que ele carrega? Qual sua aplicação prática?

Ao analisarmos com uma óptica mais refinada para esse debate, percebemos que assim como outras ciências, a Geografia também carrega consigo uma gama de conceitos e categorias⁴, destacam-se entre seus principais, os conceitos de Espaço, Região, Território, Lugar e Paisagem (LISBOA, 2007; MORAES, 2007). Indo por esse percalço, apresentamos algumas considerações acerca dos conceitos geográficos.

Quando realizamos estudos epistemológicos nessa área, devemos ter em mente, que a construção conceitual, passa sempre pelo crivo da visão de determinado autor, fundamentado por alguma corrente teórica metodológica. Sendo assim, um mesmo conceito pode ganhar delimitações diferentes a partir da óptica que se é analisada.

Com base nos conceitos geográficos, o primeiro a ganhar destaque é o conceito de espaço. Amplamente estudado, possui características muito gerais, não sendo consenso claro sobre sua definição.

Corrêa (2000) apresenta uma abordagem contextualizando acerca do espaço geográfico, sendo contraditório, berço de relação absolutas e relativas, descrito sobre diversas perspectivas, “[...] o espaço geográfico é multidimensional. Aceitar essa multidimensionalidade é aceitar por práticas sociais distintas” (CORRÊA, 2000, p. 44).

Também sobre a noção de *espaço geográfico*, Raffestin (1983, p. 144) o considera como: “[...] matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. "Local" de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar”

⁴ Destaca-se que Conceitos e Categoria, são vistas como pauta crivada pela dualidade, não possuindo um consenso diretivo sobre as definições de ambas. Um debate que não se faz necessário neste trabalho por entendermos que não é necessário para o seu objetivo central.

Lisboa (2007, p, 26) apresenta a relação do espaço como o conceito mais abrangente, haja vista, a relação do homem com o meio, transformando a realidade de um todo: o autor afirma: “formas como as sociedades se relacionam com o espaço vai se modificando, enquanto sua capacidade de intervenção se acentua e o espaço geográfico[...]”.

Em todas essas definições, visualizamos a complexidade na qual tal conceito se apresenta, seja na relação construída pela materialidade, ou na relação de estudo entre os diferentes atores que o compõem.

Destarte, talhamos a reflexão de como podemos trabalhar tal conceito, na construção dos conteúdos escolares. Partindo de um ponto central, que é a relação de conectividade entre as diferentes localidades. Mais especificamente acerca da globalização.

Dentro desse fenômeno, explorar as conexões entre os diferentes pontos do planeta, massificando as relações culturais, econômicas e sociais. Trabalhando diversos elementos e quais os impactos deles em relação às diferentes sociedades.

O segundo conceito no qual damos destaque em nossos estudos, é o de Região. Este ganhou diferentes perspectivas de análise em diferentes períodos históricos. Lisboa (2007) aponta para três referências, Região Natural, Região Geográfica e Região Homogênea e Funcional.

A primeira, verifica-se na relação da natureza sobre a (re)produção da sociedade. A Região Geográfica diz respeito à realidade possibilista do homem pela intervenção no meio. Por fim a Homogênea e Funcional, volta-se para o conceito relacionado ao sentimento de pertencimento a determinado local, como salienta Lisboa (2007).

Na sua base então, temos um conceito que ganhou perspectivas contundentes ao longo de seu processo de estudo (isso também vale para os outros conceitos), ganhando delimitações específicas. Nos dias de hoje, a grosso modo, “definida como um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares” (CORRÊA, 1986, p. 32).

Nesse sentido, trabalhamos a partir dessa definição, da relação de particularidades que determinados locais possuem, seja na cultura, na economia, nas condições físico climáticas, na perspectiva de uma conexão.

Quanto ao conteúdo de maneira mais ampla, consideramos o próprio ato de regionalizar. Com uma definição menos rebuscada, acepção de construção, ou como Haesbaert (2007) apresenta como um procedimento metodológico, ou ainda instrumento de análise, que (re)cria situações a processos regionais.

Por exemplo, quando pensamos nas regiões brasileiras (norte, sul, nordeste, sudeste e centro oeste), quais as características entre os locais que as compõem que as delimitam enquanto região? O que traz de particularidade a cada região dessas? São perguntas que podem ser trazidas em contexto de sala de aula.

Vale ressaltar, que o ensino dos conceitos geográficos na escola, não são dissociados, pelo contrário, possuem suas conexões entre si. A sua compreensão é muito mais profunda e interligada pelas relações trazidas por eles.

Quando apresentamos tal abordagem, estamos apenas de maneira direta expondo elementos dos conceitos nos conteúdos geográficos que compõem os currículos oficiais. É o contexto da *práxis*, de aliar a teoria à prática, a fim de promover uma reflexão mais aprofundada.

Partindo desse norte, trabalhamos a questão do conceito de lugar, voltado principalmente para a questão de pertencimento, construído pelo sujeito como forma de relação individual e social, a relação de fazer parte de um local (RODRIGUES, 2015).

Lugar, também pode ser analisado na perspectiva de uma realidade pautada nas escalas do local para o global, conforme Lisboa (2007). É trabalhar acerca de fenômenos cotidianos, próximos ao sujeito, para então, ampliando a sua noção, apresentando elementos que fazem parte do seu dia a dia, mas que também estão presentes em outros contextos.

Território, assim com os outros conceitos descritos não foge à regra, ganhando diferentes significados ao longo de seus estudos. Raffestin (1983) apresenta uma ideia complexa sobre, ao considerar sua base enquanto construção do espaço.

Para tanto, ele contextualiza a ideia de um espaço voltado para diferentes grupos, que constituem formas hierarquizadas de poder, dos diferentes atores e a forma como eles, se apropriam desse espaço, criando redes e nós, como ele contextualizada “esses sistemas constituem o invólucro no qual se originam as relações de poder” (RAFFESTIN, 1983, p. 151). É nessa relação de poder, que esse conceito ganha forma, nos diferentes pontos de apropriação, da forma de usufruir desse território.

Referente a essas afirmações, tratamos uma visão que traz consigo imbricada, outros termos, como é o caso da fronteira. Quando pensamos acerca das relações de poder, logo, associamos a questão de delimitação.

Haesbaert (2007) apresenta uma relação similar ao conceito de território, compreendendo-o não apenas em um sentido de relações de poder, mas construído pela simbologia da identidade, pautado na relação de pertencimento territorial.

Consideramos em sala de aula, por exemplo, ao passo que, ao trabalharmos um conteúdo relacionado a países, explorar suas fronteiras, considerando a sua soberania, refletindo sobre os limites de seu poder, até onde vão seus domínios.

Por fim, abrimos a discussão para a reflexão da presente dissertação, que é o conceito de paisagem no âmbito da Geografia escolar. Buscando compreender como o conceito se relaciona a nível da escola e quais as análises que a paisagem ganhou ao longo do desenvolvimento da ciência geográfica.

1.3.1 A evolução do conceito de Paisagem

Seguindo com a ideia, neste subitem damos atenção maior ao conceito de paisagem, baseado na premissa geral da pesquisa. Contemplando assim, uma descrição acerca da evolução deste conceito.

O conceito de paisagem, foi ganhando diferentes análises a partir dos diferentes momentos históricos da ciência geográfica. Cada perspectiva dá a ela, um contorno singular ainda que correlacionado, ou como destaca Risso (2008, p. 67): “[...] essencialmente polissêmico e dinâmico, já que ao longo da história do pensamento geográfico o conceito teve múltiplas interpretações, de acordo com a abordagem geográfica”.

A paisagem, muito antes de ser contemplada nos estudos acadêmicos, já ganhava contornos, principalmente relacionado à questão artística. Analisado a partir das representações dos diferentes quadros, ligada à questão do visual, conforme Baldin (2021).

Quando refletimos sobre essa questão, evidenciamos a relação de como a natureza era representada, ganhando destaque não apenas no campo artístico, mas também, na academia. A ideia de elementos físicos ganhava papel de destaque.

Essa ideia se valida, efetivamente, pela pauta naturalista apresentada na época. Geógrafos de cunho positivista, se debruçaram em compreender as relações da paisagem enquanto características físicas, destaca Cavalcanti (2010, p. 64):

[...] considerando as unidades naturais o ponto de partida da identificação geográfica sobre a influência de fatores físicos, considerando ainda a natureza como um todo, como uma totalidade dialética, formada por elementos e componentes naturais que interagem entre si e formam um sistema [...].

Quando refletimos acerca dessa visão talhada no bojo da Geografia, partimos de duas ideias centrais, a primeira diz respeito a ciência calcada por uma base alemã, caracterizada por

autores como Carl Ritter, Alexander Von Humboldt e Friedrich Ratzel (RISSO, 2008). É uma vertente da Geografia francesa, relacionada principalmente a Paul Vidal de La Blache.

Quanto a questão da escola alemã, Humboldt trazia uma visão da paisagem de forma mais integral, de maneira mais ampla, condicionada a relação sujeito x natureza, ou como Schier (2003, p. 82) destaca “uma visão holística da paisagem, de forma que associava elementos diversos da natureza e da ação humana [...]”. Mesmo com essa visão, Humboldt ainda mantinha uma interpretação condicionada ao determinismo geográfico.

Já Carl Ritter trabalhava a partir da comparação das paisagens, a fim de compreender similaridades e diferenças das questões naturais, dos efeitos verificados na superfície terrestre. A descrição pautada no contexto enciclopédico (CAVALCANTI, 2010).

Por fim, Ratzel, traz uma abordagem sobre a paisagem condicionada pela relação dialética nas interações entre os seres humanos e os elementos físicos (rios, vegetações, animais), apresentando assim uma importante perspectiva, que aos poucos deixava de condicionar um determinismo geográfico amplo ligado a natureza (SCHIER, 2003).

Maciel e Lima (2011), ao abordarem acerca desse período, caracterizam a escola alemã como a precursora a estudar o conceito de paisagem no âmbito geográfico, apresentando novos elementos para seu estudo.

Destaca-se também nesse processo, a figura de Paul Vidal de La Blache, autor francês, que trazia uma abordagem naturalista, mas em certos momentos, apresentava uma visão mais libertadora, principalmente, ao considerar o sujeito enquanto ser ativo no meio natural, tirando assim, sua carga de passividade que outrora possuía.

Name (2010) apresenta uma discussão acerca do trabalho vidalino, refletindo sobre a relação de La Blache com a paisagem. Para tanto, o autor faz apontamentos, direcionando o debate para o conceito de gênero de vida, onde a paisagem ganha forma principalmente na relação entre a sua fisionomia (as formas como é retratada) e a interação dos elementos que a compõem.

Descrevendo o escritor de Vidal de La Blache, podemos identificar de maneira direta, sua associação com o conceito, partindo de dois pontos: análise e síntese. A primeira diz respeito a uma interpretação da paisagem que considera todas as diferenças perceptíveis nela (LA BLACHE, 2008). Já a segunda diz respeito à interação entre todos os elementos que a compõem, ou mais especificamente, “[...] Paisagem forma um todo, onde os elementos se encadeiam e se coordenam; sua interpretação exige uma percepção lógica da síntese plena de vida que se põe sob nossos olhos”, como afirma La Blache (2008, p. 149).

Se faz presente também, compreender a visão que o autor apresenta sobre a relação entre homem x paisagem, como parte do meio, mas ativo nesse processo, “o homem é parte integrante da paisagem. Ele a humaniza e a modifica de alguma forma” (LA BLACHE, 2008, p. 150).

Ponderamos ainda a fala de Name (2010), ao associar as ideias de Vidal de La Blache ao conceito de cultura, haja vista, que mesmo não sendo uma questão de proximidade, ao relacionar-se principalmente ao conceito de região, mas que de certa forma, ao considerar as ideias de “Gênero de Vida”, de certa está ligado a questão cultural, “nas noções de “hábito” e de “adaptação ao meio”, fatores que moldam as regiões/paisagens de cada grupamento humano” (NAME, 2010, p. 167).

Seguindo nesse pensamento, nos deparamos com a escola estadunidense, que desponta com autores, como Hartshorne e Carls Sauer, com uma proposta nova ao conceito de paisagem.

1.3.2 O conceito de paisagem a partir de Carl Sauer

Quando refletimos sobre a perspectiva frente ao conceito da paisagem, recordamos as contribuições da escola estadunidense. Ressaltamos as características que marcam essa classe, voltada principalmente para a utilização de dados estatísticos e matemáticos em suas análises.

Partindo dessa corrente, apresentamos as ideias de Carl Sauer, que trouxe contribuições significativas para a construção do conceito de paisagem, abarcando não só um panorama superficial e relativo, mas uma visão onde relaciona aspectos naturais à aspectos antrópicos.

Ressalta-se que mesmo em sua ideia naturalista, apresentou uma visão muito mais aprofundada sobre este conceito. Destacamos, que nos ancoramos em seus pressupostos para a conceituação mor de paisagem, considerando principalmente a sua ideia acerca de paisagem cultural, traduzida pelas ações humanas e suas aspirações, suas identidades e valores.

Sobre sua biografia, Name (2010) aponta inicialmente a formação pela qual Sauer passou, desde seu ingresso na pós-graduação na universidade de Chicago até o período em que lecionou na universidade de Michigan, quando finalmente ingressou em 1923, na universidade da Califórnia em Berkeley, onde postulou suas principais ideias.

Em seus escritos, sua principal obra é traduzida no livro *A Morfologia da Paisagem*⁵, datado de 1925. Calcado por um embasamento ainda que em tese naturalista, descritivo, considerou uma relação diferenciada para a releitura da paisagem. Apresentou uma proposta voltada à paisagem cultural.

⁵ *The Morphology of Landscape* (título original da obra).

Os pressupostos de sua ideia, condicionam a ação humana na natureza, onde elementos antrópicos surgem como diferenciação para a construção dessa ideia “a paisagem cultural representa, conseqüentemente, uma materialização de pensamentos e ações humanas [...]” (SCHIER, 2003, p. 83).

Sauer (1998), inicialmente, faz uma descrição das visões acerca do que era a ciência geográfica, descrevendo três ideias centrais. A primeira diz respeito ao estudo da superfície terrestre numa perspectiva cosmológica. A segunda, os estudos de formas de vida, condicionada ao ambiente em que vive. E a terceira, trata dos estudos corológicos.

O autor apresenta essa ideia, engendrando a proximidade da qual o campo do conhecimento tem com seus fenômenos, dando ênfase, na associação da paisagem enquanto categoria da Geografia, “Paisagem é o campo da geografia, porque é uma importante seção da realidade ingenuamente perceptível e não uma ideia sofisticada” (SAUER, 1998, p. 15).

Quando Sauer, aponta a relação do perceptível, está a trabalhar a questão descritiva da paisagem, “tarefa da geografia é concebida como o estabelecimento de um sistema crítico que envolve a fenomenologia da Paisagem, de modo a captar em todo o seu significado e cor a variada cena terrestre”, como assinala Sauer (1998, p. 22).

Neste sentido, deduzimos a questão da ‘cena terrestre’, como a paisagem em seu âmbito total, da maneira física, a ação antrópica sobre ela, como o autor caracteriza, a descrição como uma cena completa, não individualizada, mas um somatório do total (SAUER, 1925).

Destarte, manifestamos o pensamento a respeito dessa paisagem em uma perspectiva cultural, crivada pela manifestação das ações do ser humano no meio natural. Sauer, descrevia a relação entre ambos congregava uma natureza que trazia elementos necessários ao indivíduo, ao passo que o mesmo transformava o seu meio.

Sauer (1998, p. 29) “o conteúdo da Paisagem é encontrado, portanto, nas qualidades físicas da área, que são importantes para o homem e nas formas do seu uso da área em fatos de base física e fatos da cultura humana”.

Nesta visão, o autor apresenta o que é cultura de um ponto de vista geográfico, apresentando como a ação do homem sobre determinada área⁶, pensando nos seres humanos como grupos compostos por tradições ou descendências (SAUER, 1998). Dessa maneira, o citado autor apresenta um esquema bem direto sobre toda essa ação humana: “a Paisagem

⁶ Sauer considera o conceito de Área, muito similar ao conceito de Paisagem. Em sua obra ele apresenta a relação entre ambas. Name (2010, p. 168) corrobora com essa ideia: “área” ou a paisagem, para ele sinônimos”.

cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio a paisagem cultural o produto”.

Nessa releitura, essa ação do homem fica mais clara, principalmente quando se traduzida como as transformações que o ser humano traz sobre a paisagem natural, nas construções das casas, na formação das cidades, do cultivo da terra na área urbana, na organização social, tendo isso como produto crivado pela cultura. Assim, perpassa-se com uma despreocupação dos aspectos relacionados aos costumes ou ideias desses indivíduos, mas pautado na marca que ele vai deixar na paisagem, sobre qual a influência humana sobre a natureza (SAUER, 1998).

Diante do contexto apresentado por Sauer, nos baseamos para a construção de um conceito de paisagem abrangente, que congregue não apenas os elementos naturais distantes do ser humano, mas que nessa releitura, venha ao encontro de um horizonte crivado pela cultura na transformação do meio.

Para tanto, quando pensamos no contexto cultural, dos diferentes panoramas visualizados, nos damos conta da magnitude de olhares que aparecem. São os diferentes sujeitos que vivem e se relacionam com a paisagem, em um sentido muito amplo e complexo traduzido a partir da ideia de pertencimento.

Esse pertencimento, baseia-se na ideia relacional entre paisagem e território. Uma identidade construída pelo bojo cultural, carregado de símbolos e significados, que modificam e (re) transformam a paisagem em seu sentido material e imaterial.

Perante tal resgate histórico, damos ênfase no estudo do conceito de Carl Sauer para nortear o presente trabalho, tendo em vista, que as ideias que o autor apresenta em sua obra refletem a forma de análise do conceito de paisagem neste trabalho.

1.3.3 Identidade territorial: algumas considerações

Ao refletirmos sobre a questão cultural, estamos abordando um tema complexo, mas importante para os estudos da paisagem. A cultura se manifesta nas ações do ser humano, e este carrega consigo singularidades, trazidas por sua vivência. Quando pensamos em cultura, não dissociamos o estudo de identidade.

A identidade é construída pela ligação ao território, transformando a paisagem na execução de suas ações. Consideramos aqui, uma relação importante entre o conceito de território e a paisagem. O primeiro diz respeito ao campo real, material físico, do qual Haesbaert (2007, p. 23) considera como território “funcional’ a começar pelo seu papel enquanto recurso,

desde sua relação com os chamados ‘recursos naturais’ – ‘matérias-primas’”. O segundo diz respeito à construção a partir da ação do sujeito.

Para tanto, tomamos como definição para território, a formulação proposta por Haesbaert (2007), ao apresentar este conceito em duas perspectivas, uma relacionada a dominação, crivada pelo jurídico político, a relação de poder com a terra. Já a segunda, aparece relacionada a um campo identitário, simbólico de apropriação.

Não podemos desconsiderar o território voltado às relações de poder, que pode ser interpretado a partir de diferentes óticas. Haesbaert (2007, p. 20-21) aborda essa temática, como, “poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação”. Daremos atenção especial ao sentido do território abarcado pelo simbólico, pelo campo da apropriação.

Quando falamos de apropriação, estamos condicionando as perspectivas de um sujeito pela forma como ele se relaciona e constrói esse território. Os símbolos, materialidades e imaterialidades compostas pela sua percepção frente a sua realidade. A sua percepção da forma como ver o mundo está condicionada a seus costumes, suas concepções de mundo, a sua identidade.

Quando entramos no debate sobre identidade, acabamos por nos deparar com diferentes análises. Tomamos como exemplo, primeiramente, Castells (2008, p. 22), que define: “identidade a fonte de significado e experiência de um povo”. Outro exemplo, ainda, é Haesbaerth e Bárbara (2001, p. 3), os autores apontam: “As identidades, pelo viés antropológico, são construídas historicamente pelos sujeitos na relação e interação espaço-temporal com a alteridade, com o Outro”.

Seja na referência de um povo, ou de um indivíduo, quando pensamos na questão da identidade, estamos falando da construção política, social e cultural que carregam consigo, em seu subjetivo e na forma como demonstram isso cotidianamente. É refletir sobre as perspectivas de vida que ele carrega frente a sociedade e suas diferentes configurações na sua (re) produção. É saber como ele se inter-relaciona com o meio em que está, na construção desse território.

Quando partimos dessa ideia, trazemos à luz a discussão da forma como um ser humano, dotado de suas particularidades se relaciona com o meio em que está, surge dessa maneira, a questão sobre a apropriação do território.

Sobre isso, é a forma como um indivíduo consegue se utilizar desse território, dentro de todas as suas demandas, conseguir acessar tudo aquilo que está ao seu campo. Os espaços que ele tem disponível, as opiniões que ele pode proferir, as escolhas que pode tomar.

É nessa base, que a apropriação ganha forma, no contato diário pelo âmbito identitário dos diferentes seres humanos, que (re) produzem suas formas de ver e sentir o território, refletindo sobre Haesbaerth e Bárbara (2001, p. 03).

[...] o indivíduo está em interação com a estrutura social de modo que toda a interpretação sobre sua identidade tem de estar “localizada em um mundo social”. É este fato que nos possibilita trabalhar com o conceito de identidade coletiva, sem que se estabeleça uma dicotomia entre o indivíduo e o contexto social do qual faz parte.

Nesse contexto, notamos o sentimento de pertencimento a determinado território. Da construção pela ação com base nos elementos de sua identidade, de suas especificidades, de sentir e fazer parte de um meio tanto físico quanto simbólico, construído pelo imaginário. Tomemos como exemplo as relações de um migrante com a sua terra natal. Ele reflete a sua construção de paisagem a partir da ideia de sua cultura, de uma ideia abstrata que ele tem com o pertencimento ao território de qual veio.

Nesse mesmo contexto, um migrante que se fixa em uma cidade a trabalho, em uma situação de migração pendular, vai possuir outra relação com o território. Sua identidade territorial não é necessariamente de laços mais profundos, de pertencimento, mas é uma relação de (re)produção a partir da construção pelo trabalho. A forma de apropriação reside de forma diferenciada.

O sentimento de pertencimento a seu berço de origem, será muito maior do que com o lugar que ele está atualmente, pelo fato de muitas vezes os laços construídos através de elementos de sua identidade, tornaram para ele o fato de apropriação de um território.

Isso se deve ao fato, principalmente do qual retomamos aqui, fundamentado em Haesbaert (2007) que relata sobre a função do território, ao considerar dois caminhos para este. O primeiro funcional, enquanto base para recursos e o segundo, simbólico, construído por cada sujeito.

Uma forma de representar esse pertencimento ao território, de lembranças e conexões, é através da música. Araújo e Vargas (2017) trazem um panorama muito interessante, ao abordarem essa temática, em leitura não apenas centrada na letra da música como algo superficial, mas condicionada na escrita como reflexo de toda uma imagem simbólica construída sobre determinado território e paisagem.

É a forma de apresentar artisticamente os desejos e anseios na consideração acerca de sua identidade territorial. É a constatação do sentir e pertencer a um meio, a uma estrutura pautada do seu ser.

Sendo assim, as identidades construídas, são as diferentes formas que se relacionam com a elaboração e a forma de sua ação na paisagem. É uma relação ocasionada pelos diferentes sujeitos ou grupo de sujeitos.

Por meio disso, voltamos à reflexão sobre o pertencimento territorial, contextualizando por meio do ensino de paisagem no âmbito escolar. As diferentes perspectivas pelas quais os docentes e discentes passam frente a este conceito.

1.3.4 O ensino do conceito de paisagem na perspectiva da identidade territorial

Como já enfatizado, o pertencimento territorial, diz respeito ao sentimento de fazer parte de determinado território, de usufruir dele de forma significativa, baseado na apropriação que o sujeito tem pela sua bagagem de experiências.

Dessa forma, quando pensamos no ensino do conceito de paisagem no contexto escolar, refletimos sobre a forma como os alunos fazem a releitura dessa paisagem a partir de suas experiências, ou ainda mais, como eles sentem a questão do pertencer a um território, enquanto figura material, física, e essa construção do simbolismo partindo do imaginário, que a forma que se relacionam com a paisagem.

Como Callai (2005, p. 228-229) expressa: "Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades"

São as diferentes definições protagonizadas por cada aluno, no âmago de seu conhecimento, dos saberes que carrega consigo, que irá dar contornos únicos a essa paisagem. Como Callai (2005) contextualiza apresentar uma relação da construção do ensino dos conceitos, partindo do "eu", para um mundo socializado.

É partir do conhecimento do aluno, categorizado pela construção de uma paisagem correspondente do campo visível, ao invisível "em verificações subjetivas que considere particularidades culturais e históricas, uma conjuntura que nem sempre estão explicitamente visíveis na paisagem", como salienta Oliveira *et. al* (2020, p. 133).

Ao levar em conta aquilo que o aluno sabe e conhece, partimos de sua realidade, o conteúdo começa a ganhar um real significado, aí entra a ideia do pertencimento, justamente por se tratar de algo próximo a ele, que faz sentido para suas vivências.

Dentro dessa perspectiva, quando pensamos no ensino do conceito de paisagem, refletimos sobre olhares que o aluno tem sobre determinada paisagem, por exemplo: o bairro

da escola, enquanto parte da paisagem, é sentido e apropriado por parte do discente, de formas diferentes, variando de aluno para aluno.

Acredita-se que seja importante desenvolver, nas crianças e nos adolescentes, a capacidade de compreensão das diferentes paisagens, reconhecendo seus elementos, sua história, suas práticas sociais, culturais e suas dinâmicas naturais, assim como a interação existente entre eles. Portanto, há uma necessidade de ressignificar a Paisagem no ensino e na aprendizagem da Geografia [...] (PUNTEL, 2007, p. 285-286).

É nessa ressignificação, que os alunos ao realizarem o estudo de determinada paisagem, expõem ali, seu conhecimento prévio. Sua forma de fazer essa leitura, perpassa pelo crivo de suas experiências, da relação que ele possui sobre determinada paisagem, pautado no sentimento de pertencer, criando laços a partir de traços de sua identidade.

Lembramos aqui, o conceito de paisagem não apenas no campo visível, mas calcado pelos sentidos, na brisa do vento, no odor expelido pelas flores, os diferentes gostos sentidos, os variados sons, que formam as diferentes paisagens.

É nessa associação de elementos que consideramos o ensino da paisagem no campo da Geografia escolar. Crivado pelas construções identitárias de cada aluno, que constroem a partir de suas percepções.

Consideramos também, o papel que o professor assume frente a esse cenário: Como mediador dos processos de ensino em sala de aula, cabe a ele delimitar práticas pedagógicas cabíveis à realidade da sala de aula.

Refletir em práticas pedagógicas para o ensino de paisagem, em ações que viabilizem efetivamente formas de o aluno compreender sua realidade, a partir do seu conhecimento prévio, assimilando aspectos simbólicos e materiais.

Sendo assim, no capítulo que segue, discutiremos as bases teóricas metodológicas que permeiam o ensino e aprendizagem, como forma visualizar como as práticas em sala de aula por parte do professor impactam na intencionalidade da aprendizagem por parte do estudante.

CAPÍTULO 2 – A DIDÁTICA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Neste capítulo, buscamos apresentar e discutir quais as bases teóricas metodológicas que permeiam a construção dos conceitos de ensino e aprendizagem sobre o olhar da didática. Damos destaque também aos elementos didáticos, com ênfase para a importância da música na educação básica, como prática pedagógica.

2.1 Ensino e aprendizagem: perspectivas teóricas

*Nossa viagem não é ligeira
Ninguém tem pressa de chegar
A nossa estrada é boiadeira
Não interessa onde vai dar
Comitiva Esperança- Almir Sater.*

Quando refletimos sobre as práticas utilizadas em sala de aula pelo professor, voltamos nossa discussão sobre as bases que permeiam esse contexto. Estamos diretamente conduzindo e considerando dois conceitos, que é o ensino e a aprendizagem.

Temos em consonância que o ensino e aprendizagem mantém uma relação de proximidade, compreendendo que fazem parte de uma construção do processo educativo, permeados sobre os campos da didática, dentre outros elementos.

Apresentamos inicialmente a respeito da ideia que sustenta o conceito de ensino. Ao abordar um panorama geral sobre tal tema, trazemos primeiro a diferença entre educação e ensino.

Cabe caracterizar cada um dos pontos que se relacionam com o conceito de ensino, dessa forma, consideramos aqui, a ideia de educação: um conceito mais complexo e abrangente, refletido pela casualidade de abarcar diversas frentes, que grosso modo, ganha significado como um processo de desenvolvimento, social, emocional e intelectual nas relações humanas no contexto social.

Libâneo (1990, p. 22) define educação como:

[...] processo de desenvolvimento onilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas - físicas, morais, intelectuais, estéticas - tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado contexto de relações sociais.

Essa conceituação de educação, apresenta elementos para compreendermos o conjunto maior na qual ela se coloca e se propõe, a ser uma frente não distante do caráter social, mas sim, um processo de construção de saberes para o desenvolvimento pleno dos seres humanos.

Calleja (2008) aponta para a direção na qual a educação caminha, ao constatar que o processo educativo, visa capacitar os seres humanos de maneira integral, a fim de que, com os valores e preceitos adquiridos ao longo do tempo, sejam aplicados de maneira direta e coerente, que transformem o cotidiano dessas pessoas.

Brandão (2007, p. 14) ainda destaca: “Na espécie humana a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de intenção ações, de padrões de cultura e de relações de poder”. É a relação de desenvolvimento do ser humano, com suas relações cotidianas.

Salientamos que a educação pode acontecer em diferentes espaços, por exemplo, no seio familiar, carregando valores e símbolos adotados no ato de educar, ou como ainda coloca Calleja (2008, p. 110): “[...] outras instituições sociais não escolares, com um propósito educativo, desenvolvem também processos de ensino-aprendizagem com um caráter mais espontâneo”.

É direcionar a discussão para um ato educativo voltado ao âmbito escolar, pautado na construção do rigor científico, dotado de instrumentos e teorias que paulatinamente congregam com o objetivo da ação de educar.

Dessa forma, compreendemos a transformação da sociedade, causado pelos seres humanos, como consequência do ato educativo, que, constatamos aos passos pelo qual se dá a sistematização e assimilação dos saberes. O trilhar é feito a partir da relação com a escola e a sala de aula.

Quando voltamos a discussão, embasada no seio escolar, condicionamos a pensar sobre os modelos de instrução. Libâneo (1990, p. 23) apresenta que a “instrução se refere à formação intelectual, formação e desenvolvimento das capacidades cognitivas mediante o domínio de certo nível de conhecimentos sistematizados”.

A instrução como parte da educação, foca no desenvolvimento de sistematizar os diferentes saberes, a fim de ser instrumento para o ato educativo. Em termos de escala, a instrução está dentro da educação.

No processo da instrução, se dá a orientação para a formação integral do indivíduo, a compreender seu papel cognitivo, emocional e social, da ação do ser humano, refletir sobre a sua realidade e através da educação, ser agente ativo em seu meio.

Para que haja à instrução, é necessário o desenvolvimento de técnicas e metodologias, caminhos que levem a um objetivo central. Para tanto, o trilhar que se é pensado, caracteriza-se como a ação de ensinar.

Sobre essa ideia, trazemos o pensamento de Libâneo (1990), que apresenta uma reflexão sobre esse tema, considerando o conceito de ensino como o meio e as ações para promoção da instrução.

Ensino, ganha assim, significado nas práticas, pautadas pela ação do professor, a fim de promover formas de viabilizar ao estudante, maneiras de desenvolver o pensamento crítico, na consolidação de conteúdos que condizem com a formação cidadã.

Franco (2015) levanta algumas indagações que ajudam a refletir sobre a perspectiva central do ensino, ao abordar sobre “O professor concretiza sua ação pedagógica ao dar aula ou a concretiza quando consegue ensinar alguma coisa a alguém?” (FRANCO, 2015, p. 604). Sobre a ação pedagógica que a autora apresenta, relacionamos ao sinônimo de ensino.

É refletir na ação docente, desde o planejar, a execução e finalização da aula. É distanciar-se da ideia de que ensinar é apenas “passar conteúdo no quadro”, em um processo simples de memorização ou transmissão de conhecimento.

Ter a compreensão que a instrução faz referência aos conhecimentos aprendidos, sistematizados, em sala de aula. E o ensino se traduz nas técnicas e formas para se alcançar os objetivos traçados pelo campo da instrução.

Libâneo (1990) assinala que o “verdadeiro ensino”, é aquele que fomenta e congrega os conhecimentos prévios do aluno, ao conteúdo novo a ser trabalho em cada componente.

É contextualizado pela ideia de Libâneo (1990), em que a instrução fica condicionada a assimilação dos diferentes conhecimentos, e o ensino, visualizado como as técnicas e ações do professor para chegar a seus objetivos.

O ato de ensinar, então, é refletido sobre a ação docente, pautada sobre as demandas de cada particularidade encontrada nas vivências de sala de aula. É relacionada sobre a forma que o professor irá trabalhar os saberes de seu componente curricular, a fim de suscitar espaços plurais para que os alunos desenvolvam em sua criticidade. Nas palavras de Freire (1996, p. 20):

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento.

Sendo assim, ao professor cabe a tarefa de orientar, e não transferir. Estar frente ao diálogo com os alunos, em um processo contínuo e aberto, democrático no cotidiano da sala de aula.

Em tese, essa é a ideia central do ensino, a organização e sistematização de ações para promoção da aprendizagem. Sobre a égide da aprendizagem, refletimos também sobre seu conceito, e como ele se relaciona com o conceito de ensino.

Primeiramente, ao conceito de aprendizagem, remontamos a ideia à curiosidade humana, que sempre foi a de descobrir o novo: na pré-história, os seres humanos a partir de ações frente ao desconhecido, acabaram por se desenvolverem, por exemplo, a descoberta do fogo, ou ainda, a sistematização das técnicas de agricultura, que foram cruciais para a nossa evolução e adaptação enquanto espécie.

Em todos esses aspectos, consideramos a forma espontânea de aprender, de dar significado aos mais variados elementos em nossa realidade, como destaca Díaz (2011, p. 81) sobre a aprendizagem “sua universalidade para a necessária e potencial adaptação humana.”.

É no desenvolvimento humano, na sua intenção, que vislumbramos o ato de aprender, primeiramente para sua sobrevivência de adaptação ao meio, ao passo, de construir seu próprio trajeto, se apoderando das diferentes técnicas e conhecimentos, não de maneira natural, mas sistematizando as diferentes informações em sua realidade.

De maneira mais concisa, visualizamos duas ideias para o conceito de aprendizagem, trabalhada por Darsie (1996), a aprendizagem repetitiva e a aprendizagem significativa. A primeira, é baseada na repetição e memorização, o aluno distante de ser o centro do processo, mas como ser passivo, ou como salienta “numa concepção empirista de aprendizagem, o aluno é considerado uma folha em branco sobre a qual se imprime o conhecimento” (DARSIE, 1996, p. 49).

Nesse percalço, visualizamos uma aprendizagem mnemônica que carece de uma base mais sólida, que se limita apenas a deixar o aluno como figura passiva que apenas absorve, mas que em contrapartida, em muitos casos não desenvolve sua própria aprendizagem.

Tavares (2014) também apresenta uma reflexão acerca desse tema, ao tratar a aprendizagem repetitiva como “aprendizagem mecânica ou memorística”, condicionada a um esforço que a curto prazo tem resultados mais efetivos, mas que a médio e longo prazo grande parte do que foi apreendido acaba tendo baixa retenção.

Destarte, notamos que esse tipo de aprendizagem, em suma, se apresenta como efêmero, haja vista, a rapidez com que se aprende, se decora, mas aos poucos tal conhecimento se esvai, não se acumula.

Contrapondo este ponto, nos deparamos com a ideia de aprendizagem significativa⁷. Darsie (1996) discute sobre tal tema, apresentando elementos que condizem na posição do aluno como detentor de saberes, ao passo, que a sua construção do conhecimento, mediado pela aprendizagem, perpassa pelo seu modo de significar os conteúdos.

Nessa ideia, o aprender se torna mais próximo e significativo para o aluno. Um processo construído por ele e para ele, enquanto ator central do processo. Ao contrário da aprendizagem repetitiva, o conhecimento se torna mais coeso para o aluno, podemos assim compreender e se reconhecer dentro desse contexto.

Tavares (2014) corrobora com a discussão, trazendo a aprendizagem significativa, uma construção na qual o aluno com seu conhecimento prévio, ao ter contato com os conteúdos dos componentes curriculares, começa a significar aquele material, inserindo-se de maneira singular em seu aspecto cognitivo.

Nas palavras de Lemos (2006, p. 56): “aprendizagem significativa, tem um caráter idiossincrático que determinará o modo como o indivíduo se relacionará com o meio”. A sua relação com o meio se dará na ideia da aprendizagem exercida por si próprio, na compreensão de sua realidade.

Dessa forma, a aprendizagem pode ser compreendida como um processo contínuo de construção de saberes, no qual, o aluno, a partir daquilo já aprendido, ao se deparar com novos conhecimentos, assimila-o, então, o agrega aos conhecimentos já existentes. Ou ainda o “processo mediante o qual o indivíduo adquire informações, conhecimentos, habilidades, atitudes, valores, para construir de modo progressivo e interminável suas representações do interno (o que pertence a ele) e do externo (o que está “fora” dele) (DÍAZ, 2011, p. 83, grifo do autor).

É a prática do discente de se relacionar diretamente com seu processo de aprendizagem, uma construção que aumente seu repertório de conhecimento, “na aprendizagem, sempre existe uma autoconstrução (de informação, de habilidades etc.) que modifica o anteriormente aprendido”, como salienta Díaz (2011, p. 83).

Sobre essa perspectiva, trazemos a luz, a relação entre ensino e aprendizagem. Refletindo sobre essa dualidade, podemos pensar sobre: qual a relação entre professor e aluno? Qual o papel que o professor desenvolve? E o aluno, qual seu papel?

⁷ “Na década de 1960, David Ausubel [...] propôs a sua Teoria da aprendizagem significativa, onde enfatiza a aprendizagem de significados (conceitos) como aquela mais relevante para seres humanos” (TAVARES, 2014, p. 56).

Libâneo (1990), sobre a relação entre professor e aluno, suscita duas frentes de análise: a primeira, revestida do processo direto de ensino, na execução dos conteúdos, das práticas que o docente tem em relação a sala de aula. A segunda, aborda sobre os aspectos sócio emocionais, as relações interpessoais entre docente e discente.

Para tanto, nos ancoramos na primeira ideia trazida por Libâneo (1990), buscando discutir, a relação que professor e aluno possuem em sala de aula.

Quando pensamos nessa relação, condicionamos a discussão às intencionalidades dirigidas em sala de aula. Uma interação que se manifesta em um primeiro momento do professor, seguindo as interações apresentadas pelos alunos.

Ao docente, cabe a ação de planejar, executar, de intermediar, de ser o ponto inicial da abertura a intencionalidade no âmbito da sala de aula, de dar aportes necessários para que ocorra o processo de ensino.

Franco (2015), ao abordar sobre esse tema, elenca algumas variáveis que delimitam a intencionalidade e o direcionamento do professor: como a organização da sala, as técnicas e metodologias empregadas, a organização do tempo da aula, os materiais a serem usados, entre outros.

É a intenção de sua ação que denota seu objetivo, aos caminhos que irá percorrer em sala de aula, a fim de conceber um espaço democrático para a construção do conhecimento. Isso revela a roupagem na qual o ensino se materializa.

Ao aluno atribuímos o papel da aprendizagem. Não simples receptáculo, pronto para se encher de informações passadas pelo professor, mas uma aprendizagem autônoma, que o discente construa um processo coerente de sistematização de conhecimento.

Vale ressaltar, que o processo de ensino e aprendizagem não necessariamente ocorre de maneira individual, mas pode ser potencializado em um ambiente coletivo, numa troca de saberes e interação.

É compreender que o aluno, carrega consigo conhecimentos, e a partir deles, ele irá em seu intelecto, construir novas representações, novas formas e técnicas, como cita Libâneo (2002, p. 7) “o aluno que, para além de um sujeito psicológico, é um sujeito portador da prática social viva”.

Para essa prática, colocamos também a intencionalidade do aluno, pautado sobre sua ação. É a caracterização do docente alimentada por sua intenção de ensinar, e a intenção do aluno de aprender. A construção de uma simbiose entre discente e docente.

Sobre as intencionalidades colocadas, Tunes, Tacca e Júnior (2005, p. 690-691) destacam “Na esfera de ações do professor, existe um impacto no aluno que é intencional e esperado como realização, fato que não se pode afirmar que existia da parte do aluno.”.

Mediante o exposto pelos autores, caracterizamos a intenção do professor em ensinar e a do aluno em aprender, mas que nesse percalço, mesmo com a intencionalidade do professor em garantir o processo de ensino, não haja por meio do discente, essa reciprocidade.

Planeja-se o ensino na intencionalidade da aprendizagem futura do aluno. No entanto, o grande desafio da didática tem sido a impossibilidade de controle ou previsão da qualidade e da especificidade das aprendizagens que decorrem de determinadas situações de ensino (FRANCO, 2015, p. 604).

No ato de ensinar, cabe identificar e examinar os objetivos a serem alcançados frente a construção da aprendizagem, num ciclo que abrange o caminho percorrido, e o final chegado, considerando que o docente também constrói seu próprio conhecimento a partir dessa interação, a isso caracterizamos como um processo democrático de produção e sistematização do conhecimento.

Tunes, Tacca e Júnior (2005), ao enfatizarem sobre essa condição, abordam que o professor empenhando em promover um processo significativo de ensino e aprendizagem, trabalha sua ação de ensino, voltada para uma linguagem alinhada com as formas de pensar do discente, dá condições para que, em sua consciência, tome frente do seu processo de aprender.

É nesta perspectiva que compreendemos a relação entre ensino e aprendizagem:

O movimento permanente que ocorre a cada aula consiste em que, por um lado, o professor propõe problemas, desafios, perguntas, relacionados com conteúdos significativos, instigantes e acessíveis. Por outro lado, os alunos, ao assimilar consciente e ativamente a matéria, mobilizam sua atividade mental e desenvolvem suas capacidades e habilidades (LIBÂNEO, 2002, p. 6)

Na vivência cotidiana em sala de aula, a relação professor x aluno ganha contornos particulares de cada local. É uma relação que, em tese, deve (ou deveria) avaliar em um ambiente democrático, onde discente e docente, materializam as ideias do processo de ensino e aprendizagem.

Para tanto, fazemos o esforço intelectual de compreender os caminhos pelo qual o professor irá percorrer no ato de ensinar. As metodologias, o ambiente, a técnica, instrumentos que o auxiliem na prática docente, ancorados pela discussão acerca da didática.

2.2 O professor e a didática: uma relação intrínseca

Não existe um significado pronto e acabado para a ideia de Didática, mas sim, um conceito que, foi ganhando diferentes perspectivas sobre égide das mais variadas correntes teórico metodológicas, baseada em processos históricos.

Dentro disso, seguimos norteados por Libâneo (2002, p. 4), que apresenta algumas indagações sobre o presente tema: “o que é ter didática? O que um professor precisa conhecer de didática, para que possa melhorar o seu trabalho docente?”

Pautados pelo primeiro questionamento, refletimos, o que é ter didática? Trazemos à luz uma definição sobre o tema (ressalta-se que o trecho destacado serve como fundamentação para a discussão).

[...] estuda o processo de ensino através dos seus componentes - os conteúdos escolares, o ensino e a aprendizagem - para, com o embasamento numa teoria da educação, formular diretrizes orientadoras da atividade profissional dos professores. É, ao mesmo tempo, uma matéria de estudo fundamental na formação profissional dos professores e um meio de trabalho do qual os professores se servem para dirigir a atividade de ensino, cujo resultado é a aprendizagem dos conteúdos escolares pelos alunos. (LIBÂNEO, 1990. p. 52).

Para tanto, quando consideramos a ideia de “dirigir a atividade de ensino”, pontuado pelo autor, estamos falando sobre os diferentes caminhos que o professor pode percorrer, a fim de propiciar um espaço democrático de aprendizagem, crivado por suas práticas pedagógicas.⁸

É seguir, não apenas talhado pela mesma ação, mas basear-se na reflexão de sua ação, todas as vezes que se faz presente no cenário de sala de aula. Pimenta (1998), em seus escritos, aborda sobre isso, na contextualização de confrontar e refletir sobre as práticas em sala de aula, a fim de compreender seus atos.

Seja na forma de verbalizar um conteúdo em sua explicação, a utilização da lousa, ou até a apropriação de novas tecnologias para o contexto de sala de aula. É questionar para validar sobre quais instrumentos e técnicas se fazem mais coerentes para o determinado momento, sabendo que cada turma possui suas singularidades.

⁸ Tomamos como referência para prática pedagógica as ideias de Franco (2015, p. 605) “uma aula só se torna uma prática pedagógica quando ela se organiza em torno: de intencionalidades, de práticas que dão sentido às intencionalidades; de reflexão contínua para avaliar se a intencionalidade está atingindo todos; de acertos contínuos de rota e de meios para se atingir os fins propostos pelas intencionalidades. Configura-se sempre como uma ação consciente e participativa”, configurando a sua ideia como parte ligada às ações didáticas.

Dessa forma, a didática é campo que permeia diversas frentes, suscitando discussões que perpassam desde espaços escolares, instrumentos didáticos, e principalmente pela ação do professor em sala de aula.

É na ação docente de caracterizar seus caminhos trilhados em sala de aula, numa ponte entre o conteúdo a ser ensinado, à forma como o aluno irá desenvolver sua autonomia frente à aprendizagem, em uma estrutura organizada, pautada pela sua intencionalidade, em promover condições diferenciadas para o desenvolvimento coerente dos conteúdos que compete ao seu componente curricular.

“A didática estuda as condições e os modos do ato de ensinar que favorecem e tornam eficaz o ato de aprender, dentro de determinados contextos situacionais, políticos, culturais etc.”, como cita Libâneo (2002, p. 35).

Destarte, por meio do ato didático que se maximiza a relação entre o ensinar e o aprender, nas palavras de Libâneo (1990), duas facetas de um mesmo processo, que se materializam nos campos dos diferentes componentes curriculares, e principalmente sobre a tutela do professor.

Nos voltamos a redimensionar a discussão ao passo da segunda indagação levantada neste subitem - “O que um professor precisa conhecer de didática, para que possa melhorar o seu trabalho docente?”

Quando pensamos no ato didático do docente em sala de aula, discutimos as formas como o professor em consonância com suas práticas pedagógicas irá propor diferentes caminhos para se chegar a um objetivo concreto.

É então, dentro da intencionalidade das ações docentes, reconhecer e pautar-se o trabalho numa relação entre teoria e prática. Denotar que, muitas vezes em sala de aula, o professor já executa determinado procedimento didático, sem necessariamente saber a base teórica que permeia aquele feito.

De maneira lúcida, identificar o melhor caminho pelo qual irá trilhar na perspectiva de sala de aula, tendo em vista, os diferentes percalços possíveis que possam vir a redirecionar o trabalho.

Pimenta *et.al* (2013) salientam sobre essa discussão, considerando que, para o desenvolvimento e propagação de determinada didática, deve-se haver um registro diário dessas experiências em sala de aula, para haver uma sistematização de tais práticas.

Esse registro diário se propaga como forma de direcionar práticas pedagógicas que em dado momento, em características singulares, deram resultados positivos, e que se reproduzidas em outros contextos (também singulares), possam vir a dar bons frutos. É a pesquisa na ação.

Franco (2015) constitui um olhar acerca da ‘Pesquisa-ação’, condicionante que elucida as ações didáticas do professor em sala de aula, a partir de uma reflexão crítica de suas práticas, atribuindo a ela um olhar mais coeso e diretivo. Sobre essa metodologia:

A condição para ser pesquisa-ação crítica é o mergulho nas práxis do grupo social em estudo, do qual se extraem as perspectivas latentes, o oculto, o não familiar que sustentam as práticas, sendo as mudanças negociadas e geridas no coletivo. Nessa direção, as pesquisas-ação colaborativas, na maioria das vezes, assumem também o caráter de criticidade (FRANCO, 2005, p. 486).

Para tanto, a *práxis*, condicionada entre teoria e prática, assume seu caráter crítico, em compreender as demandas da realidade, no caso do estudo, os mais diversos anseios do contexto de sala de aula.

É então, a partir de um planejamento didático, atitudes que façam a diferença em sala de aula de maneira proposital, não vindo do acaso, distante de uma direção pré-definida, mas pautado pela coerência. “É no confronto e na reflexão sobre as práticas e os saberes pedagógicos, e com base neles, que os professores criam novas práticas” (PIMENTA, 1998, p. 172).

Na noção da realidade que se está, para o objetivo a ser alcançado, com práticas pedagógicas que forneça ao professor, aportes para conseguir atingir aquilo desejado para o contexto que foi pensado e definido.

Cabe então, ao professor conhecer as realidades na qual ele está inserido, ou de maneira mais específica, compreender que cada sala de aula carrega suas singularidades, mas que as práticas pedagógicas empregadas em uma sala de aula, podem ou não ser viáveis para outra.

É a reafirmação, conforme Pimenta *et.al* (2013, p. 149) “é ele que tem de compreender o funcionamento do real e articular sua visão crítica dessa realidade com suas pretensões educativas, a qual define e reformula, em virtude de contextos específicos”

Se pensarmos na condição entre o processo de ensino, e o processo de aprendizagem, calcados pela ação do professor na intenção do aluno, visualizamos um estreitamento da prática pedagógica, condicionado pela construção da aprendizagem, ancorados pelas diferentes situações propostas pelo ato didático.

Tendo essa reflexão, voltamos à discussão em compreender quais e/ou como instrumentos didáticos podem auxiliar o professor em sala de aula.

2.2.1 Recursos Didáticos no campo das práticas pedagógicas

A educação em muitos momentos de nossa sociedade, foi (re)produzida em uma base tradicional, ou seja, o professor, como figura central, ganhando destaque no processo de ensino e aprendizagem, como o grande detentor do saber, e o aluno como mera esponja, pronta para receber informações.

Saviani (2015), em sua obra direciona a discussão, apresentando essa organização de sala de aula, seguindo um padrão, com o professor frente aos alunos, em sala de aula (notado como figura central), e os alunos pré-dispostos em fileiras, prontos a copiar e “decorar” as atividades passadas na lousa.

Quando pensamos nas técnicas que o autor cita, estamos direcionando nossa discussão para as práticas pedagógicas, as ações que o professor terá em sala de aula, condicionado aos espaços e técnicas que utilizará.

É partindo desse pressuposto, que o professor nas intenções de sua ação começa a incorporar novos materiais, deixa de lado a simples repetição, da aprendizagem mecanizada, repetitiva.

Surge então, uma relação com instrumentos didáticos⁹, que grosso modo, compreendidos como materiais de auxílio do docente, que contribuem de maneira direta ou indireta para execução das aulas, conforme Verde (2019, p. 214): “recursos didáticos são componentes do processo de ensino e aprendizagem que dão origem à estimulação para o aluno”.

Verde (2019, p. 214) ainda o porquê da importância para utilização de tais recursos, afirmando que estes têm o intuito de: “concretizar as ideias; atrair atenção; organizar a aula e despertar o desejo de aprender”. É visualizar instrumentos que, no cotidiano de sala de aula, auxiliem o professor no planejamento e execução da aula.

Quanto à sua variedade, cabe ao professor selecionar qual o mais adequado para a sua especificidade de trabalho e da sala de aula, compreendendo quais são os objetivos a se alcançar.

A partir disso, Verde (2019) os classificam em três categorias: recursos visuais, que apelam apenas para visão; recursos auditivos, que se dirigem somente à audição; recursos

⁹ Sobre a variação de uso de termos - “entendemos recursos didáticos como sinônimo de recursos de ensino, recursos materiais e pedagógicos, meios auxiliares, meios de ensino, recursos didático-pedagógicos” (VERDE, 2019, p. 214), afirmação que também consideramos em nosso trabalho.

audiovisuais propriamente ditos, que reúnem os estímulos visuais e auditivos. Quando trazemos a discussão, os recursos visuais, tomamos como exemplo, os manuais didáticos.

Os manuais didáticos, sempre foram centro de muitos debates, alguns a seu favor, outros mais contrários, mas o fato é que todas estas discussões são válidas, pois sua utilização impacta de maneira direta a escola e o ensino.

O livro didático, ainda é muito utilizado em sala de aula, muitas vezes como material pedagógico definitivo, como único guia a ser usado “além de consagrado em nossa cultura escolar, o livro didático tem assumido a primazia entre os recursos didáticos utilizados na grande maioria das salas de aula do ensino básico”, conforme Silva (2012, p. 806).

A partir de sua ampla demanda, percebe-se, em muitos casos, que acaba se tornando para o professor um material pronto e acabado, sendo a única ferramenta de auxílio na aplicação das aulas, engessando assim as práticas pedagógicas, como destaca Silva (2012, p. 806): “impulsionados por inúmeras situações adversas, grande parte dos professores brasileiros o transformaram no principal ou, até mesmo, o único instrumento a auxiliar o trabalho nas salas de aula”.

Compreendemos que sua utilização é de verificada importância, como material auxiliar, não sendo a figura central do processo didático, como única fonte de abastecimento para a aula, Silva *et.al.* (2020, p. 245) destaca “deve-se mencionar a importância que o livro didático possui enquanto um aporte teórico para os conteúdos a serem ministrados em sala de aula, desde que seja utilizado de maneira coerente pelo professor”.

Prosseguindo com a discussão, além dos recursos visuais, nos deparamos com os recursos auditivos, aqui compreendidos como produções sonoras. Aguçados pela audição, nos mais variados sons que compõem toda uma variedade de cenários.

A partir dessa diversidade de sons, ruídos e músicas, ponderamos o debate sobre a proximidade dos estudantes com essa temática, na fala de Dreossi e Momensohn-Santos (2005, p. 252) “Os sons, música ou ruído¹⁰ desencadeiam sensações de prazer ou incômodo em um indivíduo [...]”, cabe a ressalva, que cada uma dessas sensações é particular de cada estudante, de sua abstração.

¹⁰ Som, ruído e música são conceitos que possuem ligações, mas em suas essências diferem. Sobre som e ruído, Dreossi e Santos (2005, p. 252) consideram que “Um ruído é apenas um tipo de som, mas um som não é necessariamente um ruído. Sob o ponto de vista psico-acústico, o ruído seria uma sensação desagradável desencadeada pela recepção da energia acústica”. Já para o conceito de música temos na fala de Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007, p. 109) “[...] a música tem um significado e este significado é comunicado para quem a faz e para quem a ouve. [...] significação musical encontra-se exclusivamente no próprio trabalho de arte, nas relações estabelecidas intrinsecamente na composição musical”, nessa perspectiva compreendemos a música como uma composição baseada em diferentes estilos de sons, ganhando significado a partir de cada sujeito.

Considera-se a música, sobretudo, pelo fato de que sempre fez parte da trajetória humana, desde os diferentes ruídos advindos da natureza (trovões, barulhos da chuva, canto dos pássaros), até as formas mais elaboradas de sons, como cantigas infantis, sons provenientes da televisão/rádio (MELLO JÚNIOR; FONSECA, 2022, p. 258).

É verificar que por ser algo próximo do estudante, em tese, pode acabar desenvolvendo um estímulo a mais para se desenvolver frente ao conteúdo, apresentando uma participação maior em sala de aula.

Ainda nesse assunto, damos destaque a práticas audiovisuais, que congregam tanto características visuais quanto sonoras, relacionado principalmente com as novas tecnologias, que diretamente ou indiretamente, possuem impacto significativo na sociedade e na educação, estando ligados à ascensão de novos recursos didáticos.

No caso específico, consideramos as novas tecnologias, ligadas principalmente a era da informação, do contexto dos computadores nesse debate mais atual, principalmente no contexto escolar:

Os vínculos entre práticas educativas e processos comunicativos estreitaram-se consideravelmente no mundo contemporâneo, ao menos, por duas fortes razões: os avanços tecnológicos na comunicação e informática e as mudanças no sistema produtivo envolvendo novas qualificações e, portanto, novas exigências educacionais (LIBÂNEO, 2002, p. 55).

Consideramos a tecnologia como instrumento que pode de maneira coerente, colaborar com o processo de ensino aprendizagem em sala de aula, servindo como forma de viabilizar aulas mais dinâmicas, dentro do contexto de práticas pedagógicas.

Seu uso não deve ser condicionado a apenas simples manuseio, mas deve vir acompanhada de uma proposta pedagógica, capaz de extrair o seu real potencial “a introdução da informática na educação requer uma proposta de mudança pedagógica”, conforme Fugimoto (2010, p. 30).

Apresentar uma perspectiva abrangente da escola que demanda por novas práticas, que acaba se deslocando frente aos contextos que a sociedade coloca, que nesse caso é a inserção nesse novo meio tecnológico:

A escola hodierna, mais do que em outro momento da história educacional, precisa repensar o seu papel frente a um mundo que se transforma pela tecnologia da comunicação e informação, com implicações para a prática pedagógica, e entender esta prática inserida em um novo espaço-tempo social (SILVA, 2006, p. 152-153).

É pensar então, em elementos que de maneira positiva, correspondam às necessidades educacionais contemporâneas, principalmente no que tange a contextualização de elementos didáticos, compreendendo que os alunos, são singulares em suas ideias, e dessa forma, cada aula elaborada, reflete uma dinâmica diferenciada.

Sendo assim, como foco principal desta pesquisa, buscamos visualizar como a música pode ser utilizada enquanto recurso didático sonoro, potencializando diferentes formas para as práticas pedagógicas.

2.2.2 Práticas pedagógicas em Geografia

As práticas pedagógicas não se restringem a um ou outro componente curricular específico, seja nas ações da Pedagogia, História, Matemática ou ainda na própria Geografia, cada uma organiza as suas ações, conforme suas especificidades.

A prática, se desenvolve numa relação intrínseca com a teoria. Para que a ação ocorra, ela deve ser planejada e organizada, balizada por ideias bem direcionadas, para então se concretizar, direcionada ao conceito da práxis, destaca Mello (2012, p. 119):

[...]desde o processo de diagnóstico da situação escolar, elaboração do planejamento de ensino, pesquisa sobre as temáticas até a avaliação do processo ensino-aprendizagem, contribuem para que a atividade docente seja entendida como práxis.

A práxis, reflete a teoria ao campo prático, se materializando na realidade. Para isso, deve-se ter por objetivos bem definidos, para sua concretização de forma plena. “A prática envolve conhecimento do objeto e estabelecimento de finalidades, também requer intervenção no objeto para que a realidade social seja transformada”, conforme Mello (2012, p. 119).

Dentro desse contexto, destacamos práticas pedagógicas na Geografia escolar, pensando sempre na variável que se condiciona às singularidades de cada contexto, seja da escola, da sala de aula, da própria turma dos estudantes. Doravante, destacamos três trabalhos que são descritos na literatura, para visualizarmos como se organizam, a fim de evidenciar ações na realidade da sala de aula.

A primeira, é o trabalho realizado por Branquinho e Bernardes (2020), intitulado “O uso da Fotografia Aérea com Pipa na Construção da Geografia”, que retrata a utilização de pipas com fotografias aéreas e sua valia para as aulas de Geografia.

Primeiro, destacamos um ponto que os autores utilizam como recurso didático, as pipas.

É importante mostrar o uso das pipas diferente do que estamos acostumados, como uma atividade infanto-juvenil competitiva de cortar as outras com a prática do cerol, além de muito perigosa. A pipa ao longo da história teve um uso bastante diversificado. O objetivo aqui é demonstrar seu uso científico, e como um recurso didático e interdisciplinar, em que ela pode ser uma prática segura e lúdica (BRANQUINHO; BERNARDES, 2020, p. 7).

Importante ressaltarmos nessa prática, a utilização de um elemento próximo aos estudantes, que corrobora para cativar sua atenção, deixando a aula mais atrativa, e em tese, aumentando a participação deles.

Os autores destacam a importância do estudo, ao caracterizarem as fotografias aéreas tiradas com pipas, como uma possibilidade de trabalho diverso, seja na interação interdisciplinar, ou ainda, no próprio conteúdo geográfico, podendo ser feitas diversas releituras das imagens capturadas.

Branquinho e Bernardes (2020), no trabalho desenvolvido, descrevem ainda, o processo de criação das pipas: de como o suporte da câmera foi utilizado, até como foram feitas as fotos, além disso, a releitura que os alunos fizeram em sala de aula com essas imagens, enfim, o produto final.

Para o trabalho com os estudantes, dentro de tantos exemplos apresentados pelos autores, destacamos a interpretação das paisagens descritas nas fotografias:

A Análise da paisagem – análise e interpretação das fotografias obtidas em campo. Visou aprimorar os conhecimentos dos alunos referentes à paisagem, a partir da leitura e interpretação dos elementos presentes nas fotografias aéreas obtidas. Como sugestão de exercício, os alunos fizeram uma classificação dos elementos identificados; descrição e explicação (comparação, interação, síntese, articulação ao todo) da paisagem urbana analisada (BRANQUINHO; BERNARDES, 2020, p. 32).

Partindo do exposto, podemos identificar uma prática pedagógica que ao ser consolidada em sala de aula, trouxe resultados positivos para o ensino de Geografia, apresentando ações voltadas ao protagonismo do aluno, além da construção de conceitos e da própria interdisciplinaridade.

O segundo texto que destacamos é relatado por Santos e Reinaldo (2020) no seu trabalho “Ressignificando o ensino de Geografia através de práticas de solo”, ao realizarem uma ação em uma escola pública, mais precisamente em um 8º ano, abordando a temática da consciência ambiental.

A prática realizada consistiu em um primeiro momento de teoria (conteúdo), em seguida, foram aplicados dois questionários, para acompanhar os conhecimentos prévios e

desenvolvidos dos estudantes na primeira etapa. Após isso, foram realizados dois experimentos, e na realização destes, houve uma discussão acerca do que estava sendo trabalhado (SANTOS; REINALDO, 2022).

Sobre a descrição dos experimentos realizados:

O primeiro experimento tratou-se da importância da cobertura do solo e redução da erosão. Sendo assim, nesse experimento observou-se a erosão laminar que remove uma delgada e uniforme camada do solo superficial, provocada por fluxo hídrico não concentrado e a erosão linear que é decorrente da ação do escoamento hídrico superficial concentrado, apresentando três tipos, os sulcos, ravinas e voçorocas. No segundo experimento realizado, teve como base o impacto da gota de chuva no solo, que mostrava-se também a importância da cobertura vegetal para o solo, pois um solo sem cobertura vegetal, com o impacto das gotas da chuva, ocasiona a sua desagregação. (SANTOS; REINALDO, 2022, p. 129-132).

Dentro dessas ações, destacamos a importância da utilização das mais variadas práticas, desde o trabalho com os conteúdos específicos, a aplicação de questionários, além da parte dos experimentos.

Refletir sobre como essa atividade exibe um realce ao ensino de Geografia, saindo daquela perspectiva apenas conteudista, mas dando exemplos práticos da interação de diversos elementos e espaços que constituem todo o trabalho didático do docente.

O terceiro trabalho que destacamos é o de Ezídio (2019), intitulado “A música como metodologia de ensino da Geografia do bioma Pantanal”, que tem como objetivo “estabelecer a música como metodologia do ensino da geografia, analisar a música regional como metodologia lúdica eficaz no ensino e aprendizagem da Geografia do bioma Pantanal” (EZIDIO, 2019, p. 4).

A pesquisa, em linhas gerais, apresenta práticas pedagógicas utilizando a música para o ensino de Geografia “levantamento de músicas do cancioneiro popular regional cujas letras expressam conteúdos geográficos sobre o bioma Pantanal”, conforme Ezídio (2019, p. 04).

O autor desenvolveu uma sequência didática¹¹ por fases - a primeira é relacionada a aula expositiva dialogada e ilustrativa, momento onde foi realizado um bate papo com os alunos, explicando conceitos pertinentes do conteúdo, e um período de ilustrações acerca do que foi trabalhado (EZIDIO, 2019).

¹¹ A sequência didática consiste em atividades planejadas e organizadas, em aulas ou etapas, a fim de atingir os objetivos propostos pelo professor.

Em seguida, o autor propõe a audição e interpretação de letras de músicas que retratam acerca do bioma Pantanal. A terceira fase, foi uma visita *in locu*, um trabalho de campo, para analisar na prática elementos vistos até então na teoria (EZIDIO, 2019).

A quarta fase, foi um diálogo sobre o que foi visto no trabalho de campo, e por fim, a quinta fase, um encerramento com noite cultural, na qual se “[...] caracterizou-se por apresentar ao público que se fez presente a música regional pantaneira composta pelo repertório estudado e analisado em sala de aula”, como salienta Ezidio (2019, p. 87). O autor ainda propõe mais algumas sequências didáticas, a fim de auxiliar os professores.

Na proposta do autor, destacamos a forma como ele trabalha os conteúdos relacionados à temática ambiental, numa visão condicionada com a música.

Desta forma, baseado no tema central de estudo, buscamos compreender as possibilidades que a música apresenta como uma prática didática, evidenciando seus pontos fortes, bem como, formas de trabalho com ela.

2.3 A música como prática pedagógica

Pensar na perspectiva didática, é reconsiderar diferentes tipos de práticas pedagógicas que levem em conta as singularidades de cada sala de aula. É tarefa do professor, dimensionar qual a melhor forma de trabalho, que dará resultados.

Por esse ponto, damos preferência a escolha de elementos didáticos que estão próximos aos alunos, uma ação positiva no que tangencia a adesão de participação por parte deles, ou como já debatido, a intencionalidade em suas ações

O recurso didático escolhido auxiliou o professor na situação de ensino e aprendizagem, permitindo a problematização dos conteúdos e aproximando o educando da realidade estudada, mas por si mesmo esta ferramenta não pode suplantiar o papel imprescindível do professor. Então, o educador deve identificar as possíveis formas e situações do seu uso (COSTA; DAMASCENO; MUNIZ, 2018, p. 100).

Dentro disso, consideramos a utilização da música como elemento a ser analisado e debatido, identificando nela, como parte do cotidiano dos alunos, algo próximo da realidade deles.

Abordamos sobre a reflexão dentro desse tema, a música como elemento de linguagem e expressão cotidiana, e assim, possível recurso pedagógico em sala de aula.

Primeiramente, contextualizamos como produto da expressão humana: ao passo da evolução das sociedades, nos diferentes sons (principalmente da natureza), que já

acompanhavam as civilizações. Ezidio (2019) aponta para essa relação, colocando a música como parte do cotidiano das pessoas, sendo utilizadas nos diferentes períodos, e pelas diversas classes sociais.

Seja no som do trovão no dia de chuva, nas gotas de água caindo sobre o solo, no canto dos animais, enfim, uma infinidade de sons que se faziam presente no cotidiano dos humanos.

Carvalho (2005) faz apontamentos sobre a música, considerando-a como elemento de diálogo, de comunicação, da expressão cotidiana dos seres humanos, na construção de sua identidade.

“A música é um fenômeno universal, uma linguagem que todos entendem, é um traço de união entre os povos. A música gera conhecimento e tem especial significado porque opera com força total na percepção e na cognição humana”, como destaca Uriarte (2014, p. 246).

Ainda nessa concepção, Correia (2010, p. 135), reforça essa ideia ao afirmar “ao mesmo tempo diz que a música e a linguagem humana podem ter evoluído de uma forma expressiva comum”. Sobre isso, caracterizamos a música como forma de viabilizar a comunicação das diferentes realidades.

É no som da melodia, nos versos das letras, que conseguimos notar como as realidades são descritas, seja na escrita mais poética, ou no som mais “agudo”, refletem o meio único de cada local, de cada paisagem.

A música como ilustração para as singularidades geográficas de cada território, visualizamos assim, artifícios para representar o meio de cada aluno. Se no processo de ensino e aprendizagem, consideramos os conhecimentos prévios dos discentes, porque não fazer o mesmo no processo didático, levando em conta, o repertório musical dos alunos?

Assumindo essa postura, nos esforçamos a apresentar e discutir como a música pode ser concebida com potencial para a construção do processo de ensino e aprendizagem em sua relação didática no ensino de Geografia, em específico trabalhando o conceito de paisagem atrelado a identidade territorial, considerando-a como forma de expressão das mais diferentes realidades de cada aluno.

Primeiramente, buscamos na literatura, indícios que corroborem para apresentar elementos que a tornem um exemplo positivo nos processos educativos.

O primeiro que visualizamos, é o seu poder de potencializar, aspectos cognitivos do aluno, como a memória, criatividade e a percepção.

Sobre a memória, partindo de elementos sensíveis, da orientação sócio emocional que o aluno carrega consigo, o discente consegue assimilar melhor os conteúdos, de maneira mais

coerente, relacionando as letras e sons, e todo o contexto da música (FÉLIX; SSANTANA; OLIVEIRA JUNIOR, 2014).

Tais considerações nos permitem acreditar que a música pode facilitar a compreensão do aluno, pois estabelece empatia entre autor/compositor e o mesmo. A empatia é um conceito que ocorre quando todos os sujeitos – compositores e alunos – se identificam com o contexto histórico, passando a pensar historicamente, ou seja, se colocando no lugar do outro (MOREIRA, SANTOS; COELHO, 2014, p. 44).

O desenvolvimento cognitivo traduzido na ação de compreender o que está sendo reproduzido naquela música, o que está sendo expresso naqueles versos, validando neste ato, a busca em sua memória de fazer a conexão do conteúdo estudado.

Destaca-se também nesse processo, o incentivo a criatividade, crivada pela releitura das mais variadas letras, e dos diferentes sons. É nesse estímulo que o aluno acaba desenvolvendo seu imaginário, criando e recriando os mais diversos signos, contextualizando com aquilo que ele vai ouvindo.

Sobre a criatividade, destacamos a sua importância, pelo fato de estar ligada à curiosidade humana, em descobrir o novo, e a partir deste (re)criar diferentes ideias “o pensamento é impaciente, inovador e criativo e é seduzido pela surpresa e novidade” (CORREIA, 2010, p. 141).

Mello Junior e Fonseca (2022) destacam dois motivos principais para considerar a música como elemento didático, o primeiro pela ação de incentivar a criatividade, o segundo pelos diferentes símbolos expressados no contexto musical que podem ser trabalhados como elementos didáticos.

Trabalhar os símbolos que ela traz, é compreender as realidades que ali são descritas, por exemplo, músicas feitas em um contexto do campesinato, irão refletir o meio rural, enquanto músicas produzidas em um cotidiano do subúrbio, irão apresentar elementos dessa área. Vale ressaltar que isso não é uma regra por vias de fato, mas um simbolismo identificado em algumas músicas.

Destarte, é refletir sobre os signos que a música representa, e reconhecer o aluno como ser dotado de bagagem teórico conceitual, podendo usufruir, repensar e recriar a letra que está ali disposta para ele. Por exemplo, na ação de parodiar¹² alguma música, como movimento de desenvolvimento da memória e criatividade.

¹² Conforme dicionário Houssais: “Obra literária, teatral, musical etc. que imita outra obra, ou os procedimentos de uma corrente artística, escola etc. com objetivo jocoso ou satírico; arremedo” (Houaiss; Villar, 2009).

“É possível levantar a hipótese de que o aluno, nas situações em que a música é utilizada como recurso didático, se identifica com o assunto, podendo transformar seus conceitos espontâneos em conceitos científicos”, conforme cita Moreira, Santos e Coelho (2014, p. 45).

Exploramos também a música como forma de potencializar a percepção, pois ao ouvir determinado ritmo musical, os alunos começam a identificar elementos sonoros que podem remeter a determinado local, por exemplo, o som de um berrante a vida no campo, o som do pandeiro ao samba. Ainda nesse contexto, a percepção das próprias letras musicais, em compreender o que aqueles versos querem dizer.

Félix, Santana e Oliveira Junior (2014, p. 23) apontam: “as oscilações promovidas pelo desenvolvimento da música em seu curso despertam sensações nos sujeitos que movimentam naturalmente o processo cognitivo”. Esse movimento que os autores citam, é a percepção das mais variadas músicas, e seus significados.

Fato é que, desde ruídos, até as grandes composições, a música fomenta ao ouvinte, o despertar cognitivo, instiga os sentidos, a compreender o que está sendo ouvido, a perceber a mensagem a ser passada naquela letra, em resgatar na memória outros sons parecidos com aquele em um sentido comparativo, e no senso criativo, criar novas composições a partir do que foi escutado.

Notadamente, a música é parte do cotidiano dos alunos. Nos mais variados estilos, com sons mais trabalhados, outros menos, com letras mais poéticas e romantizadas, ou ainda, que apresentam mais elementos da vida diária. Enfim, o que se tira de base é a sua condição de representar as mais diversas facetas sociais.

Por meio disso, identificamos seu potencial para ser utilizado em sala de aula, como forma de viabilizar condições para o desenvolvimento concreto do processo de ensino e aprendizagem.

De maneira mais direta, ela pode ser trabalhada dentro de algumas perspectivas, como a releitura de suas letras, a melodia que pode ser caracterizada de determinada localização geográfica, ou ainda, que pode ambientar todo o conteúdo a ser trabalhado, além da recriação das letras das músicas através de paródias (FÉLIX, SANTANA; OLIVEIRA JUNIOR, 2014).

O primeiro aspecto que damos destaque é a releitura das letras das músicas. Visualizamos esse caminho, como fonte de compreensão daquilo que a música quer retratar, das realidades ali expressadas, podendo retratar também as mais diversas paisagens.

Tomemos como exemplo Ezidio (2019), que realizou um trabalho em uma escola pública, buscando em músicas populares aspectos que retratavam aspectos do conteúdo de Geografia sobre o bioma Pantanal.

Podemos visualizar como a paisagem pode ser vislumbrada dentro de uma perspectiva que considere a música como recurso pedagógico. É possível notar como diferentes lugares podem ser retratados nas mais variadas letras.

Félix, Santana e Oliveira Junior (2014), em seus estudos, também retratam uma experiência realizada em sala de aula, onde o professor ao trabalhar determinado conteúdo em sala de aula, escolheu uma música, que de maneira indireta, abordava em sua letra, aspectos que caracterizavam o conteúdo trabalho em sala de aula.

Os autores ainda citam, outro contexto em que a música foi utilizada como instrumento didático, como elemento para ambientar o conteúdo, como obra narrada:

Na mesma escola, a música também é utilizada pelo mesmo professor, de modo diferente facilitando a narração de fatos históricos apoiados de uma trilha sonora. Foi observado que na construção do plano de aula o educador selecionou áudios que combinassem com o clima do que iria ser narrado. O conteúdo trabalhado foi a Revolução Francesa (FÉLIX; SANTANA; OLIVEIRA JUNIOR, 2014, p. 26).

São exemplos práticos, de como a música pode corroborar para o processo de ensino e aprendizagem, sendo utilizada como instrumento didático, auxiliando na construção de uma aula mais atrativa para os alunos.

Nesse processo, podemos identificar formas de mediar os conteúdos aos alunos de maneira didática, diferente das formas tradicionais até então visualizadas no contexto escolar. Reafirma ainda, o exercício cognitivo do aluno, como o desenvolvimento da criatividade.

Compreender que “o pensamento é impaciente, inovador e criativo e é seduzido pela surpresa e novidade”, nas palavras de Correia (2010, p. 141). Então nesse processo educativo, pela apreciação da música, identificamos formas de apresentar aos alunos, não apenas um conteúdo, mas toda uma construção que desperte nele a intencionalidade da aprendizagem.

Sendo assim, é na música, que (re)afirmamos o quanto ela apresenta possibilidades a serem exploradas para o pleno desenvolvimento do aluno, bem como, um elemento didático pertinente e de grande valia ao professor.

CAPÍTULO 3 - AS PAISAGENS SUL-MATO-GROSSENSSES NA MÚSICA: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Neste capítulo, abordaremos como as paisagens e identidade cultural de Mato Grosso do Sul são retratadas nas músicas, e como podemos utilizá-las em sala de aula para o ensino de Geografia, considerando análises e a construção de sequências didáticas.

3.1 MATO GROSSO DO SUL: UM PANORAMA

*Enquanto este velho trem atravessa o pantanal
As estrelas do cruzeiro fazem um sinal
De que este é o melhor caminho
Pra quem é como eu, mais um fugitivo da guerra*

Trem do Pantanal – Almir Sater.

Mato Grosso do Sul, ao longo de seus 46 anos, é frequentemente descrito por suas singularidades, seja por seu processo de povoamento, dinâmicas naturais, organização sócio econômica, dentre outros.

O estado, até 1977 então parte de Mato Grosso, possuía um vasto território, e por conta disso, identificava-se uma variedade de espaços pautados por diferenças, além da dificuldade com problemas relacionados à comunicação, transporte, infraestrutura entre outras áreas, como destaca Machado (2020).

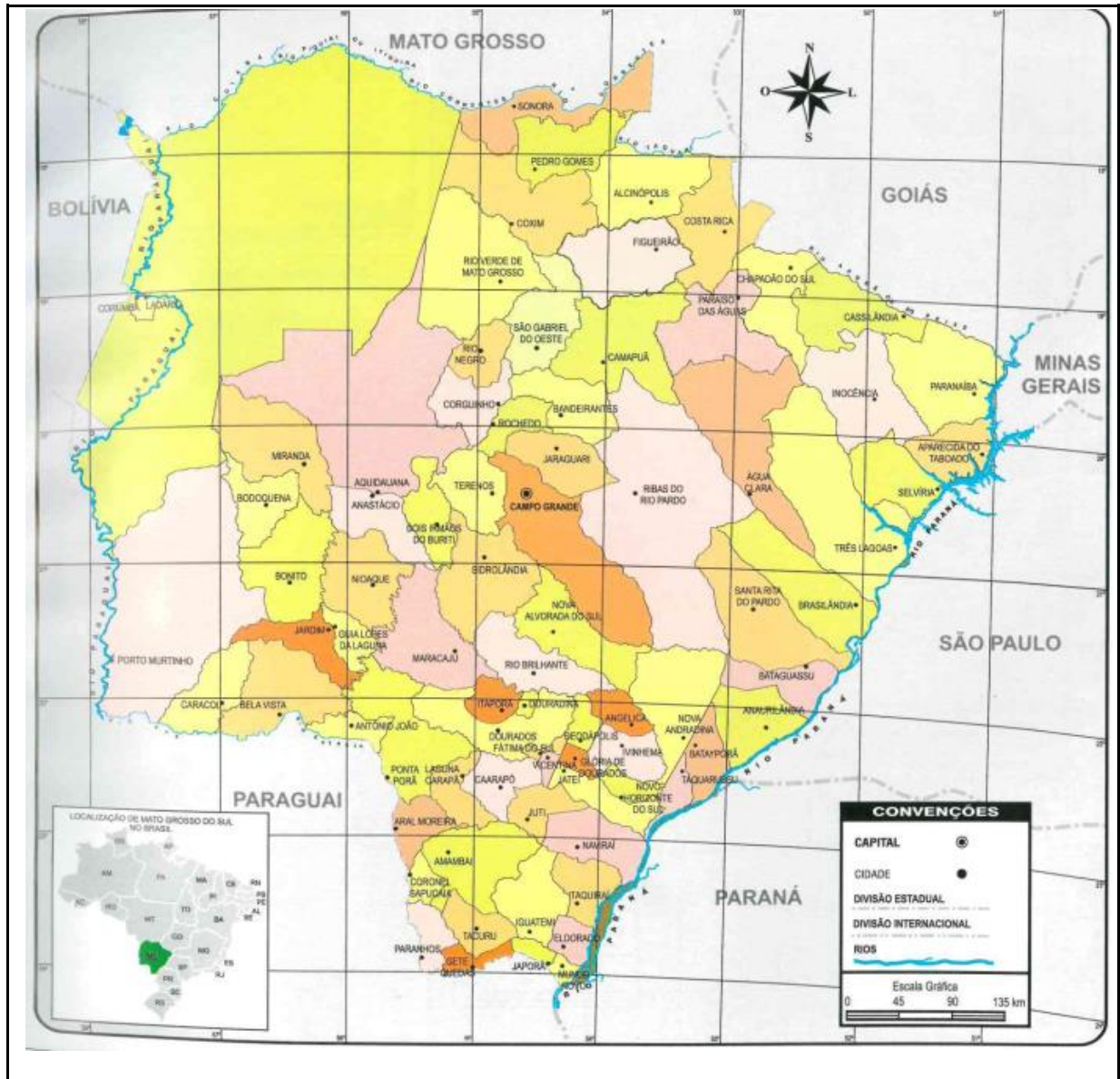
A partir dessa conjuntura, o distanciamento entre as diferentes regiões do estado, foi-se criando um ideal separatista, mas que não ganhava força diretamente, até o ano de 1977, quando efetivamente se promulgou tal ato.

O movimento separatista não se deu de maneira linear e sequencial, mas sofreu modificações no decorrer de seu processo. Uma ideia separatista assumiu características de movimento; em alguns momentos era esquecida, em outros, ressurgia em outro contexto e assim se sucedeu até 1977 com a divisão do estado no dia 11 de outubro desse ano e a criação de uma nova Unidade da Federação, o Mato Grosso do Sul (MACHADO, 2020, p. 9).

Um dos principais argumentos utilizados para justificar tal feito, era que o “território era grande demais para ser administrado por uma só máquina administrativa - e preceitos da Doutrina de Segurança Nacional, que considera pouco recomendável a existência de estados grandes e potencialmente ricos na região de fronteira” (MATO GROSSO DO SUL, 2017, p. 09).

Atualmente, o território sul-mato-grossense configura-se em parte na faixa de fronteira, tendo Bolívia e Paraguai como vizinhos, e uma divisa com cinco estados brasileiros: Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás, São Paulo e Paraná, conforme o quadro 01:

Quadro 01: Mapa político de Mato Grosso do Sul



Fonte: (BARROS, 2017, p. 27).

Vale salientar, que o estado possui 79 municípios e uma população aproximada de 2,8 milhões de habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2021).

Em termos físicos, o estado conta com uma vasta biodiversidade. Utilizando como referência o Zoneamento Ecológico de Mato Grosso do Sul - ZEE/MS, destaca as características dos biomas do Cerrado, Pantanal e Mata Atlântica. (MATO GROSSO DO SUL, 2015).

Dá ênfase ainda, às bacias hidrográficas que banham o território sul-mato-grossense, com destaque para a bacia do Rio Paraguai e a bacia do Rio Paraná, além dos aquíferos encontrados no estado. “As águas subterrâneas estão confinadas em aquíferos, confinando o recurso hídrico no subsolo distribuído através de uma forma homogênea em todo território do Estado”, conforme Mato Grosso do Sul (2015, p. 38).

Fato é que, o estado desponta por suas várias particularidades em suas paisagens naturais, que propicia potencialidades turístico, econômico, social e cultural, na relação entre natureza e sociedade.

Nessa interação, destacamos também a marcante presença de tribos indígenas e comunidades quilombolas, que no processo histórico do estado são caracterizadas pelo seu trato próximo ao meio natural e também a luta em movimentos sociais que buscam acesso à terra, pela reforma agrária.

Estes movimentos elaboram, junto às famílias, desejos de recriação de formas tradicionais de produção e de identidade com a terra, o que as levam à valorização do ambiente que ocupam. Tal valorização tem sido profícua numa relação de forma integrada, envolvendo a valorização dos saberes tradicionais (cultura), bem como a valorização da vida (pessoas, ambiente e biodiversidade) (GRACIOLLI et al., 2017, p. 4).

Ressaltamos ainda, a relação fronteira sul-mato-grossense, que apresenta uma dinâmica diferenciada da maior parte do território brasileiro, principalmente pela fronteira ¹³ com dois países Bolívia e Paraguai.

Sobre essa dinâmica, Oliveira (2005, p. 377) destaca que "na região de fronteira há complementaridades de toda ordem, todos sabemos, o que as transforma em subsistemas abertos pouco condicionados às amarras das burocracias estatais" apontando um direcionamento sobre os diferentes cenários que são construídos a partir de cada especificidade fronteira.

Duas realidades, culturas, relações econômicas e sociais que compõem todo o cenário do estado. São contextos que estão diretamente ligados à transformação das paisagens pela ação dos diferentes sujeitos e grupos, seja natural ou cultural, projetados pela construção da identidade territorial, pelo sentimento de pertencimento.

Sendo assim, como citado anteriormente na presente pesquisa, para o conceito de paisagem consideramos a ideia de Sauer (1998), ao expor a relação entre as paisagens naturais

¹³ Para fronteira, consideramos a definição de Paixão (2006, p. 51): “a fronteira como um processo de construção histórica que, na prática, pode ser configurado como a faixa marginal de um território que pode apresentar características diferenciadas das demais porções do mesmo território”.

(compostas por elementos da natureza), e paisagens culturais (paisagens naturais transformadas pela ação do ser humano), balizados pela identidade territorial, construindo um sentimento de pertencimento no território.

Neste prisma, buscamos visualizar como se organizam e se apresentam as paisagens na construção de uma identidade territorial sul-mato-grossense, compreendendo como a ação humana se realiza frente a transformação da natureza.

Justificamos esse tema, pela diversidade paisagística que o estado carrega, desde as características físicas, guiadas por exemplo pela Serra de Maracaju, o bioma do Pantanal, além da construção de uma identidade territorial, balizada por sua posição geográfica e elementos sociais, tal como a variedade cultural indígena, fronteiriça e por influência de outros estados brasileiros.

O estado de Mato Grosso do Sul detém um território fronteiriço, integralmente inserido na Bacia Platina, encravado no interior do continente sul-americano, cuja configuração tem sido marcada por uma situação de pluralidade de variáveis que convergem para sua formação, resultando em uma cultura forte e diversa (ARAÚJO; VARGAS, 2017, p. 2).

Para tanto, discutiremos qual é essa paisagem física e cultural sul-mato-grossense que estamos citando, caracterizando-as a fim de compreender suas raízes e suas relações.

3.1.1 Paisagens Naturais: do Pantanal a Serra de Maracaju

O estado de Mato Grosso do Sul, desponta por sua grande diversidade paisagística. A exuberância da natureza do estado ganha forma na sua estrutura, seja na hidrografia, na fauna ou na flora.

O Estado de Mato Grosso do Sul é conhecido pela peculiaridade de seu espaço geográfico e exuberância da fauna e flora. O Pantanal, um dos mais importantes sistemas ecológicos do mundo, ocupa uma imensa planície que, em sua maior porção, estende-se pelos Estados brasileiros de Mato Grosso do Sul e do Mato Grosso, espalhando-se pelos vizinhos países da Bolívia e Paraguai, até a Argentina. (CATONIO, 2017, p. 4499).

Seguimos balizados pela fala da autora, e tomamos como frente a descrição das paisagens do Pantanal¹⁴, dando destaque para suas dinâmicas naturais e também seu contexto cultural.

¹⁴ [...] o que se denomina Pantanal é um conjunto de paisagens distintas, diversificadas e complexas, relacionadas principalmente aos rios das sub-bacias hidrográficas que formam o rio Paraguai. Em realidade, portanto, existem diversos pantanais, relacionados à drenagem de cada um desses grandes rios formadores da bacia hidrográfica do rio Paraguai [...] (DAMASCENO JÚNIOR *et. al*, 2014, p. 11), no entanto, para trabalharmos a paisagem na

Nos pátios amanhecidos de chuva, sobre excrementos meio derretidos, a surpresa dos cogumelos! Na beira dos ranchos, nos canteiros da horta, no meio das árvores do pomar, seus branquíssimos corpos sem raízes se multiplicam. Alegria é de manhã ter chovido de noite! As chuvas encharcaram tudo. Os baguaris e os caramujos tortos. As chuvas encharcaram os cerrados até os pentelhos. Lagartos espaceiam com olhos de paina. Borboletas desovadas melam. Biguás engolem bagres perplexos. Espinheiros emaranhados guardam por baixo filhotes de pato. Os bulbos das lixeiras estão ensanguentados. E os ventos se vão apodrecer! (BARROS, 2010, p. 206).

O excerto diz respeito às particularidades do Pantanal, entre elas, as enchentes, ocasionadas pelas chuvas. Sobre essa dinâmica Bergier e Resende (2010, p. 35) assinalam “áreas úmidas tropicais, o ritmo é ditado particularmente pelo período chuvoso ao longo de aproximadamente seis meses no verão austral. Em específico ao Pantanal [...] concentram-se de outubro a março”.

Considerada a maior planície alagável do mundo, as enchentes ocasionadas pelas chuvas são fatores importante para tal situação, transformando a paisagem pantaneira. O período de chuva diz respeito principalmente à posição geográfica do Pantanal, localizada na porção central da América do Sul (BERGIER; RESENDE, 2010).

Essa questão influencia diretamente as dinâmicas hidrográficas: quando pensamos nos rios que compõem o cenário do Pantanal, visualizamos uma gama muito completa e diversa.

A BAP¹⁵ está dividida em duas grandes bacias ou unidades hidrográficas: o Pantanal (cerca de 36% da bacia) e o Planalto Paraguai. Dentre seus principais cursos d’água, destacam-se o Paraguai, Taquari, São Lourenço, Cuiabá, Itiquira, Miranda, Aquidauana, Negro, Apa e Jauru. (BRASIL, 2015, p. 89).

Ainda sobre esse tema, o ZEE/MS (2017) destaca em números a paisagem do Pantanal sul-mato-grossense, como por exemplo, 8 mil quilômetros lineares de uma rede de rios, das 264 espécies de peixes que ali habitam, ou ainda 6,5 milhões de hectares como área inundável.

Nessa perspectiva, é possível identificar o potencial aquático que o Pantanal possui, seja nas águas fluviais, ou pluviais. Fato é que, esse panorama primoroso é especificidade pantaneira e que não se resume apenas a temática hídrica, mas, desponta em outras áreas, como sua estrutura geomorfológica, flora e fauna.

Em termos geomorfológicos, o que impera na paisagem pantaneira são as planícies, compreendidas como áreas planas de pouca altitude em relação ao nível do mar, fato também visualizado no pantanal sul-mato-grossense, “de topografia plana, de baixa declividade oscilando entre 80 a 200 m de altitude” conforme ZEE - MS (2017, p. 97), além de ser

¹⁵sigla BAP citada no trecho acima, faz referência a Bacia do Alto Paraguai, da qual o Pantanal faz parte.

caracterizado como área de inundação e também de sedimentação, por causa dos planaltos a sua volta (Souza; Lani; Sousa, 2006).

Em termos de flora, o Pantanal também possui seu destaque, “[...] sendo possível identificar diversas fisionomias, como campos inundáveis, brejos, campo seco, floresta estacional semidecídua, mata ripícola, cerrado, cerradão, entre outros”, nas palavras de Damasceno Júnior *et.al* (2014, p. 36).

Já a fauna é caracterizada por sua grande diversidade, seja por aves, mamíferos ou peixes. Manoel *et. al* (2014), em seus estudos, fazem uma descrição dos animais identificados em terra e céu pantaneiro. No Pantanal, são aproximadamente 460 espécies de aves, em destaque, a ave símbolo da região, o Tuiuiú, além de Carcarás, entre outras, por se tratar da rota migratória desses animais (MANOEL *et.al* , 2014).

Entre os mamíferos, destacamos o lobo guará, tamanduá-bandeira, a onça pintada, os veados campeiros e mateiros, cachorro do mato, e também o maior roedor do planeta, a capivara, conforme Manoel *et. al* (2014). Dessa forma, podemos verificar os aspectos singulares do Pantanal, a sua rica biodiversidade.

Diante disso, buscamos também identificar as características naturais da Serra de Maracaju, haja vista, que ela compõe o mosaico ambiental sul-mato-grossense: assim como Pantanal apresenta sua rica biodiversidade, em telas é versos a Serra também é retratada.

A Serra de Maracaju, caracteriza-se como uma área de grande diversidade “uma região com particular beleza natural e com bom nível de preservação, denotando que as atividades econômicas presentes nesta Zona [...]”, conforme o ZEE - MS (2017, p. 137). Para tanto, descrevemos dois pontos principais, as suas características vegetais e hídricas.

Sobre sua localização, Lima *et al* (2020, p. 226) salienta “inicia-se na parte sul do estado, no interior do município de Ponta Porã, atravessa a faixa central do território sul-mato-grossense, chegando até a porção norte do estado, no município de Sonora”, conforme o quadro 03, que se relaciona com os limites da Serra.

Dessa forma, identificamos as singularidades que a Serra de Maracaju apresenta, condicionada por aspectos únicos que a transformam em paisagem diversa, carregada de detalhes que correspondem a sua biodiversidade.

A partir do exposto ainda fazemos a menção de problemáticas relacionadas às ações humanas, que ameaçam tanto a biodiversidade pantaneira como a da Serra de Maracaju, entre elas destacam-se o avanço da fronteira agrícola, as queimadas, poluição, sobretudo dos recursos hídricos, entre outras.

Para o Pantanal, destacamos os escritos de Cunha e Junk (2020), considerando os principais problemas ambientais relacionados à erosão e assoreamento, uso de pesticidas, desmatamento, ocasionados por agentes externos e internos.

Já sobre a Serra de Maracaju, Lima *et. al* (2020) descrevem adversidades similares que assolam o Pantanal, marcado principalmente pela expansão das *commodities* acarretando no uso não sustentável do solo, o desmatamento e poluição dos rios e das águas subterrâneas.

Fato é que, tanto as paisagens naturais pantaneiras ou da Serra de Maracaju, são marcadas por rica biodiversidade, mas assoladas por problemas ambientais que vem de um ciclo histórico de ocupação.

Destacamos que o Mato Grosso do Sul, além da Serra de Maracaju e o Pantanal, possui outros cenários naturais, sobretudo o trecho leste na bacia do Rio Paraná, mas que em nossa pesquisa, damos destaque para os primeiros citados.

Mediante isso, pela ação humana, na apropriação e transformação dessas paisagens naturais, buscamos descrever as paisagens culturais de Mato Grosso do Sul, com foco nos povos tradicionais, fronteiriços, além de outros do território brasileiro que impactaram e impactam na cultura sul-mato-grossense.

3.1.2 Paisagem cultural: Das tribos indígenas ao contexto fronteiriço

Assim como verificamos, Mato Grosso do Sul, possui uma paisagem natural diversa, rica em detalhes. Nesse sentido, vale ressaltar sua relação e sua transformação a partir das atividades antrópicas, com a sociedade em si. Seguindo as ideias de Sauer (1998), as paisagens culturais seriam a ação do ser humano sobre a paisagem natural, transformando-as.

Sendo assim, buscamos compreender como elas se desenvolvem no bojo sul-mato-grossense, pautado por uma perspectiva de identidade territorial, relacionadas pelo pertencimento que cada sujeito pode estabelecer com esse território.

Para tanto, delimitamos recortes específicos de descrição - damos destaque para tribos indígenas de Mato Grosso do Sul; as culturas que influenciam a região fronteira, além disso, as festas populares, marcadas na história do estado.

Dentre essa singularidade cultural apresenta-se uma significativa população indígena e descendentes de quilombolas [...] o Estado, concentra um grande número de migrantes brasileiros (nordestinos, mineiros, paulistas, catarinenses, paranaenses, baianos e gaúchos) e estrangeiros oriundo da Europa, Ásia e Oriente Médio (VIEIRA; NASCIMENTO; URQUIZA, 2010, p. 91).

A princípio, buscamos identificar as tribos indígenas sul-mato-grossenses, descrevendo suas práticas culturais e sociais, a relação que possuem com as paisagens do estado.

Mato Grosso do Sul, é o segundo estado brasileiro com maior população indígena do país, com destaque para “os Kaiowá/Guarani, os Terena, os Kadiwéu, os Guató e os Ofaiet. Os Kaiowá/Guarani e os Terena apresentam o maior contingente populacional”, conforme Brand (2001, p. 59)

O Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, consta Campo Grande, capital do estado, com um crescimento expressivo de populações indígenas em relação às demais do país (BRASIL, 2012).

Nesse prisma, as formas como as tribos indígenas se organizam e reproduzem sua cultura, estão relacionadas em grande parte com o território em que vivem, e isso também diz respeito às transformações das paisagens naturais em paisagens culturais, principalmente sobre as questões da natureza.

Para essas populações indígenas, as atividades produtivas são basicamente para subsistência. Assim, apresentam forte dependência em relação à natureza e aos recursos naturais renováveis, os quais são os mantenedores de seu modo particular de vida. Culturalmente, a natureza representa para os indígenas muito mais do que um meio de subsistência. Representa o suporte da vida social e está diretamente ligada aos sistemas de crenças e conhecimentos, além de uma relação histórica. (SOUZA *et. al.*, 2015, p. 88).

Essa ação sobre a natureza, é diferente das verificadas nos moldes das sociedades capitalistas, remete a atividades muito mais amplas e significativas, condicionadas à subsistência, mas também em um complexo de ancestralidade na condição de morada, dos preceitos de crenças e culturas.

É a correlação entre sujeito e meio ambiente pautada pelo pertencimento ao território no qual está inserido, Brand (2001, p. 59) também afirma “[...] questão dos territórios, em seu aspecto de construção cultural, ou enquanto espaço de afirmação da identidade e da autonomia de culturas distintas”. Por exemplo, Tekoha para povos Guaranis é traduzido como “o lugar

onde eles são o que são, lugar que promete e faz possível o que serão”, nos escritos de Melià (1998, p. 16).

Um complexo variado de tribos, com suas crenças e culturas, mas que em suma são assolados pelos mesmos problemas - a negação de seu território, a diminuição das terras onde vivem em detrimento de processos históricos como a própria colonização, o avanço das fronteiras agrícolas, e um modelo neoliberal, que em muitos casos desconsidera os diferentes grupos sociais, como consequência “caracteriza um descaso à sua reprodução física e a manutenção do modelo cultural”, nas palavras de Vieira, Nascimento e Urquiza (2010, p. 91).

Essa exclusão, é fato crucial para o apagamento de culturas e diminuição da qualidade de vida de tribos indígenas que ainda tentam perpetuar seus costumes e tradições, assumindo uma postura de luta e resistência frente às mazelas pelas quais são assoladas.

Brand (2001) ainda destaca que esses problemas acarretam muitos outros, como alcoolismo, prostituição, violência, suicídios, embates entre latifundiários e indígenas, que aumentam ainda mais o drama das causas indígenas em Mato Grosso do Sul.

Vale ressaltar, que as representações culturais indígenas influenciam diretamente na cultura de Mato Grosso do Sul, seja na língua, na culinária, nas tradições e festividades, as práticas que (re)criam as paisagens culturais do estado.

No mosaico paisagístico cultural sul-mato-grossense, destacamos também as regiões fronteiriças. Como já citado em Paixão (2006), compreendemos o conceito de fronteira como uma faixa perpassada por uma construção histórica como significados e contextos diferentes do restante do território.

No caso específico de Mato Grosso do Sul, o estado faz fronteira com dois países, Bolívia e Paraguai. São vivências únicas pautadas pelas relações com os países vizinhos, que criam e recriam modos de viver, costumes e práticas singulares.

Para o caso da fronteira entre Bolívia e Mato Grosso do Sul, em específico com o município de Corumbá, temos uma relação que vai muito além do limite territorial. É o contraste de uma vivência cotidiana, bolivianos vindos para o lado brasileiro em busca de serviços, e muitas vezes até morada:

[...] os processos de adaptação dos bolivianos em Corumbá e seu acesso a serviços, como atendimento à saúde e à educação, sobretudo no caso dos indivíduos que possuem dupla nacionalidade. Isto demonstra também que as identidades nunca são rígidas e monolíticas, ainda mais nas fronteiras, entendidas como espaços liminares (COSTA, 2015, p. 39).

Nesse fluxo de idas e vindas, aspectos da cultura também são carregados a partir de cada sujeito, novos cenários culturais e identitários são criados, dando forma a novos contextos,

“portanto, a identidade étnica é construída e transformada na interação entre os grupos sociais, contribuindo para organizar, inclusive, o teor dessas interações”, conforme Costa (2015, p. 38).

No trabalho de Costa (2012), o autor expõe relatos de bolivianos que moram em Corumbá, destacando elementos culturais trazidos da Bolívia e que ao longo dos anos foram incorporados na cultura sul-mato-grossense, como por exemplo na culinária, a saltenha, uma espécie de pastel, ou “marraditto (comida típica boliviana servida como segundo prato ou opção, composta por arroz, banana da terra cozida, batata, carne moída um pouco ensopada)” (COSTA, 2012, p. 29).

Assim como o caso boliviano, a fronteira entre Mato Grosso do Sul e Paraguai também possui suas particularidades, sendo marcada principalmente pelos municípios de Ponta Porã, Porto Murtinho, Bela Vista e Mundo Novo, entre outros.

São vivências que vão sendo gradualmente incorporadas transformando as paisagens culturais, do estado principalmente pela perspectiva da identidade territorial em um contexto fronteiriço.

Mondardo (2013, p. 75) descreve sobre essa temática:

[...] sentir que se está no país vizinho devido às músicas, em que se destacam instrumentos como a arpa, nas comidas típicas como a chipa e a sopa paraguaia, vendidas em padarias e supermercados, nas bebidas como o tereré, na língua em que expressões em guarani são utilizadas, em situações do cotidiano, e nas conversas, principalmente, naquelas em que estejam envolvidos paraguaios e seus descendentes.

São cenários que se reconstróem a partir de cada sujeito, transformando a cultura baseada em “tradições possuem uma função, principalmente no núcleo individual das memórias, a partir do momento em que remetem à lembrança do país de origem, das relações de fronteira ou, até mesmo, dos espaços privado e familiar”, nas palavras de Jara (2012, p. 08).

Realidades visualizadas que ocorrem em grande parte diferente do resto do território, mas que o impactam da mesma forma, por exemplo, o tereré (bebida) que veio sob migração paraguaia, não se limitou apenas na faixa fronteiriça, mas se expandiu por todo Mato Grosso do Sul, afirmado também por Mondardo (2013, p. 75): “essa cultura está corporificada na vida de uma parcela de moradores do Mato Grosso do Sul e entrelaçada, de certo modo, na economia e na política estadual”.

Vale ressaltar que o estado ainda recebe outros migrantes, não apenas fronteiriço, mas de estados brasileiros, e até de outros países, como salienta Jara (2012, p. 06) “gaúchos, nordestinos, japoneses e sírios, por exemplo - e estas atuam no sentido de garantir um espaço

próprio de convívio entre os indivíduos, onde suas práticas possam ser organizadas e promovidas”.

São ações que também (re)criam as paisagens culturais sul-mato-grossenses, trazendo um sentido de pertencimento ao território do estado, crivado pelas construções culturais de cada povo que aqui se fixam, nessa caminhada migrante e intercultural.

Diante disso, é que buscamos analisar como as músicas de Mato Grosso do Sul, apresentam em suas letras aspectos referentes às paisagens naturais e culturais em uma perspectiva de identidade territorial sul-mato-grossense, e como elas podem ser trabalhadas em sala de aula, a partir de sequências didáticas.

3.2 Músicas de Mato Grosso do Sul: análise e sequências didáticas

O ponto central da presente pesquisa, é identificar e analisar como as paisagens naturais e culturais são representadas nas músicas sul-mato-grossenses, e como elas podem ser trabalhadas em sala de aula, balizadas pelo currículo de referência de Mato Grosso do Sul.

Sendo assim, buscamos visualizar um breve panorama acerca do cenário musical de Mato Grosso do Sul, ancorado pelas mais variadas características incorporadas ao longo da história do estado, que compõem o mosaico atual.

Caetano (2012) aponta que inicialmente, a inspiração musical em Mato Grosso do Sul, era a “figura do boi”, ligada principalmente com as atividades econômicas agropecuárias, a figura do agro se fazendo presente.

Posteriormente, o destaque musical, se volta para o Pantanal, passando a dar mais visibilidade a essa região, principalmente para as questões naturais e também culturais, conforme Caetano (2012) enfatiza.

As questões naturais e culturais que o autor pontua, estão diretamente ligadas a elementos das paisagens sul-mato-grossense, fato que expõe o potencial paisagístico nas músicas do estado.

Dentro disso, a identificação e análise das músicas se pautam a partir dos seguintes itens: música de autoria e/ou interpretação de compositores sul-mato-grossenses (ou mato-grossenses, haja vista, a divisão do estado); que retratam aspectos das paisagens naturais e/ou culturais na construção de identidade territorial de Mato Grosso do Sul.

Vale destacar que para as sequências didáticas¹⁶ baseadas nas análises das músicas, seguiremos o seguinte modelo de plano de aula com seus respectivos elementos (quadro 04):

Quadro 04 - Modelo de plano de aula

PLANO DE AULA

Série: Diz respeito ao ano escolar (6º, 7º, 8º...)

Hora aula: Tempo de duração da aula.

Habilidade: “Expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares.” (BRASIL, 2017, p. 29)

Objeto de conhecimento: “Aqui entendidos como conteúdos, conceitos e processos.” (BRASIL, 2017, p. 28).

Tema de conteúdo: Conteúdo específico baseado na habilidade e objeto de conhecimento escolhido.

Recursos didáticos: Materiais que auxiliam o professor em sala de aula, como, caixas de som, lousa, pincel, recursos digitais, entre outros.

Metodologia: O passo a passo que o professor irá seguir em sala de aula, os caminhos que irá percorrer durante o desenvolvimento da aula.

Avaliação: Os instrumentos pelo qual o professor irá avaliar o aluno.

Temas contemporâneos: Temas transversais que o professor pode utilizar em sala de aula.

Plano de aula comentado: Comentários sobre o desenvolvimento do plano de aula.

Fonte: Criação do próprio autor.

Esse plano de aula é baseado no Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul (MATO GROSSO DO SUL, 2019), que por sua vez, é baseado na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017). Para nossas análises, damos foco para a etapa do Ensino Fundamental - Anos Finais (6º ao 9º ano), haja vista, a importância da consolidação das aprendizagens essenciais que os alunos despertam e sua faixa etária, compreendo o momento de transição que o estudante passa, sabendo que até então, o Ensino Fundamental - Anos iniciais é um contexto diferenciado.

¹⁶ Vale ressaltar que as músicas analisadas possibilitam a construção de várias possibilidades de Sequências Didáticas, sendo assim, as que foram apresentadas aqui neste trabalho são apenas no caráter de proposições.

Cassoni *et. al* (2021) apresentam um panorama acerca dessa temática, refletindo sobre a faixa etária, e as transformações que vem com ela, a entrada na puberdade, as relações interpessoais mudando, além da própria organização escolar: até então acostumado com apenas um professor, agora o estudante se depara com vários, destacando um para cada componente curricular, as relações acabam se transformando.

São detalhes que formam o mosaico do Ensino Fundamental, um período caracterizado por transições, que impactam diretamente as ações de professores, e também o comportamento dos estudantes, buscando se adaptar às novas realidades.

Com base nisso, a primeira música que destacamos é o Hino de Mato Grosso do Sul

3.2.1 Hino de Mato Grosso do Sul

Quadro 05 - Hino de Mato Grosso do Sul.

HINO DE MATO GROSSO DO SUL

Letra por Jorge Antonio Siufi e Otávio Gonçalves Gomes

Melodia por Radamés Gnattali

Os celeiros de farturas,
Sob um céu de puro azul,
Reforjaram em Mato Grosso do Sul
Uma gente audaz.

Tuas matas e teus campos,
O esplendor do Pantanal,
E teus rios são tão ricos
Que não há igual.

A pujança e a grandeza
de fertilidades mil,
São o orgulho e a certeza
Do futuro do Brasil.

Moldurados pelas serras,
Campos grandes: Vacaria,
Rememoram desbravadores,
Heróis, tanta galhardia!

Vespasiano, Camisão
E o tenente Antônio João,
Guaicurus, Ricardo Franco,
Glória e tradição!

A pujança e a grandeza
de fertilidades mil,

São o orgulho e a certeza
Do futuro do Brasil.

Fonte: MATO GROSSO DO SUL. Decreto Estadual nº 3 de 1 de janeiro de 1979. Institui o Hino de Mato Grosso do Sul. Disponível em https://www.tjms.jus.br/legislacao/public/pdf-legislacoes/decreto_n._3-79.pdf. Acesso em 05 jun. 2023.

A primeira música em destaque, é o Hino de Mato Grosso do Sul¹⁷. Muito além do signo de civismo, organiza-se como manifestação histórica, cultural e cidadã, como forma de representar as características do estado.

Por exemplo, o Hino Nacional Brasileiro apresenta sua importância, pelo símbolo que representa para a nação, contemplando em suas estrofes, parte da história do país, conforme apontam Magnabosco e Gomes (2010, p. 2): “Um dos mais significativos símbolos pátrios do Brasil, visto que procura chamar a atenção para a história do país, sua independência, sua imensidão territorial, suas belezas naturais e seu povo”.

Nesse sentido, Almeida (2011, p. 141) afirma que “As músicas oficiais das nações somam ingredientes simbólicos que permitem anunciar uma dada vocação geopolítica e uma autodeterminação nacional, social e histórica”, sublinhando o fato da importância do Hino, como símbolo de representação das diferentes paisagens de um estado.

Diante disso, analisando a sua letra, verificamos logo nas primeiras frases, citações sobre as paisagens do estado: “*Os celeiros de farturas, Sob um céu de puro azul*”, remetem de maneira direta à produção agropecuária sul-mato-grossense, além de, maneira poética, ao céu do estado.

Outro trecho do Hino sul-mato-grossense que justifica essa ligação com a questão agrária é “*A pujança e a grandeza de fertilidades mil [...]*”, que representa a fertilidade dos solos do estado, propícios para o cultivo de várias culturas, além da criação de animais, com formações de relevo e clima favoráveis para produção.

O estado de Mato Grosso do Sul localiza-se na região Centro-Oeste do Brasil, sendo considerado um importante estado produtor de soja, milho, açúcar, celulose e carne bovina. Essa região caracteriza-se principalmente pelos elevados índices de produção agropecuária direcionada à exportação, decorrente de seus solos férteis, com extensas superfícies planas e clima tropical e subtropical favoráveis, aliados a grandes investimentos na moderna tecnologia agropecuária (TETILA *et. al*, 2020, p. 615).

¹⁷ Sobre a criação do hino, destacamos o decreto nº 3, de 1º de janeiro de 1979, que institui o Hino de Mato Grosso do Sul, decretado “Art. 1º Fica instituído o Hino de Mato Grosso do Sul, como consta da partitura musical conforme Anexo I, elaborada pelo maestro Radamés Gnattali e da letra, conforme Anexo II, de autoria de Jorge Antônio Siufi e Otávio Gonçalves Gomes, membros da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. (MATO GROSSO DO SUL, 1979).”

Destacamos também a importância que é dado ao Pantanal, justificado pelo trecho: “*Tuas matas e teus campos, o esplendor do Pantanal E teus rios são tão ricos, que não há igual*”, podendo ser identificado o cuidado e aprazia na qual se tem com a região pantaneira, destacando também a relação hídrica, vista também no restante do estado.

Fato é que, a maior planície inundável do mundo, ganha status e contornos privilegiados por se tratar de uma área que conta com imensa singularidade, seja na fauna, na flora, ou ainda, na própria cultura, como aqui já descritos.

É ainda citadas características físicas no que diz respeito ao relevo do estado “*Moldurados pelas serras, Campos grandes: Vacaria*”, redirecionando a discussão as serras presentes em Mato Grosso do Sul, como a Serra de Maracaju, além dos grandes campos (planícies), aqui verificados, que também acaba sendo homenageada pela capital, Campo Grande.

São elementos que descrevem as paisagens naturais de Mato Grosso do Sul, apresentando desde características geomorfológicas, a riqueza do Pantanal, até a fertilidade de uma terra, tornando-se base econômica do estado.

Elementos que também podemos identificar no Hino sul-mato-grossense, é a exposição de personagens históricos do estado “*Vespasiano, Camisão e o tenente Antônio João, Guaicurus, Ricardo Franco, Glória e tradição!*”.

Camisão e o tenente Antônio João, figuras que estiveram envolvidas na Guerra do Paraguai, caracterizados como parte da história sul-mato-grossense, principalmente, pela representação que a Guerra do Paraguai trouxe como fato histórico.

Cremonese-Adamo (2010) faz uma descrição de um monumento onde estão representados elementos da Guerra, entre eles, os combatentes Coronel Camisão e o Tenente Antônio João, tidos como "heróis" em um marco simbólico. Fato que também corrobora para ilustrar a importância que os soldados possuem no imaginário de MS.

Já os Guaicurus, citados no Hino de Mato Grosso do Sul, representam uma das tribos indígenas identificadas no estado. Ferreira (2009) aponta para a importância que os Indígenas Cavaleiros, como eram conhecidos, possuíam nas paisagens sul-mato-grossense.

O autor ainda destaca a forma imponente da qual os Guaicurus se desenvolviam no imaginário, principalmente como símbolo de resistência na época colonial, mas que ainda ressoa nos dias atuais.

[...] o lugar que os índios Guaicuru ocupavam no imaginário da sociedade colonial e imperial brasileira da primeira metade do século XIX: uma posição tão destacada que as imagens desses índios circulavam desde as cortes brasileiras até as academias de Artes e Ciências européias. Isto principalmente em razão da sua capacidade guerreira e da sua habilidade política (FERREIRA, 2009, p. 99).

Vale ressaltar ainda, o movimento criado e intitulado, movimento Guaicuru, encabeçado por um grupo de artistas, entre eles Henrique Spengler, Jonir Figueiredo, Ilca Galvão entre outros, surgiu como nova representação da arte sul-mato-grossense, inspirados e dando destaque para a tribo indígena dos Guaicurus (SILVA JÚNIOR, 2019).

Sobre Vespasiano, citado no Hino de MS, Silva Júnior (2019) ainda destaca que foi prefeito de Campo Grande, e também um dos precursores para a divisão do estado e criação do território sul-mato-grossense.

Teixeira (2005) ainda descreve sobre o Coronel Ricardo Franco, que aparece no Hino do estado, como defensor do Forte Coimbra, resistindo em meio a ataques castelhanos durante a Guerra do Paraguai.

Nesse prisma, para concluirmos a análise da obra, identificamos duas características principais para as suas paisagens. No primeiro cenário, as paisagens naturais, descritas pelos assuntos relacionados ao Pantanal, já, no segundo, formações geomorfológicas do estado e a produtividade dos solos.

Sobre as paisagens culturais, marcadas pelo contexto de “heróis do estado” e também os povos tradicionais, nesse caso, mais especificamente os indígenas Guaicurus.

Para tanto, são propostas as seguintes sequências didáticas com o intuito de apresentar formas de trabalhar o conteúdo do Hino de Mato Grosso do Sul em sala de aula, conforme o quadro A¹⁸:

Quadro A - Sequência didática 01 - 6º ano

SEQUÊNCIA DIDÁTICA - 2 aulas
PLANO DE AULA 01
Série: 6º ano.
Hora aula: 50 min
Habilidade: (MS.EF06GE04.s.08) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre

¹⁸ Os quadros referentes às Sequências Didáticas serão ordenados conforme as letras do alfabeto, para não serem confundidas com os quadros que contém a letra das músicas.

e da cobertura vegetal.

Objeto de conhecimento:

Relações entre os componentes físico-naturais.

Tema de conteúdo:

Ciclo hidrológico.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, diário de bordo¹⁹, data-show, caixa de som.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a música aos alunos, que irão escutá-la e simultaneamente será transmitido em um data show a letra do Hino de Mato Grosso do Sul.

3º passo: De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens naturais e culturais de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.

4º passo: Os alunos irão em seu diário de bordo, descrever trechos do Hino no qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Educação Ambiental.

Plano de aula comentado:

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática, a sugestão é que seja realizado a análise do Hino de Mato Grosso do Sul com os estudantes, para identificar e averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição dessas paisagens.

PLANO DE AULA 02

Série:

6º ano.

¹⁹ Caderno de sala de aula utilizado pelo estudante para fazer anotações durante a aula.

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF06GE04.s.08) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal.

Objeto de conhecimento:

Relações entre os componentes físico-naturais.

Tema de conteúdo:

Ciclo hidrológico.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, folha sulfite, lápis de escrever e lápis de colorir.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: A partir da análise do Hino de MS, focado no trecho *“Tuas matas e teus campos, o esplendor do Pantanal E teus rios são tão ricos, que não há igual”* de maneira expositiva dialogada, abordar sobre o ciclo hidrológico, utilizando as bacias hidrográficas Mato Grosso do Sul (Bacia do Paraguai e Paraná) como base, além de explicitar elementos hídricos singulares do Pantanal.

3º passo: Explicar a atividade que consiste em: A partir do 3º passo, mediante o que foi discutido com os estudantes, propor que eles produzam ilustrações sobre o ciclo hidrológico.

4º passo: Os alunos irão produzir as ilustrações baseadas na discussão sobre o ciclo hidrológico, de forma que, utilizarão a folha sulfite os lápis de escrever e colorir.

5º passo: Propor um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula, além de entregarem as ilustrações feitas ao professor.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Educação Ambiental.

Plano de aula comentado:

Analisando o Hino de Mato Grosso do Sul, são identificados diferentes elementos das paisagens do estado, tanto paisagens naturais e também culturais.

Utilizando como ponto de partida a Habilidade (MS.EF06GE04.s.08) do Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul voltada para o 6º ano, que direciona o aluno a descrever o ciclo hidrológico, compreendendo todas as suas dinâmicas, sugerimos que o professor utilize como exemplo as bacias hidrográficas de Mato Grosso do Sul (Bacia do Paraguai e Paraná), além de explicitar elementos hídricos do Pantanal.

No campo da metodologia, um momento expositivo dialogado com os alunos, apresentar sobre o conteúdo de maneira que este processo contemple os saberes prévios deles. Posteriormente, solicitar a eles que ilustrem o ciclo hidrológico conforme a discussão anterior que tiveram.

Em avaliações, será feita a partir das devoluções dos alunos. E por fim, temas contemporâneos, o desenvolvimento de Educação Ambiental, haja visto, a proximidade do tema Ciclo Hidrológico com ações voltadas à preservação e conservação do meio ambiente.

Quadro B - Sequência didática 02 - 7º ano**SEQUÊNCIA DIDÁTICA - 4 aulas****PLANO DE AULA 01****Série:**

7º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF07GE02.s.03) Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas.

Objeto de conhecimento:

Formação territorial do Brasil.

Tema de conteúdo:

Construções geográficas do território sul-mato-grossense: figuras e narrativas.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, diário de bordo, data-show, caixa de som.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a música aos alunos, que irão escutá-la e simultaneamente será transmitido em um data show a letra do Hino de Mato Grosso do Sul.

3º passo: De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens naturais e culturais de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.

4º passo: Os alunos irão em seu diário de bordo, descrever trechos do Hino no qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural

Plano de aula comentado:

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática, a sugestão é que seja realizado a análise do Hino de Mato Grosso do Sul com os estudantes, para identificar e averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição dessas paisagens.

PLANO DE AULA 02**Série:**

7º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF07GE02.s.03) Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas.

Objeto de conhecimento:

Formação territorial do Brasil.

Tema de conteúdo:

Construções geográficas do território sul-mato-grossense: figuras e narrativas.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel e diário de bordo.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: A partir da análise do Hino de MS realizada com os estudantes, focando em específico o trecho “*Vespasiano, Camisão e o tenente Antônio João, Guaicurus, Ricardo Franco, Glória e tradição!*”, de maneira expositiva dialogada, abordar sobre a construção da identidade territorial de Mato Grosso do Sul, trabalhando acerca das tensões e personagens que estiveram relacionados à construção territorial do estado de Mato Grosso do Sul.

3º passo: Dividir os estudantes em 4 grupos (conforme quantitativo). Após a formação dos grupos, propor para eles a atividade: Cada grupo irá realizar uma pesquisa com base em personagens históricos que fizeram parte de alguma forma da formação territorial do estado - Vespasiano; Camisão; Tenente Antônio João e Ricardo Franco (todos citados no Hino de Mato Grosso do Sul).

Para a pesquisa considerar os seguintes itens:

- História do personagem (quem foi?);
- Características que o marcaram como figura representativa no Estado (sua ação);
- Impacto dessa ação na formação territorial de Mato Grosso do Sul.

4º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários acerca da aula e também sobre a atividade proposta.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural

Plano de aula comentado:

Utilizando a habilidade “(MS.EF07GE02.s.03) analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas”, buscamos

analisar a formação territorial de Mato Grosso do Sul, a partir de figuras históricas, descritas no Hino de MS,

Para tanto, a sugestão é dividir os alunos em grupos, para que cada um deles pesquise sobre os personagens citados, conforme descrito no campo da metodologia. A ideia é iniciar e desenvolver habilidades de pesquisa dos estudantes, tendo em vista o ano escolhido (7º ano), além de, fortalecer os laços de sociabilidade entre os colegas de classe.

PLANO DE AULA 03 e 04

Série:

7º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF07GE02.s.03) Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas.

Objeto de conhecimento:

Formação territorial do Brasil.

Tema de conteúdo:

Construções geográficas do território sul-mato-grossense: figuras e narrativas.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel e diário de bordo.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Dividir novamente os grupos formados nas últimas aulas, além de organizar a sala em formato de meia lua com as mesas e cadeiras.

3º passo: Propor para que dois grupos apresentem baseado na pesquisa que realizaram. Após cada grupo apresentar, abrir para um momento de explicação, onde o professor reforça as informações apresentadas pelos grupos.

4º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários acerca da aula e também sobre a atividade proposta.

Avaliação:

Se baseará na participação dos alunos durante o período de aula.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural

Plano de aula comentado:

O plano de aula de aula 03 e 04, são contemplados em um só, que por sua vez fazem referência a continuação da sequência didática. Eles são similares pelo fato de trazerem a apresentação dos grupos com base na pesquisa que eles realizaram, onde cada aula apresenta dois grupos apresentam. Dessa forma, após esse momento, ao final é feito um debate para finalizar a aula, além de ser um espaço para o professor reforçar os pontos levantados nos seminários.

3.2.2 Música Serra de Maracaju

Quadro 6 - Música: Serra de Maracaju

Serra de Maracaju

Almir Sater/Paulo Simões.

Lembro de um velho índio contando histórias
De glórias e tragédias que não vivi
Quando das estrelas vieram deuses
E seus sinais estão por aí
Depois de um certo tempo eles foram embora
Deixando para trás um povo feliz
Mas os portugueses e os espanhóis
Invadiram a terra dos Guaranis
Então vieram os bandeirantes
E os retirantes lá das Gerais
Por muito tempo não houve paz
Sofreu demais quem te ama
Bela Serra de Maracajú

Seus mistérios quero traduzir
Descobrir as lendas e memórias
De cada légua que te percorri

Descobrir as lendas e memórias
De cada légua que te percorri

Eu cheguei aqui com os meus próprios pés
E hoje tenho minha raiz
Dos antigos lados de
Toco um chamamés que eu mesmo fiz

De hoje em diante somos iguais
 Quem de nossa terra te chama
 Bela Serra de Maracajú

Eu cheguei aqui com os meus próprios pés
 E hoje tenho minha raiz
 Dos antigos lados de Xaraés
 Toco um chamamés que eu mesmo fiz

De hoje em diante somos iguais
 Quem de nossa terra te chama
 Bela Serra de Maracajú

Seus mistérios quero traduzir
 Descobrir as lendas e memórias
 De cada légua que te percorri
 Descobrir as lendas e memórias
 De cada légua que te percorri.

Fonte: Almir Sater; Paulo Simões (2007).

Serra de Maracaju é composição de Almir Sater e Paulo Simões²⁰, músicos de destaque em Mato Grosso do Sul. Composta nos anos 2000, retrata de maneira geral a luta entre os indígenas sul-mato-grossenses contra o homem branco, nas palavras de Faccioni e Souza (2020).

O primeiro trecho que destacamos é o próprio título da música “*Serra de Maracaju*”, que diz respeito à formação geológica que se localiza em grande parte na porção sul do Estado.

Para esse tema podemos caracterizá-la em um primeiro momento como paisagem natural, direcionando a discussão principalmente voltada aos seus aspectos naturais, descrita também nas palavras de Lima *et. al* (2020, p. 224):

Nas áreas em que as estruturas das paisagens apresentam maiores declividades, registraram-se os maiores índices de conservação e preservação, essencialmente da vegetação nativa. Concomitantemente, em áreas de relevo com maior aplainamento e em paisagens aptas para as atividades agropecuárias, o nível de preservação e conservação da vegetação nativa diminuiu consideravelmente durante o período analisado.

A partir da fala dos autores podemos verificar o cenário que circunda a Serra de Maracaju, aspectos da natureza, caracterizado pela conservação e preservação em alguns locais e outros a maior presença antrópica, principalmente no que diz respeito a forma de apropriação dessas terras, fato que direciona a discussão para a construção de uma paisagem cultural.

²⁰ Almir Sater (1956-) e Paulo Simões (1953-)

Para esse cenário, destacamos o seguinte trecho da música *“Lembro de um velho índio contando histórias/ De glórias e tragédias que não vivi/ Quando das estrelas vieram deuses/ E seus sinais estão por aí/ Depois de um certo tempo eles foram embora/ Deixando para trás um povo feliz”*. São linhas que descrevem os diferentes saberes indígenas, de seus costumes e mitos, transmitidos ao longo das gerações.

No caso de Mato Grosso do Sul, verificamos, como já citado, a grande população indígena que aqui reside, uma variedade de tribos que compõem o mosaico cultural e social do estado.

É de grande destaque sua valorização com a terra, distante do valor capitalista empregado a ela, mas numa relação significativa de cuidado da natureza, para o desenvolvimento social e manutenção do próprio modo de vida, conforme Souza, Lima e Mello (2015).

Em uma releitura da música Faccioni e Souza (2020, p.133-134) fazem uma descrição sobre essa temática: “emersão de sentido de que o narrador adquire conhecimento das histórias, lendas e mitos por conta do velho índio [...]. Observamos que características mitológicas constituem a canção”, se referindo às lendas e contos repassados pela oralidade, comum de tribos indígenas.

E nessa mesma direção, visualizamos também na música, um contexto histórico muito forte ligado à questão dos povos tradicionais, descrito no trecho, *“Mas os portugueses e os espanhóis/ Invadiram a terra dos Guaranis/ Então vieram os bandeirantes/ E os retirantes lá das Gerais”*. Essa passagem reflete um passado colonial brasileiro e principalmente sul-mato-grossense.

De maneira mais marcante, a colonização portuguesa e espanhola que deixa seu legado negativo e sangrento, principalmente no processo de escravização indígena, negando seus saberes e culturas, “a epopeia de espanhóis e portugueses na América combinou a propagação da fé cristã com a usurpação e o saque das riquezas indígenas”, nas palavras de Galeano (2012, p. 16).

Fato similar, também assistido pelas expedições bandeirantes, que tinham como interesse, o avanço, domínio e extração dos recursos naturais dos territórios. Ações agressivas e bárbaras.

Um processo que também impactou o território sul-mato-grossense, principalmente pela transformação das paisagens - antes a relação entre indígenas e natureza, em tese, se dava forma harmônica, posteriormente, com as expedições luso-hispânicas observou-se um cenário pautado pela ação desenfreada do extrativismo e degradação ambiental.

Diante disso, na análise da obra, verificamos de maneira mais acentuada a descrição de uma paisagem marcada pela estrutura geológica da Serra de Maracaju (paisagem natural), e uma paisagem cultural, principalmente pelos mitos e crenças indígenas reproduzidos principalmente pela oralidade, além de um passado colonial que trouxe profundas mudanças em terras sul-mato-grossenses.

É a identidade territorial (re)criada pelos sujeitos em análise, de um lado, tribos indígenas que visualizam a terra e a natureza como morada e parte contínua da vida, por outros, colonizadores, que viam na terra forma de acumulação de capital, sem um significado real e próximo.

Baseado no exposto, iremos apresentar no quadro C e D, utilizando a música Serra de Maracaju, sequências didáticas para serem utilizadas em sala de aula, em consonância também na lei nº 11.645, de 10 março de 2008 “que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” (BRASIL, 2008).

Quadro C - Sequência didática 03 - 7º ano

SEQUÊNCIA DIDÁTICA - 3 aulas

PLANO DE AULA 01

Série:

7º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF07GE03.s.05) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.

Objeto de conhecimento:

Formação territorial do Brasil

Tema de conteúdo:

Saberes e tradições dos povos tradicionais de Mato Grosso do Sul.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, diário de bordo, data-show, caixa de som.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a música aos alunos, que irão escutá-la e simultaneamente será transmitido em um data show a letra da música “Serra de Maracaju”.

3º passo: De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens naturais e culturais de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.

4º passo: Os alunos irão em seu diário de bordo, descrever trechos da música, na qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural

Plano de aula comentado:

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática a sugestão é que seja realizado a análise da música Serra de Maracaju com os estudantes, para identificar e averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição destas.

PLANO DE AULA 02**Série:**

7º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF07GE03.s.05) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.

Objeto de conhecimento:

Formação territorial do Brasil.

Tema de conteúdo:

Saberes e tradições dos povos tradicionais de Mato Grosso do Sul.

Recursos didáticos:

Sala de informática, computador, internet, lápis e caderno.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Os alunos irão utilizar a sala de tecnologia para realização de pesquisa.

3º passo: O professor irá explicar o tema de pesquisa baseado no trecho *“Lembro de um velho índio contando histórias/ De glórias e tragédias que não vivi/ Quando das estrelas vieram deuses/ E seus sinais estão por aí/ Depois de um certo tempo eles foram embora/ Deixando para trás um povo feliz”*, onde os alunos irão pesquisar, utilizando os computadores com acesso à internet, sobre saberes e tradições de tribos indígenas sul-mato-grossenses.

4º passo: Os alunos irão registrar no caderno as informações com base em suas pesquisas.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural

Plano de aula comentado:

Para esse plano de aula, o professor através da pesquisa na internet, fomenta a autonomia do estudante, direcionando para que ele trilhe seus caminhos e desenvolva seu protagonismo. O registro no caderno reforça a interpretação e escrita dos alunos, considerando a faixa etária deles.

Além de um momento de finalização com os estudantes para trabalhar o diálogo, para exporem comentários e/ou dúvidas.

PLANO DE AULA 03**Série:**

7º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF07GE03.s.05) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.

Objeto de conhecimento:

Formação territorial do Brasil.

Tema de conteúdo:

Saberes e tradições dos povos tradicionais de Mato Grosso do Sul.

Recursos didáticos:

Lápis e diário de bordo.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: O professor irá retomar com os estudantes os conceitos trabalhados nas últimas aulas.

3º passo: O professor irá solicitar voluntários entre os estudantes para que apresentem suas pesquisas realizadas nas aulas anteriores.

4º passo: Baseado no exposto pelos estudantes, o professor irá reforçar e trabalhar o conteúdo proposto para a aula (Saberes e tradições dos povos tradicionais de Mato Grosso do Sul).

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural

Plano de aula comentado:

Para esse plano de aula, o professor irá trabalhar junto com os alunos a exposição das pesquisas que eles realizaram. Baseado no que eles forem explanando, o professor irá complementando. Destacamos que para essa ação, o professor deixe os alunos à

vontade para participar, para não ficar algo “forçado”, podendo ir apresentando aos poucos o conteúdo, para incentivar para que eles participem.

Ao final, propiciar um momento de finalização com os estudantes para trabalhar o diálogo, para exporem comentários e/ou dúvidas.

Quadro D - Sequência didática 04 - 9º ano

SEQUÊNCIA DIDÁTICA - 3 aulas

PLANO DE AULA 01

Série:

9º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF09GE01.s.06) Analisar criticamente de que forma a hegemonia europeia foi exercida em várias regiões do planeta, notadamente em situações de conflito, intervenções militares e/ou influência cultural em diferentes tempos e lugares.

Objeto de conhecimento:

A hegemonia europeia na economia, na política e na cultura.

Tema de conteúdo:

Colonização europeia.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, caderno de aula, data-show, caixa de som.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a música aos alunos, que irão escutá-la e simultaneamente será transmitido em um data show a letra da música “Serra de Maracaju”.

3º passo: De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens naturais e culturais de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.

4º passo: Os alunos irão em seu diário de bordo, descrever trechos da música, na qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Educação em Direitos Humanos.

Plano de aula comentado:

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática a sugestão é que seja realizado a análise da música Serra de Maracaju com os estudantes, para identificar e averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição dessas paisagens.

PLANO DE AULA 02

Série:

9º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF09GE01.s.06) Analisar criticamente de que forma a hegemonia europeia foi exercida em várias regiões do planeta, notadamente em situações de conflito, intervenções militares e/ou influência cultural em diferentes tempos e lugares.

Objeto de conhecimento:

A hegemonia europeia na economia, na política e na cultura.

Tema de conteúdo:

Colonização europeia.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, caderno de aula, data-show, caixa de som

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: A partir da análise da letra da música, na aula anterior, o professor irá focar no trecho *“Mas os portugueses e os espanhóis/ Invadiram a terra dos Guaranis/ Então vieram os bandeirantes/ E os retirantes lá das Gerais”*, irá propor um momento de diálogo com os estudantes, incentivando para que eles compartilhem aquilo que recordam sobre a temática relacionada no trecho.

3º passo: O professor irá fazer um resgate histórico sobre o período colonial apresentando elementos que conduzam os estudantes a compreender fatos que ocorreram durante esse período.

4º passo: A partir do exposto, o professor dividirá os alunos em dupla e irá propor para que eles realizem uma pesquisa e elaborem uma poesia como fruto da pesquisa. O tema da pesquisa é “Os impactos da colonização nos dias atuais em terras sul-mato-grossenses”.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Educação em Direitos Humanos.

Plano de aula comentado:

Para esse plano de aula, o professor irá focar no trecho “*Mas os portugueses e os espanhóis/ Invadiram a terra dos Guaranis/ Então vieram os bandeirantes/ E os retirantes lá das Gerais*”, abordando especificamente sobre o período colonial, retomando conceitos específicos sobre esse tema, buscando consolidar a habilidade proposta. Posteriormente, com a atividade de pesquisa, os alunos serão estimulados para a pesquisa científica, a criatividade principalmente o trabalho coletivo na construção da poesia.

PLANO DE AULA 03

Série:

9º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF09GE01.s.06) Analisar criticamente de que forma a hegemonia europeia foi exercida em várias regiões do planeta, notadamente em situações de conflito, intervenções militares e/ou influência cultural em diferentes tempos e lugares.

Objeto de conhecimento:

A hegemonia europeia na economia, na política e na cultura.

Tema de conteúdo:

Colonização europeia.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, caderno de aula, data-show, caixa de som

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Organizar as carteiras em círculo.

3º passo: Retomar os conceitos abordados na última aula.

4º passo: Por meio de diálogo, solicitar aos alunos, voluntários para apresentar as poesias construídas. Ao passo que eles forem apresentando, o professor irá reforçar os conceitos abordados por eles.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Educação em Direitos Humanos.

Plano de aula comentado:

Para esse plano de aula, é fomentado a escrita, criatividade e oralidade dos alunos, principalmente pelo fato de colocá-los como escritores, propiciando espaços para o desenvolvimento de competências como a escrita e a oralidade por meio das apresentações, e de maneira mais acentuada a criatividade, para relacionarem a pesquisa que fizeram com a poesia que escreveram.

3.2.3 Música Cidades Irmãs

Quadro 7- Música Cidades Irmãs**Cidades Irmãs**

Delio e Delinha

Quando se fala em bela cidade
Nunca se esquece aquela que nasceu
Eu, por exemplo, falo em Campo Grande
Terra de amizade, terra hospitaleira.

Do meu estado falo das cidades

Pois as considero todas como irmãs
De Aquidauana, falo em Bela Vista
De Porto Murtinho e Ponta Porã.

De Três Lagoas, eu falo em Dourados
De Cuiabá, eu falo em Amambai
De Rio Verde, Coxim e Terenos
De Porto Esperança, do rio Paraguai.

Oi Mato Grosso
Chão abençoado que me fez crescer
Tem céu azulado que me viu nascer
Sob os teus cuidados sempre hei de viver.

Fonte: Delio e Delinha, 1959.

Sobre essa música, destacamos inicialmente os compositores Délio e Delinha²¹, que ganharam relevância no imaginário de MS, marcados como figuras importantes na história musical do estado.

Como ponto de partida, destacamos o trecho *“Quando se fala em bela cidade/ Nunca se esquece aquela que nascera/ Eu, por exemplo, falo em Campo Grande/ Terra de amizade, terra hospitaleira”*, que retrata a identidade construída pelo sentimento de pertencimento à cidade onde nasceu.

Frases que evocam todos os sentidos construídos pela ligação com a terra natal, traduzidos na construção de laços afetivos. Haesbaert (2010) direciona a discussão para os significados que cada sujeito aponta para a construção de sua identidade territorial.

São acepções feitas que (re)criam as paisagens culturais, refletidas pelas ações dos seres humanos reproduzindo suas crenças e costumes, moldando assim, uma identidade territorial que se constrói ao longo dos anos (HAESBAERT, 2010).

Na continuação da análise, destacamos a seguinte estrofe *“Do meu estado falo das cidades/ Pois as considero todas como irmãs/ De Aquidauana, falo em Bela Vista/ De Porto Murtinho e Ponta Porã./ De Três Lagoas, eu falo em Dourados/ De Cuiabá, eu falo em Amambai/ De Rio Verde, Coxim e Terenos/ De Porto Esperança, do rio Paraguai.”*, onde os compositores destacam cidades do Mato Grosso do Sul e também de Mato Grosso, em um sentido de irmandade, de relações de paridade.

²¹ “Considerando a raiz musical da região sul-mato-grossense, encontra-se a dupla Délio e Delinha como sujeitos de destaque na construção histórica do acervo de músicas que indiscutivelmente ao analisarmos suas composições, notamos tais produções ligam-se através do tempo e do interesse artístico e cultural as pessoas em suas identificações com o Estado e suas várias regiões” (RIBEIRO, 2014, p. 1433).

A partir dos versos citados podemos tecer dois comentários principais: O primeiro é a diversidade de cidades que a música apresenta, em diferentes localizações do estado - Porto Murtinho, Ponta Porã, Bela Vista e Porto Esperança (Corumbá) assentadas na região fronteira. Três Lagoas, região leste, divisa com São Paulo. Terenos, Coxim e Rio Verde a norte de Mato Grosso do Sul, enquanto Dourados e Amambai localizam-se na região sul, ou ainda Cuiabá (capital de Mato Grosso).

Cada localização é dotada de especificidades próprias, seja as regiões fronteiriças com Paraguai e Bolívia (Porto Murtinho, Ponta Porã, Bela Vista e Porto Esperança), as relações com o norte do estado, influências de Mato Grosso, entre outras características que diversificam as paisagens de Mato Grosso do Sul

O segundo comentário é um paralelo com o próprio molde cartográfico sul-mato-grossense. É relacionar a localização geográfica das cidades: a distância entre elas, se possuem realmente a relação de “irmãs”, pensando até no conceito de cidades-gêmeas.

Compreender através de mapas e croquis como o Mato Grosso do Sul é representado, suas escalas e coordenadas e qual as relações que os diferentes pontos do estado possuem, em suas divergências e convergências, principalmente considerando a construção de uma identidade territorial.

Dessa forma, concluindo a análise da obra, visualizamos uma paisagem cultural, apresentada de maneira direta pela música, considerando a identidade territorial sul-mato-grossense descrita pela sensação de pertencimento e compreensão das cidades que compõem o Estado.

Sendo assim, buscamos averiguar como essa música pode ser trabalhada em sala de aula, a partir da construção da sequência didática, disposta no quadro E.

Quadro E - Sequência didática 05 - 6º ano

SEQUÊNCIA DIDÁTICA - 2 aulas

PLANO DE AULA 01

Série:

6º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF06GE08.s.06) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas

dos mapas.

Objeto de conhecimento:

Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras.

Tema de conteúdo:

Elementos de um mapa.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, diário de bordo, data-show, caixa de som.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a música aos alunos, que irão escutá-la e simultaneamente será transmitido em um data show a letra da música “Cidades irmãs”.

3º passo: De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens naturais e culturais de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.

4º passo: Os alunos irão em seu diário de bordo, descrever trechos da música, na qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Cultura digital.

Plano de aula comentado:

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática a sugestão é que seja realizado a análise da música "Cidades irmãs" com os estudantes, para identificar e averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição dessas paisagens.

PLANO DE AULA 02**Série:**

6º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF06GE08.s.06) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas.

Objeto de conhecimento:

Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras.

Tema de conteúdo:

Elementos de um mapa.

Recursos didáticos:

Data show e diário de bordo.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: O professor irá de maneira introdutória explicar os elementos que compõem um mapa, para tanto ele utilizará o data show para apresentar um mapa da região centro - oeste.

3º passo: Utilizando o trecho *“Do meu estado falo das cidades/ Pois as considero todas como irmãs/ De Aquidauana, falo em Bela Vista/ De Porto Murtinho e Ponta Porã./ De Três Lagoas, eu falo em Dourados/ De Cuiabá, eu falo em Amambai/ De Rio Verde, Coxim e Terenos/ De Porto Esperança, do rio Paraguai”*, o professor irá apontar no mapa (utilizando um data - show) onde se localizam esses municípios, bem como, traçar as coordenadas e as rotas que a música descreve (por exemplo de Aquidauana a Bela vista).

4º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Cultura digital.

Plano de aula comentado:

Nesta aula o professor irá utilizar um data show apresentando um mapa da região centro-oeste do Brasil. Esse mapa tem como finalidade apresentar os elementos de um mapa, utilizando principalmente as cidades citadas na música, como forma de trazer

características do estado de Mato Grosso do Sul.

PLANO DE AULA 03

Série:

6º ano.

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF06GE08.s.06) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas.

Objeto de conhecimento:

Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras.

Tema de conteúdo:

Elementos de um mapa.

Recursos didáticos:

Folha sulfite, lápis de escrever e lápis de cor.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Recapitular com os estudantes, os conceitos trabalhados na aula anterior.

3º passo: Distribuir uma folha sulfite para cada um deles, e solicitar para que desenhem o trajeto de sua casa até a escola, como uma representação cartográfica.

4º passo: Após os estudantes terminarem as ilustrações, cada um deles irá colar seu desenho em um mural fixado na parede da sala. Esse mural pode ser chamado de “Mapas do nosso cotidiano”, já que representa o caminho percorrido por eles para virem para a escola.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Cultura digital.

Plano de aula comentado:

Para esta aula o professor irá trabalhar com ilustrações como forma de consolidar a habilidade proposta para a sequência didática. Utilizando os desenhos como forma de representação é possível trabalhar elementos que compõem um mapa, além de fomentar a construção de uma identidade territorial, sobretudo retratando o seu cotidiano.

3.2.4 Música: Vaca tucura, boi pantaneiro

Quadro 8 - Música: Vaca Tucura, boi pantaneiro

Vaca Tucura, boi pantaneiro.

Grupo Acaba

Grande curral / Cerca de carandá / águas profundas
Cheiro de lodo / pedaço de chão / terra molhada

É o boi que passa / que berra, que muge
Que nasce que cresce / que vive que morre
Que puxa carreta / move o engenho
Faz da garapa / sair o melado
É vaca tucura / é o boi pantaneiro

Eta! boizinho safado
Pintado e encantado
Em telas e versos
Amarrado no tronco
Horizonte perdido

Grande curral / Cerca de carandá / águas profundas
Cheiro de lodo / pedaço de chão / terra molhada

Um rebanho assustado / Olhando de lado
Bate no chão / levanta poeira
Desfazendo o cheiro / sangue vermelho
Do boi que morrera / tem couro no sol
Sanfona e viola / a cama vazia
O peão que grita / boiada que passa
É o berrante tocando / é o boi que caminha
Nesta terra molhada

Fonte: Grupo Acaba, 1984.

A música “*Vaca tucura, boi pantaneiro*”, faz uma clara representação do modo de vida em terras do Pantanal. Destaca logo no título a raça Tucura, que faz referência a uma espécie de gado, também conhecido como boi pantaneiro.

A obra é composta pelo Grupo Acaba, fundado na década dos anos 1960, possui grande destaque para a música sul-mato-grossense. São lembrados principalmente por trazerem elementos das paisagens de MS em suas músicas.

Logo nos primeiros versos, “*Grande curral / Cerca de carandá / águas profundas/ Cheiro de lodo / pedaço de chão / terra molhada*”, podemos verificar uma exposição da paisagem de Mato Grosso do Sul, relacionando a paisagem natural com a cultural.

“*Grande curral, cerca de carandá*”, faz referência aos bois presos no cercado, confinados, já carandá, é uma palmeira típica da região utilizada para criar diversos itens, como caibros, ripas, e alguns casos, as folhas para alimentação dos bois e os frutos na culinária, conforme Salis e Matos (2009).

Já o trecho “*águas profundas/ Cheiro de lodo / pedaço de chão / terra molhada*”, evoca as sensações ligadas principalmente às cheias do Pantanal nos períodos de chuva, trazendo o “cheiro da terra”.

Vale destacar que o Pantanal, em grande parte em terras sul-mato-grossenses, é a maior planície alagável do mundo, um local que vai muito além das águas, mas condicionado a toda uma organização de vida (GONÇALVES, BERNART, ZARDIN, 2002).

Seguindo a análise, os trechos “*É o boi que passa / que berra, que muge/ Que nasce que cresce / que vive que morre/ Que puxa carreta / move o engenho Faz da garapa / sair o melado*”, faz alusão a utilização do boi no trabalho cotidiano. Ações verificadas no estilo de vida campeiro do peão pantaneiro.

Gonçalves, Bernart e Zardin (2002) apresentam as características desse peão: aquele que lida com o laço com o rodeio, que conhece a fauna e à flora local, dos saberes e crenças como a medicina caseira, a utilização da própria natureza para reconhecer fenômenos climáticos. A lida com os animais, dos períodos de cheia, da migração com o gado.

Ainda sobre essa forma de vida, é reforçada no trecho: “*O peão que grita / boiada que passa/ É o berrante tocando / é o boi que caminha/ Nesta terra molhada*”, onde apresenta formas do pantaneiro de lidar com a boiada, e com o seu estilo de vida.

[...] o piraim, tira de couro longa que estala na condução da boiada; a guacha, chicote para acelerar o animal e o berrante, instrumento feito de chifre de boi que, ao ser assoprado, emite som característico e é o principal instrumento de trabalho na hora de conduzir o rebanho, do qual cada toque tem um significado diferente (GONÇALVES, BERNART, ZARDIN, 2002, p. 40).

São características que fazem parte do cotidiano do pantaneiro, da sua forma de levar e lidar com a vida, com os elementos que a compõem. O som do berrante, as vestimentas, os objetos que ele carrega, muito além do trabalho, são formas de apresentar sua cultura.

Diante disso, na análise da obra, identificamos uma paisagem natural visualizada sobre a perspectiva do Pantanal, de seus períodos de cheia, de sua fauna e flora, e como ela afeta a vida dos seres humanos ligados à paisagem cultural moldando sua forma de viver a partir da própria natureza.

A partir da análise da música propomos a seguinte sequência didática, apresentada no quadro F.

Quadro F - Sequência didática 06 - 6º ano

SEQUÊNCIA DIDÁTICA - 3 aulas

PLANO DE AULA 01

Série:

6º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF06GE00.n.01) Conhecer a importância da ciência geográfica a partir dos conceitos (espaço, lugar, paisagem, região, território).

Objeto de conhecimento:

Introdução a Geografia

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, diário de bordo, data-show, caixa de som.

Tema de conteúdo:

Conhecendo os conceitos geográficos: Paisagem.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a música aos alunos, que irão escutá-la e simultaneamente será transmitido em um data show a letra da música “Vaca Tucura, boi pantaneiro”.

3º passo: De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens naturais e culturais de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.

4º passo: Os alunos irão em seu caderno, descrever trechos da música, na qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural.

Plano de aula comentado:

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática a sugestão é que seja realizado a análise da música "Vaca tucura, boi pantaneiro" com os estudantes, para identificar e averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição dessas paisagens.

PLANO DE AULA 02

Série:

6º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF06GE00.n.01) Conhecer a importância da ciência geográfica a partir dos conceitos (espaço, lugar, paisagem, região, território).

Objeto de conhecimento:

Introdução a Geografia

Tema de conteúdo:

Conhecendo os conceitos geográficos: Paisagem.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, diário de bordo e lápis.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Retomando os assuntos da aula anterior e focado no trecho "*Grande curral, cerca de carandá/ águas profundas/ Cheiro de lodo / pedaço de chão / terra molhada*", o professor irá trabalhar o conceito introdutório de paisagem. Ele irá escrever o trecho em destaque na lousa.

3º passo: Irá solicitar aos alunos que leiam a frase e escrevam em seu caderno as sensações que conseguem imaginar baseado no texto escrito na lousa.

4º passo: O professor irá realizar um bate papo explicando o conceito de paisagem aos alunos.

5º passo: Os alunos serão divididos em grupos, pensando na próxima aula, que consistirá em um trabalho de campo pela escola, identificando as paisagens escolares.

6º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural.

Plano de aula comentado:

Este plano de aula tem como objetivo introduzir o conceito de paisagem. Para isso o professor irá trabalhar um trecho da música que retrata uma das paisagens naturais do Pantanal, solicitando aos alunos que descrevam o que sentiram ao ler aquele trecho. Posteriormente o professor irá introduzir o conteúdo específico.

PLANO DE AULA 03

Série:

6º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF06GE00.n.01) Conhecer a importância da ciência geográfica a partir dos conceitos (espaço, lugar, paisagem, região, território).

Objeto de conhecimento:

Introdução a Geografia

Tema de conteúdo:

Conhecendo os conceitos geográficos: paisagem.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, diário de bordo, lápis de escrever.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Conforme os grupos divididos na última aula, o professor irá levar os alunos para a aula de campo. Os estudantes utilizarão lápis e diário de bordo para realizarem as anotações.

3º passo: O passeio será em locais específicos da escola, onde cada grupo irá fazer anotações descrevendo a paisagem que viram.

4º passo: Os estudantes irão retornar para a sala de aula na qual será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural.

Plano de aula comentado:

A partir do desenvolvimento dessa aula, os alunos irão visualizar na prática a teoria até então trabalhada. As anotações que irão fazer servem como base para melhor descrição das paisagens que irão ver e sentir, além de ser uma boa ação para a consolidação da habilidade: (MS.EF06GE00.n.01) Conhecer a importância da ciência geográfica a partir dos conceitos (espaço, lugar, paisagem, região, território).

Cabe destacar que cada grupo possui uma percepção diferenciada frente às paisagens apresentadas, dessa forma, cada descrição será diferente uma da outra.

3.2.5 Música: Capital do Chamamé

Quadro 09 - Capital do Chamamé**CAPITAL DO CHAMAMÉ**

Autor: Maciel Correa; Intérprete: Maciel Correa

Campo grande, cidade morena, capital do chamamé
nas noitadas de fandango também roda o tereré
a moçada no sarandeio vão saltando e batendo o pé
roda roda mocidade no embalo no chamamé
roda roda mocidade no embalo do chamamé

Obrigado garotada pela sua presença constante
de chapéu, bota e berrante

e as prendinhas sempre elegante
 pra você que não conhece venha ver como é que é
 a moçada no sarandeio vão saltando e batendo o pé
 a moçada no sarandeio vão saltando e batendo o pé

Ao meu Mato Grosso do Sul muito tenho a agradecer
 radialistas e aos jornais também
 falo nas TVs nas estradas vou percorrendo com deus e muita fé
 roda roda mocidade no embalo do chamamé
 roda roda mocidade no embalo do chamamé

Fonte: Maciel Corrêa, 1997.

A música “Capital do Chamamé” é obra do músico e compositor Maciel Corrêa.²² Ela retrata aspectos da paisagem cultural do estado, destacadas em aspectos da música, dança e costumes tradicionais.

Primeiramente, identificamos no trecho “*Campo grande, cidade morena, capital do chamamé*”, características condizentes a capital de Mato Grosso do Sul, reconhecida como Capital do Chamamé através lei nº 14.315, de 28 de março de 2022 que “confere ao Município de Campo Grande, no Estado de Mato Grosso do Sul, o título de Capital Nacional do Chamamé” (BRASIL, 2022). Muito mais que um título, um símbolo de identidade.

Esse significado se traduz através do Chamamé, ritmo musical surgido no noroeste da Argentina, fronteira com o Paraguai, desenvolvido também entre a fronteira da Argentina e Rio Grande do Sul, mas que ao longo dos anos foi incorporado na cultura de Mato Grosso do Sul, vindo dos migrantes gaúchos e paraguaios para o estado (HIGA, 2013).

Outro trecho que faz referência a essa paisagem é “*nas noitadas de fandango também roda o tereré / a moçada no sarandeio vão saltando e batendo o pé*”. Nessa passagem, destacamos três itens essenciais que fazem parte da cultura e do cotidiano do sul-mato-grossense, o fandango, o sarandeio e o tereré.

Leandro (2007) faz uma descrição sobre o fandango, o apresentando como um “baile”, uma festa da qual os trabalhadores encontravam seu momento de lazer. Já o sarandeio é caracterizado como um tipo de dança

São atividades que compõem a cultura e muito além disso, são realizadas ativamente como forma de lazer para os locais, marcadas no imaginário, ocorrem de forma cotidiana, como manifestação de sua identidade.

²² “Maciel Corrêa, filho de Manoel José Maciel e Anercina Corrêa Maciel, nasceu no dia 14 de julho de 1942, na Fazenda Mutum, no município de Rio Brilhante/MS [...] Acordeonista, músico e compositor, participou da gravação de várias músicas com Délio & Delinha, destacando o clássico da música regional.”
<https://www.opantaneiro.com.br/colunistas/post/purahei-japyrayva>

E nesse mesmo rumo, destacamos ainda o Tereré: prática comum entre os habitantes do estado, é um símbolo culinário, como principal bebida encontrada em terras sul-mato-grossenses.

Servido na cuia e tomado com a utilização da bomba, seu principal componente é a erva mate, que também faz parte do cenário histórico e econômico: A Companhia Matte Laranjeira cultivava a planta principalmente nas terras ao extremo-sul de Mato Grosso e Paraguai, utilizando a força de trabalho dos povos indígenas que ali viviam (Sant’ana; Oliveira; Dorsa, 2016).

Os autores ainda destacam que esse consumo veio de aprendizado com os indígenas que consumiam a bebida. Apontam ainda que a palavra tereré vem do guarani e significa mate²³ de água fria.

Sobre seu modo de preparo, é colocado em uma cuia (espécie de recipiente) juntamente com a bomba (parecido com um canudo). Depois, é servido com água gelada, sendo muito consumido em dias quentes, vide as condições climáticas do estado.

Sendo assim, hoje, reconhecido como cultura imaterial de Mato Grosso do Sul, reflete a importância dos símbolos como manifestação e valorização da cultura, perpetuada por um povo, como forma de apresentar elementos de um passado que ainda se faz presente.

Diante desses elementos que constroem a paisagem cultural do estado, destacamos o trecho *“Obrigado garotada pela sua presença constante de chapéu, bota e berrante”*. Essa frase faz referência às vestimentas sul-mato-grossenses, muito utilizadas pelos moradores camponeses. Já o berrante, é instrumento utilizado para tocar a boiada, como também descrito na música *“Vaca tucura, boi pantaneiro”*.

Posto isto, verificamos na música, uma descrição da paisagem cultural de Mato Grosso do Sul, contemplando itens da cultura imaterial do estado, bem como manifestações artísticas. É a exposição do pertencimento ao território a partir de elementos enraizados na cultura, que muitas vezes passam de geração em geração.

A partir da análise da música propomos à seguinte sequência didática, apresentada no quadro G.

²³ Também conhecido como chimarrão, bebida típica da região sul do Brasil, sendo consumida com água quente.

Quadro G - Sequência didática 07 - 8º ano**SEQUÊNCIA DIDÁTICA - 3 aulas****PLANO DE AULA 01****Série:**

8º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF08GE02.s.02) Relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial.

Objeto de conhecimento:

Diversidade e dinâmica da população mundial e local.

Tema de conteúdo:

A cultura individual e coletiva.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, caderno de aula, data-show, caixa de som.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a música aos alunos, que irão escutá-la e simultaneamente será transmitido em um data show a letra da música “Capital do chamamé”.

3º passo: De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens naturais e culturais de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.

4º passo: Os alunos irão em seu caderno, descrever trechos da música, na qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural.

Plano de aula comentado:

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática a sugestão é que seja realizado a análise da música "Capital do Chamamé" com os estudantes, para identificar e averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição dessas paisagens.

PLANO DE AULA 02**Série:**

8º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF08GE02.s.02) Relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial.

Objeto de conhecimento:

Diversidade e dinâmica da população mundial e local.

Tema de conteúdo:

A cultura individual e coletiva.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, caderno de aula, data-show, caixa de som.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Com base na análise da música da aula passada, o professor irá focar no trecho "*Nas noitadas de fandango também roda o tereré / a moçada no sarandeio vão saltando e batendo o pé*". Ele irá trabalhar o conceito de cultura, nesse caso dando exemplos da cultura imaterial de Mato Grosso do Sul.

3º passo: O professor irá escrever tópicos específicos na lousa, entre eles, "tereré", "sarandeio", "fandango" e "chamamé" e solicitar aos alunos para que expressem sobre os conhecimentos prévios que possuem acerca dessas palavras.

4º passo: O professor irá realizar um bate papo explicando quanto a esses conceitos.

5º passo: Será também direcionado uma atividade para casa: Os estudantes irão entrevistar familiares/amigos buscando saber a origem daquela pessoa - de onde vem seus descendentes? Qual cultura eles trazem consigo que não é de Mato Grosso do Sul?

6º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural.

Plano de aula comentado:

Para essa aula o professor irá focar em elementos característicos da cultura sul-mato-grossense, com objetivo de explorar o conceito de diversidade e migrações, tendo em vista que os signos culturais do estado, são influência de outras regiões.

Nessa mesma ideia, a atividade proposta, convida os alunos que busquem compreender suas origens, reforçando que muitos habitantes do estado vêm de outras localidades, com isso, trazem consigo aspectos culturais diferenciados.

PLANO DE AULA 03

Série:

8º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF08GE02.s.02) Relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial.

Objeto de conhecimento:

Diversidade e dinâmica da população mundial e local.

Tema de conteúdo:

A cultura individual e coletiva.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel e diário de bordo.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: A sala se organizará em um grande círculo.

3º passo: Será solicitado estudantes voluntários para apresentar a pesquisa que realizaram.

4º passo: O professor irá promover um momento de explicação sobre o conteúdo específico.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural.

Plano de aula comentado:

Esta aula é a culminância da apresentação das pesquisas realizadas. É um momento para propiciar espaços de diálogo com os estudantes, além de, organizar e reforçar o conteúdo a ser trabalhado.

3.2.6 Música: Peabiru

Quadro 10 - Peabiru**Peabiru**

Almir Sater

Quem souber, podia me dizer
 Onde é que nosso ouro foi
 Pau-Brasil faz tempo que sumiu
 Dessa terra tão abençoada
 Que entrou em outra jogada
 E hoje é tudo soja, milho e boi

Quem souber podia me dizer
 Como é que eu faço pra pegar
 A velha estrada do Peabiru
 Que vem lá de Santa Catarina, Paraná
 Paraguai acima, e atravessa a América do Sul

Na promessa de um Eldorado
 Vinham almas aventureiras
 Sempre a procurar horizontes
 Venceram até cordilheiras
 E o Pacífico era azul

Quem souber podia me dizer
 Onde é que a gente se meteu
 Nessa imensa faixa de fronteira
 Cujo o nome é terra de ninguém
 Onde reina e manda qualquer um
 Onde o rei pode ser um fora da lei

Quem souber podia me dizer
 D'onde é que veio esse som
 Tá com jeito meio do Altiplano
 Onde o povo segue celebrando
 O Sol, a Lua e tudo que é profano
 No tango, charango, viola e chamamé

Na promessa de um Eldorado
 Vinham almas aventureiras
 Sempre a procurar horizontes
 Venceram até cordilheiras
 E o Pacífico era azul

Fonte: Almir Sater, 2022.

Inicialmente buscamos compreender o significado de Peabiru: “os Caminhos de Peabiru configuraram-se como uma trilha transcontinental que ligavam o Oceano Pacífico ao Oceano Atlântico em uma rota principal entremeados por inúmeros ramais”, nas palavras de Rocha (2017, p. 19).

Um percurso que cortava grande parte da América do Sul, marcado por diversas particularidades em cada um dos locais por qual o trajeto passava - histórias, costumes e a própria diversidade natural identificada.

Rocha (2017) descreve de maneira acentuada os pontos pelo qual o caminho perpassa, entre os estados de Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul, atravessando também países como Paraguai, Bolívia, chegando até o Peru.

Seguindo a música, o trecho “*Onde é que nosso ouro foi/ Pau-Brasil²⁴ faz tempo que sumiu*”, faz uma representação acerca da colonização brasileira, principalmente sobre a extração dos recursos naturais que foram retirados de maneira inconsequente do país, fato que

²⁴ O País ganhou esse nome justamente por causa da grande concentração de árvores.

também assolou terras sul-mato-grossense (conforme já descrito na análise da música Serra de Maracaju).

Já o trecho “*Que entrou em outra jogada/ E hoje é tudo soja, milho e boi*”, apresenta outras características locais, só que em um período temporal diferente: nos dias atuais, verificamos a consolidação de uma base econômica voltada ao setor primário, principalmente para os produtos “soja, milho e boi”.

Esse cenário agropecuário em Mato Grosso do Sul, iniciou principalmente após 1960, com as migrações de populações da região sul para o estado, trazendo consigo o interesse no plantio, principalmente da soja. Posteriormente, inicia-se a crescente do plantio de milho, e a criação de gado.

Vale ressaltar que este processo todo, foi/é voltado para as questões econômicas, para a venda de *commodities*, em uma conturbada e controversa relação, principalmente pela expansão das fronteiras agrícolas, aumentando a concentração fundiária, e a exclusão de grupos tradicionais e camponeses.

Avelino Junior (2004), apresenta considerações acerca dessa temática relatando sobre os diversos conflitos por terras existentes no Mato Grosso do Sul, decorrentes principalmente pela falta de uma reforma agrária efetiva.

Por fim, o trecho “*Onde o povo segue celebrando/ O Sol, a Lua e tudo que é profano/ No tango, charango, viola e chamamé*”, diz respeito às tradições e a própria cultura reproduzidas pelos povos tradicionais.

Tomemos como exemplo o “Sol e a Lua”, que são elementos naturais, muitas vezes cultuados em tribos indígenas, como seres ligados ao divino e também ao seu cotidiano. Vale destacar, que o “profano” citado pelo compositor, diz respeito aos preconceitos que as comunidades tradicionais muitas vezes sofrem ao reproduzir seus signos culturais, principalmente religiosos.

Sendo assim, verificamos na obra o retrato de uma paisagem cultural alicerçada principalmente nos contos do passado, com o Caminho do Peabiru, e através disso, as histórias que o cercam. Desde tradições e culturas dos povos tradicionais, até as transformações das paisagens naturais, como a exploração colonial, e posteriormente a substituição dessas práticas por outras.

A partir da análise da música propomos as seguintes sequências didáticas, apresentadas no quadro H e I.

Quadro H - Sequência didática 08 - 8º ano**SEQUÊNCIA DIDÁTICA - 3 aulas****PLANO DE AULA 01****Série:**

8º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF08GE01.s.01) Descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes.

Objeto de conhecimento:

Distribuição da população mundial e deslocamentos populacionais.

Tema de conteúdo:

Rotas populacionais de migração.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, diário de bordo, data-show, caixa de som.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a música aos alunos, que irão escutá-la e simultaneamente será transmitido em um data show a letra da música “Peabiru”.

3º passo: De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens naturais e culturais de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.

4º passo: Os alunos irão em seu diário de bordo, descrever trechos da música, na qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Educação de Direitos Humanos.

Plano de aula comentado:

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática a sugestão é que seja realizado a análise da música "Peabiru" com os estudantes, para averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição dessas paisagens.

PLANO DE AULA 02**Série:**

8º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF08GE01.s.01) Descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes.

Objeto de conhecimento:

Distribuição da população mundial e deslocamentos populacionais.

Tema de conteúdo:

Rotas populacionais de migração.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, diário de bordo.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Baseado na música, o professor irá transcrever na lousa tópicos relacionados ao "Caminho de Peabiru".

3º passo: O professor irá fazer uma explicação sobre rotas populacionais tomando como base "Peabiru".

4º passo: Será solicitado aos alunos que formem grupos e pesquisem novos caminhos migratórios. O professor poderá indicar alguns, no caso, considerando o Mato Grosso do Sul como ponto principal, por exemplo a Rota Bioceânica. A partir de suas pesquisas

eles irão elaborar e apresentar um teatro, como produto final.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Educação de Direitos Humanos.

Plano de aula comentado:

Para essa aula o professor irá focar nas rotas populacionais de migração, tendo em vista os fluxos migratórios. Irá tomar Mato Grosso do Sul como ponto de referência, podendo utilizar a Rota Bioceânica como exemplo.

PLANO DE AULA 03, 04 e 05

Série:

8º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF08GE01.s.01) Descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes.

Objeto de conhecimento:

Distribuição da população mundial e deslocamentos populacionais.

Tema de conteúdo:

Rotas populacionais de migração.

Recursos didáticos:

Lousa e pincel.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Organizar a sala conforme os grupos.

3º passo: Apresentação da peça teatral, conforme sorteio.

4º passo: Baseado nas apresentações o professor poderá reforçar os conceitos que foram ali trabalhados pelo grupo.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Educação de Direitos Humanos.

Plano de aula comentado:

O plano de aula de aula 03, 04 e 05, são contemplados em um só, que por sua vez fazem referência a continuação da sequência didática. Eles são similares pelo fato de trazerem a apresentação teatral dos grupos, com base na pesquisa que eles realizaram. Dessa forma, após esse momento, ao final da aula é feito um debate para finalizar, além de ser um espaço para o professor reforçar os pontos levantados nos trabalhos.

3.2.7 Música: Ainda resta uma esperança

Quadro 11 - Ainda resta uma esperança

Ainda resta uma esperança

Tangará e Zé Viola

Quando encontrei minha velha canoa junto a lagoa debaixo de um timburi
 Descendo o rio fiquei desolado, tudo mudado meu sertão não conheci
 Olhei pro céu vi um biguá sozinho, longe do ninho a voar cantando assim:
 O Deus sustenta na esperança que ainda resta fazei crescer a floresta pra salvar meu
 Taquari

Uma tristeza invadiu meu peito vendo o defeito que alargou meu rio coxim
 pois destruiu ao redor das matas terras cavadas erosão decreto o fim
 olhei pra margem lá no biguazeiro, um colhereiro que pousou cantava assim:
 O Deus sustenta na esperança que ainda resta fazei crescer a floresta pra salvar meu
 Taquari

Desmatamento fez secar as fontes, imensa pontes de areia logo eu vi

nas águas rasas não tem piracema é triste a cena nessa terra que nasci
 a batuíra que vagava à toa pousou na proa e me olhou cantando assim
 O Deus sustenta na esperança que ainda resta fazei crescer a floresta pra salvar meu
 Taquari

Larguei meu remo e chorei criança, na esperança de tudo inundar ali
 Secar meus olhos, mas salvar meu rio, que doentio vai correndo para o fim
 Na ânsia louca de fazer voltar a vida, minha voz sentida ecoou cantando assim:
 O Deus sustenta na esperança que ainda resta fazei crescer a floresta pra salvar meu
 Taquari

Fonte: Tangará e Zé Viola, 2003.

A música carrega uma mensagem de tristeza e esperança, pelos cenários apresentados a partir das paisagens naturais de Mato Grosso do Sul, com foco no rio Taquari e todas as suas dinâmicas.

Ela apresenta características diretas da fauna e da flora do estado. Por exemplo, o “Timburi” e o “biguazeiro” são espécies arbóreas encontradas no estado. Já o “Biguá”, “colhereiro” e “batuíra”, são aves que fazem parte do mosaico faunístico sul-mato-grossense.

Outro ponto em destaque é a citação “*fazei crescer a floresta pra salvar meu Taquari*”, que retrata sobre o processo de assoreamento do Rio Taquari, e as estratégias de combate que podem ser utilizadas, nesse caso em específico, a manutenção e preservação das matas ciliares como proteção para os cursos dos rios.

Esse mesmo tema ainda é reforçado no trecho “*alargou meu rio coxim pois destruiu ao redor das matas terras cavadas erosão*”, que aponta os problemas relacionados ao desmatamento, ocasionado os processos erosivos aumentando o acúmulo de sedimentos pelos cursos d’água, criando grandes bancos de areia.

Ainda sobre o desmatamento, “*Desmatamento fez secar as fontes, imensa pontes de areia logo eu vi nas águas rasas não tem piracema é triste*”, novamente retrata os efeitos dos problemas ambientais, nesse caso dando destaque para a piracema.

Sobre a piracema, é o período de reprodução de algumas espécies de peixes, em especial pelo fato de alguns subirem as correntezas dos rios em busca de melhor local para essa ação.

De fato, a ação contra os rios impacta de forma direta as diferentes espécies de peixes, haja vista, que, coloca em risco todo um processo reprodutivo, mas não só isso, acomete também a flora aquática prejudicando sua alimentação

Além de ser um ciclo, que afeta os próprios seres humanos considerando os rios como sustento para muitos, que sobrevivem dos pescados, do turismo, ou ainda, do abastecimento para consumo diário.

Por fim, o trecho *“Larguei meu remo e chorei criança, na esperança de tudo inundar ali/ Secar meus olhos, mas salvar meu rio, que doentio vai correndo para o fim”*, corresponde ao pertencimento que o compositor tem com sua terra natal, de sentir as mazelas que ali ocorrem, as transformações na paisagem que aos poucos foram mudando o cenário na qual estava acostumado.

Dessa forma, podemos verificar que a música apresenta elementos da paisagem natural de Mato Grosso do Sul, destacando as transformações por qual ela passou, em específico os problemas enfrentados pelo Rio Taquari, consequências enfrentadas principalmente pelas ações humanas.

Quadro I - Sequência didática 09 - 6º ano

SEQUÊNCIA DIDÁTICA - 2 aulas

PLANO DE AULA 01

Série:

6º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF06GE06.s.14) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.

Objeto de conhecimento:

Transformação das paisagens naturais e antrópicas.

Tema de conteúdo:

Paisagens naturais: problemas ambientais.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, diário de bordo, data-show, caixa de som.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a

música aos alunos, que irão escutá-la e simultaneamente será transmitido em um data show a letra da música “Ainda resta uma esperança”.

3º passo: De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens naturais e culturais de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.

4º passo: Os alunos irão em seu diário de bordo, descrever trechos da música, na qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Educação Ambiental.

Plano de aula comentado:

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática a sugestão é que seja realizado a análise da música "Ainda resta uma esperança" com os estudantes, para averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição dessas paisagens.

PLANO DE AULA 02

Série:

6º ano

Hora aula:

50 min

Habilidade:

(MS.EF06GE06.s.14) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.

Objeto de conhecimento:

Transformação das paisagens naturais e antrópicas.

Tema de conteúdo:

Paisagens naturais: problemas ambientais.

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, diário de bordo.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: A partir da análise da música, o professor irá focar no seguinte trecho “*Desmatamento fez secar as fontes, imensa pontes de areia logo eu vi nas águas rasas não tem piracema é triste*”, abordando sobre as transformações das paisagens pela ação humana.

3º passo: O professor irá fazer uma explicação sobre como a ação humana transforma as paisagens naturais, nesse caso, explorar como as atividades (principalmente aquelas voltadas para a economia) acarretam em diversos problemas ambientais.

4º passo: O professor irá dividir a sala em grupos, e propor uma pesquisa para eles: Os alunos, em grupo, irão pesquisar os principais problemas ambientais em Mato Grosso do Sul.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Temas contemporâneos:

Educação ambiental

Plano de aula comentado:

Esta aula tem como objetivo aprofundar os conhecimentos acerca da ação humana sobre a paisagem natural de Mato Grosso do Sul, especialmente compreendendo como as atividades econômicas impactam no meio ambiente, gerando graves problemas ambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a educação é pensar nos mais variados contextos identificados ao longo da história, compreendendo suas dinâmicas - tensões, conflitos, acertos e desafios, que a tornam o que ela é hoje.

Considerar os mais variados atores que compõem esse cenário, como a esfera pública, gestores, professores, alunos e que as ações tomadas por eles trazem consequências, que em algum momento irão suscetibilizar mudanças sejam elas positivas ou negativas no âmbito educacional.

É reconhecer todo um movimento de transformação que perpassa pelos signos da sociedade e que afetam diretamente a sua organização e estrutura, tendo em vista que muito além de um campo teórico é um ato, uma atividade calcada no desenvolvimento cultural, social, crítico e principalmente integral do indivíduo. O ato de ensinar vai então muito além de simplesmente transmitir conhecimentos específicos, mas é redirecionado a partir das singularidades de cada espaço-tempo, partindo de diferentes estratégias moldadas pelas intencionalidades do professor.

Nessa conjuntura, é que apontamos a direção na qual a pesquisa se desenrolou, analisando perspectivas para compreender qual o papel que a Geografia, enquanto componente curricular, estando sobre a égide da educação se desenvolveu e se desenvolve, tendo a música, como prática pedagógica.

Face ao exposto, apresentamos a indagação que norteou o desenvolvimento desta dissertação: quais os caminhos que o professor, através do ato de ensinar, pode percorrer a fim de propiciar um espaço democrático de aprendizagem no âmbito do ensino de Geografia, utilizando a música como prática pedagógica?

Diante disso, perante a indagação que norteou esta pesquisa, trazendo conclusões (não acabadas), é que a Geografia Escolar ainda é direcionada em muitos casos por uma abordagem tradicional, que prioriza práticas pedagógicas centradas no professor, como detentor do conhecimento e os estudantes como receptores das informações passadas.

Para esse fato, na pesquisa, foram levantadas as seguintes constituintes: a primeira, diz respeito à formação docente, que em tese, reflete características de um ensino que muitas vezes se volta para uma base muito mais técnica, para saberes mais específicos, e com uma abertura menor aos saberes educacionais.

A segunda são as características que os currículos apresentam, principalmente através de sua elaboração, que na maioria das vezes contempla elementos da sociedade vigente, apresentando tendências homogêneas, desconsiderando as realidades de cada escola.

Vale ressaltar que são pontos que caracterizam o cenário geográfico e que não estão distantes dos enfoques da educação: principalmente, os preceitos da prática pedagógica docente, que diz respeito aos espaços construídos pela relação entre o ensino e aprendizagem. Por essa dicotomia, no desenvolvimento da pesquisa, vislumbramos uma relação pautada pelas intencionalidades - do professor ensinar e o aluno em aprender.

Para propiciar um espaço democrático de aprendizagem, cabe ao professor a intencionalidade de ensinar: organizar os conteúdos, os locais, as técnicas necessárias, enfim, os caminhos a serem trilhados para alcançar as habilidades propostas para aquele cenário. E para o aluno, a intenção de aprender. A construção de uma simbiose entre discente e docente.

De efeitos conclusivos, para alcançar uma aprendizagem integral e significativa, o professor em suas ações deve considerar o conhecimento prévio do estudante, as suas bagagens teórico-conceituais.

Esse fato, nos direcionou a discutir ações pedagógicas que tornassem o ensino de Geografia mais significativo para os alunos, como forma de viabilizar espaços de aprendizagem que fizessem sentido para eles. Dessa forma, identificamos na música aspectos pertinentes para este processo.

Sobre a sua utilização na conjuntura escolar, verificamos ao longo da pesquisa algumas de suas potencialidades, entre elas, o desenvolvimento da criatividade, trabalho em grupo, a oralidade. Competências que os alunos podem aperfeiçoar conforme o trabalho em sala de aula.

Dessa forma, pensando nas ações docentes para propiciar espaços democráticos de aprendizagem com os alunos, como proposta para elucidação dessa questão, foi traçado como objetivo central, analisar de que forma a música pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem da Geografia de modo a promover outras e/ou maiores possibilidades de práticas pedagógicas mais significativas e contextualizadas. Tendo como pano de fundo, os estudos das paisagens de Mato Grosso do Sul a partir da identidade territorial.

Para tanto, foram realizadas a análise de músicas que apresentassem em suas letras aspectos das paisagens naturais e culturais de Mato Grosso do Sul em uma perspectiva acerca da identidade territorial, na qual contribuíssem para o ensino de Geografia.

As músicas analisadas foram: Hino de Mato Grosso do Sul; Serra de Maracaju; Cidades irmãs; Vaca tucura, boi pantaneiro; Capital do Chamamé e Peabiru. Elas foram identificadas em sites de músicas, além de vídeos na plataforma *YouTube*. Para cada música, foi proposto de

uma a duas sequências didáticas como sugestão de trabalho para o professor em sala de aula voltadas para as séries do Ensino Fundamental - anos finais.

Diante disso, de maneira conclusiva, pudemos verificar a importância que a utilização desta prática no ambiente escolar pode propiciar, como forma de releitura das diferentes paisagens compreendendo a realidade em que vive.

No caso específico das músicas analisadas, as paisagens retratadas nelas evidenciaram características do ambiente natural de Mato Grosso do Sul, revelando um processo contínuo de transformação influenciado por diversos agentes. Essas atividades desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das paisagens culturais, que são profundamente marcadas pelos conhecimentos e tradições dos povos indígenas e das comunidades fronteiriças. Essas influências não se limitam apenas aos aspectos materiais, mas também englobam uma rica herança cultural imaterial.

É buscar a valorização da identidade territorial de MS que se materializa pela compreensão da realidade em que se vive, justamente por meio do entendimento das diferentes paisagens do estado.

O que se constatou, é que a partir das paisagens descritas nas letras das músicas, é possível trabalhar diferentes conteúdos, nos distintos anos escolares, buscando sempre fazer conexões com as realidades dos estudantes, levando em conta os seus saberes prévios. Foi possível, assim, evidenciar as potencialidades que essa prática pedagógica possui enquanto recurso didático.

Dessa forma, destacamos os pontos fortes e contribuições que a pesquisa trouxe para as temáticas em estudo.

Inicialmente, as discussões propostas sobre o ensino de Geografia, fomentam uma seara ainda tímida nos campos de estudos no Brasil, mas que possui enorme potencial para desenvolvimento, haja vista, as pluralidades verificadas no campo escolar e no componente curricular.

Outro ponto de destaque, foram as argumentações sobre as potencialidades que a utilização da música em sala de aula apresenta, reforçando que nos contextos educacionais contemporâneos a adesão de práticas pedagógicas diferenciadas, pode ser de grande valia, para propiciar um cenário mais atraente e significativo no processo de ensino e aprendizagem para os estudantes.

Por fim, destacamos que a utilização do conceito de paisagem para nossa pesquisa foi de suma importância, tendo em vista, que, compreender a diversidade natural se faz necessário,

numa concepção transformadora da qual o ser humano possui em relação ao meio em que vive, construindo toda sua vivência, materializando assim a sua cultura, sua identidade.

Para isso, constatamos a valorização da cultura sul-mato-grossense através das músicas: as análises delas, identificando as diferentes paisagens do estado, promovem o reconhecimento e construção de uma identidade territorial, percebendo uma realidade vivenciada cotidianamente que se traduz nos modos e costumes, ancorados pelas ações que transforma as paisagens naturais e culturais de MS.

Sendo assim, como ponte para o final, assinalamos que os objetivos que nortearam a pesquisa, foram atingidos. A música como prática pedagógica apresenta possibilidades e potencialidades interessantes para o âmbito do ensino de Geografia. As construções das sequências didáticas corroboram para tais afirmações.

Salientamos, que, tudo aqui apresentado não são conclusões prontas e acabadas, mas que visam contribuir para discussões futuras e que ao longo da dissertação novas dúvidas foram surgindo, como fruto de reflexões importantes.

Por fim, reafirmamos a importância dos estudos acerca de práticas pedagógicas diferenciadas, principalmente tendo como pano de fundo o ensino de Geografia, como forma de viabilizar um espaço de ensino e aprendizagem significativo para os estudantes, para que no futuro, desenvolvam um pensamento crítico para compreender e transformar suas realidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Gilberto Luiz. Escola moderna e organização do trabalho didático até o início do século XIX. In: **Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2002, Anais. Natal: UFRN, 2002. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema7/0761.pdf>>. Acesso em: 20 de julho de 2022.
- ALMEIDA, Rodrigo Estramano. Cultura política no hino nacional. **Revista Aurora**, v.12, 2011, p. 141–144.
- ANDREOTTI, Azilde Lina. A administração escolar na era Vargas e no Nacionaldesenvolvimentismo (1930 - 1964). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p.102–123, 2006.
- ARAUJO, Márcio Santos; VARGAS, Icléia Albuquerque. A geografia pantaneira na música de Mato Grosso do Sul: paisagens de vida, identidades territoriais. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. v. 03, ed. especial, 2017, p. 01-21.
- AVELINO JÚNIOR, Francisco José. **A questão da terra em Mato Grosso do Sul: posse/uso e conflitos**. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP: São Paulo, 2004, 300p.
- BALDIN, Rafael. Sobre o conceito de Paisagem geográfica. **Paisagem Ambiente: Ensaios**. São Paulo, v. 32, n. 47, 2021, p. 01-17.
- BAHLS, Flávia Rocha Campos; INGBERMANN, Yara Kuperstein. Desenvolvimento escolar e abuso de drogas na adolescência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 22, n.4, 2005, p. 395-402.
- BARROS, Manoel, 1916- . **Poesia completa / Manoel de Barros**. São Paulo: Leya, 2010.
- BARROS, Valter Mangini. **Atlas Geográfico de Mato Grosso do Sul e seus municípios**. Campo Grande: Ed. EDIBRAPE, 2017, 118 p.
- BATISTA, Edimar Eder; SALVI, Rosana Figueiredo. Conceitos científicos e cotidianos: análise da percepção de graduandos em Geografia. **Revista Formação**, Presidente Prudente, v. 25, n. 44, p. 35 – 52, 2018.
- BERGIER, Ivan; RESENDE, Emiko Kawakami. Dinâmica de cheias no Pantanal do rio Paraguai de 1900 a 2009. **Anais 3º Simpósio de Geotecnologias no Pantanal**, Cáceres -MT, 2010, Embrapa Informática Agropecuária/INPE, p. 35 -43.
- BORGES, Dallete de Souza Sales.; SAMBUGARI, Marcia Regina do Nascimento. A educação Jesuítica e o método de ensino Ratio Studiorum. In: **IV Congresso do CPAN; III Semana Integrada de Graduação e Pós Graduação do CPAN: Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores**. 2019, Campo Grande.
- BRAGA, Flávia Spinelli. Cidadania territorial e geografização da cidadania no ensino de Geografia e na formação do professor de Geografia. **Signos Geográficos**, Goiás, v.3, p.1-16, 2021.

BRASIL. **Lei Federal nº 4244, de 09 de abril 1942**. Institui a Lei Orgânica do ensino secundário. Brasília, 1942.

BRASIL - Agência Nacional de Águas (Brasil). **Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil: regiões hidrográficas brasileiras – Edição Especial**- Brasília: ANA, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 4528, de 2019**. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/151437>>. Acesso em 25/06/2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007, 117p.

BRANQUINHO, Evânio dos Santos; BERNARDES, Rogério Souza. **O uso da fotografia aérea com pipa na construção da Geografia**. Alfenas/MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2020.

BRAND, Antônio. Desenvolvimento Local em comunidades indígenas no Mato Grosso do Sul: a construção de alternativas. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. v. 1, n.2, p. 59-68, 2001.

BUENO, José Geraldo Silveira. Função social da escola e organização do trabalho pedagógico. **Educar**, Curitiba, n. 17, 2001, p. 101-110.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do ensino Fundamental. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n.66, p. 227-247, 2005.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia escolar – e os conteúdos da Geografia. **Revista Virtual, Geografia, Cultura y Educación**, Colômbia, n.1, p. 128-139, 2011.

CABRAL, Thiago Manhães. As temáticas físico-naturais e a Geografia escolar moderna: grupos políticos, demandas e lutas pela significação curricular na Era Vargas (1930-1945). **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)**. v.14, n.25, p.123-157, 2018.

CALLEJA, José Manuel Ruiz. Os professores desse século. Algumas reflexões. **Revista Institucional Universidad Tecnológica del Chocó: Investigación, Biodiversidad y Desarrollo**. n.27, v. 1, 2008, p. 109-117.

CARDOSO, Teresa Fachada Levy. As Aulas Régias no Rio de Janeiro: do projeto à prática. 1759- 1834. **Revista História da educação**. v.3, n. 6, p. 105-130, 1999.

CARVALHO, P. A. **Re-tocando a aprendizagem na educação de infância: A música como linguagem**. Campo Grande, 2005. 123p. Dissertação (mestrado em educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 21-92.

CATONIO, Angela Cristina Dias do Rego. Do chão a poesia: Uma geopoética sul-mato-grossense. **Atas do V SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa – De volta ao futuro da Língua Portuguesa**. Università del Salento, Lecce, Posters, 2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A formação de professores de Geografia- o lugar da prática de ensino. In: TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes; CHAVES, Sandramara Matias (orgs). **Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 189- 206, 2003.

CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito. Abordagens geográficas no estudo da Paisagem. **Breves Contribuciones del I.E.G.** n. 22,2010/11, p. 57-74.

CHEVELLARD, Yves. Sobre a teoria da transposição didática: algumas considerações introdutórias. Texto traduzido por Cleonice Puggian. **Revista de educação, Ciências e Matemática**, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p.1-14, 2013.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Santa Catarina: Editora da UFSC, 3ed. 2007, 453p.

COMENIUS, Iohannis Amos. **Didactica Magna**. Tradução: Joaquim Ferreira Gomes. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

COSTA, Marcelo Sousa; DAMASCENO, Marília de Fátima Barros; MUNIZ, Alexsandra. O uso da música e das imagens como fonte de aprendizado no ensino da Geografia. **Revista de ensino de Geografia**, v. 9, n. 16, 2018, p. 92-105.

COSTA, Edgar Aparecido. Os bolivianos em Corumbá-MS: construção cultural multitemporal e multidimensional na fronteira. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande - MS, v. 4, n. 7, p. 17 – 33, 2012.

COSTA, Gustavo Villela Lima. Os bolivianos em Corumbá-MS: conflitos e relações de poder na fronteira. **MANA**, v.21, n.1, p. 35-63, 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In.: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2ed, 2000, 352p.

CORRÊA, Márcio Ferreira Nery. Uma reflexão teórico-metodológica para a produção historiográfica da Geografia escolar oitocentista. **Cadernos de História da educação**. v. 14, n. 1, p. 115- 134, 2015.

CORREIA, Marcos Antonio. A função didático-pedagógica da linguagem musical: uma possibilidade na educação. **Educar**, n. 36, p. 127-145, 2010.

Cremonese-Adamo, Camila. **Fronteira, mitos e heróis: a criação e apropriação da figura do Tenente Antônio João Ribeiro no antigo sul de Mato Grosso**. Dissertação (em História), pela Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, MS: UFGD, 2010. 177p.

CUNHA, Catia Nunes; PAIXÃO, Eliana; JUNK, Wolfgang Johhanes. Capítulo III - Análise das ameaças e impactos ao Pantanal. In: IRIGARAY, Carlos Teodoro José Hugueney;

CUNHA, Catia Nunes; JUNK, Wolfgang Johhanes (org). **Pantanal à margem da lei:** panorama das ameaças e perspectivas para a conservação. Cuiabá - MT: Mupan, 2020

DAMASCENO JÚNIOR, Geraldo Alves; SIMÕES, Marcelo Guimarães; TREVELIN, Cesar Claro; MANOEL, Pedro Sartori; GUIMARÃES, Elza. Pantanal. In: GUIMARÃES, Elza; TREVELIN, Cesar Claro; MANOEL, Pedro Sartori. **Pantanal:** Paisagens, flora e fauna. 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

GALEANO, Eduardo, **As veias abertas da América Latina**, 1940. Tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GONÇALVES, Debora Fittipaldi; BERNART, Fabiane de Araújo; ZARDIN, Sabrina Gisele. O homem pantaneiro sul-mato-grossense: sua vida e sua história. **Revista Multítemas**, n. 27, 2002, p. 37-42.

GRUPO ACABA. **Vaca tucura, boi pantaneiro**. 1984. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/grupo-acaba/1384304/>>. Acesso em: 15 jun. de 2023.

GRUPO ACABA. Pássaro Branco. 1984. Disponível em <https://www.letras.mus.br/grupo-acaba/passaro-branco/>. Acesso em: 15 jul de 2023,

DARSIE, Marta Maria Pontin. Avaliação e Aprendizagem. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n.99, 1996, p.47-59.

Délio e Delinha. Cidades irmãs. 1959. Disponível em:< <https://www.letras.mus.br/delio-delinha/cidades-irmas/>> Acesso em: 15 mai. 2023.

DEWEY, Jhon. **Experiência e educação**. Texto traduzido por: Anísio Teixeira. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1979, 97 p.

DIAS, Erika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. Educação e Sociedade. **Ensaio:** aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.27, n.104, 2019, p. 449-455.

DÍAZ, Félix. **O processo de aprendizagem e seus transtornos**. Salvador: EDUFBA, 2011. 396p.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silva Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. *Revista Thema*, v.14, n. 1, 2017, p. 268 - 288

DROSSI, R. C. F.; MOMENSOHN-SANTOS, T. O Ruído e sua interferência sobre estudantes em uma sala de aula: revisão de literatura. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 251-258, 2005.

EZIDIO, Jeilson de Freitas de Souza. **A música como metodologia de ensino da geografia do bioma**. Aquidauana, 2019, 125p. Dissertação (mestrado em Geografia) –Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

FACCIONI, Flávio; SOUZA, Claudete Cameschi. Música sul-mato-grossense: mitos, histórias e sentidos, In: **Argumentação e Discurso: fronteiras e desafios**. Orgs: AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; PINTO, Maria Alexandra Guedes. São Paulo: FFLCH/USP, 2020.

FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. A Geografia escolar crítica e a formação para a cidadania. **Revista GeoSertões**, v. 5, n. 10, 2020, p. 12-39.

FÉLIX, Geisa Ferreira Ribeiro; SANTANA, Hélio Renato Góes; OLIVEIRA JÚNIOR, Wilson. A música como recurso didático na construção do conhecimento. **Cairu em Revista**, v.3, n. 4, p. 17-28, 2014.

FERREIRA, Washington Aldy. **O currículo de Geografia: uma análise do documento de reorientação curricular da SEE-RJ**. Dissertação (mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós Graduação da Faculdade de Filosofia Letra e Ciências Humanas da USP, USP, 2009.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. Conquista colonial, resistência indígena e formação do Estado-Nacional: os índios Guaicuru e Guana no Mato Grosso dos séculos XVIII-XIX. **REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, v. 52, n.1, 2009, p. 97 – 136.

FRANCO. Maria Amélia Santoro. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 3, 2015, p. 601-614.

FRANCO. Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, 2005, p. 483-502.

FREIRE. P. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUGIMOTO, S. M. A. **O computador na sala de aula: o professor de educação básica e sua prática pedagógica**. Maringá, 2010. 143 p. Dissertação (mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Maringá Programa de pós-graduação em Educação.

GRACIOLLI, Gustavo; ROQUE, Fabio de Oliveira; FARINACCIO, Maria Ana; SOUZA, Paulo Robson; PINTO, João Onofre Pereira. Biota-MS: Montando o quebra-cabeça da biodiversidade de Mato Grosso do Sul. **Lheringia, Série Zoologia**, Porto Alegre, v. 107, suplementar, p. 02 – 07, 2017.

HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **Antares**, n.3, p.02- 24, 2010.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, UFF, v. 9, n. 17, 2007.

HAESBAERT, Rogério; BÁRBARA, Marcelo de Jesus Santa. Identidade e Migração em áreas Transfronteiriças. **GEOgraphia (UFF)**, Niterói, v. 5, 2001, p. 45-65.

HIGA, Evandro Rodrigues. **“Para fazer chorar as pedras”**: o gênero musical guarânia no Brasil – décadas de 1940/50. Tese (em Música) Programa de Pós-Graduação em Música, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo, 2013, 277 p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Sales. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Os indígenas no Censo Demográfico 2010**: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Rio de Janeiro, 2012.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados – Mato Grosso do Sul**. Disponível em < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms.html>>, acesso em 27 de março de 2023;

JARA, Alan Luiz. Representações da cultura paraguaia: tradições e memórias na construção identitária de imigrantes e descendentes. **Revista Eletrônica História em Reflexão**: v. 6, n. 12, p. 01-20, 2012.

KAPUZINIÁK, Célia. **A cidadania como finalidade da educação**: uma reflexão sobre as LDBs. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Federal de Uberlândia, 2000, p. 164.

LEANDRO, José Augusto. No fandango. **Revista de História Regional**, v. 12, n.1, 2007, p.41-63.

LEMOS, Evelyse dos Santos. A Aprendizagem Significativa: estratégias facilitadoras e avaliação. **Periódico do Mestrado em educação da UCDB**, Mato Grosso do Sul, n. 21, 2006, p.53-66.

LA BLACHE, Paul Vidal. Da interpretação geográfica das Paisagens. Tradução: Guilherme da Silva Ribeiro. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, v. 07, n.13, 2008, p. 1-3.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Rio de Janeiro: Ed. Cortez, 1990, 262p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática: Velhos e novos temas**. Edição do autor, 2002, p. 134.

LIMA, Bruno de Souza; SILVA, Charlei Aparecido; BOIN, Marcos Norberto; MEDEIROS, Rafael Brugnoli. As paisagens e as dinâmicas territoriais na Serra de Maracaju, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Cuadernos De Geografia: Revista Colombiana de Geografía**, v. 29, n. 01, p. 224-241, 2020.

LIMA, Bruno de Souza. **Paisagens da Serra de Maracaju/MS, suas potencialidades para o turismo de natureza**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-graduação – Mestrado em Geografia, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados – MS, 2017.

- LINO, Ellen Rízia Oliveira. **A problemática da evasão escolar: uma revisão bibliográfica integrativa**. Goiânia, 2022, 42p. Monografia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Escola de ciências agrárias e biológicas curso de ciências biológicas licenciatura.
- LISBOA, Severina Sarah. A importância dos conceitos da Geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares. **Revista Ponto de Vista**, Viçosa, v. 4, n.1, p. 23-35, 2007.
- LOVATO, Fabricio Luís; MICHELOTTI, Angela; SILVA, Cristiane Brandão da; LORETTO, Elgion Lucio da Silva. Metodologias Ativas de Aprendizagem: Uma breve revisão. **Acta Scientiae**, v. 20, n. 2, 2018, p. 154-171.
- MACHADO, Andréia de Arruda. **Mato Grosso do Sul e sua história: em perspectiva o período divisionista (1977-1998)**. Dissertação (mestrado em Ensino de História) – Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2020.
- MACIEL, Ana Beatriz Câmara; LIMA, Zuleide Maria Carvalho. O conceito de paisagens: diversidade de olhares. **Sociedade e Território**, Natal, v. 23, n. 2, 2011, p. 159 – 177.
- MACIEL CORRÊA. **Capital do Chamamé**. 1997. Disponível em <<https://youtu.be/hFGMcolvlyY>> Acesso em: 17 jun. de 2023.
- MAGNABOSCO, Leonita; GOMES, Cerize Nascimento. Hino Nacional: por que conhecer e por que cantar? - Um estudo histórico e cultural. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. 2010. Curitiba: SEED/PR., 2014. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>. Acesso em 06 de junho de 2023.
- MALBERGIER, André; CARDOSO, Luciana Roberta Donola; AMARAL, Ricardo Abrantes. Uso de substâncias na adolescência e problemas familiares. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. n. 28, 2012, p. 678-688.
- MANOEL, Pedro Sartori; TREVELIN, Cesar Claro; NISHIDA, Silvia Mitiko; NIERO, Iara Roberta de Azevedo. Fauna. In: GUIMARÃES, Elza; TREVELIN, Cesar Claro; MANOEL, Pedro Sartori (org). **Pantanal: Paisagens, flora e fauna**. 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- MARIA, Vivian Ribeiro Baptista; MARIA, Fabrício de Souza; SILVA, Sandro Menezes. Flora arbustivo-arbórea dos planaltos da Bodoquena e de Maracaju, na porção centro-sudoeste do estado do Mato Grosso do Sul, Brasil. **Lheringia, Série Botânica**, Porto Alegre, v. 73, suplementar, p. 34-52, 2018.
- MARTINS, Maria José D.; MOGARRO, Maria João. A educação para a cidadania no século XXI. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 53, 2010, p. 185-202.
- MARTINS, Jander Fernandes; HALBERSTADT, Talita Elisabeth. A organização do trabalho didático: uma categoria a ser discutida. **Cadernos da Pedagogia**, São Paulo, v. 6, n. 11, 2012, p. 3-10.

MATO GROSSO DO SUL. **Decreto Estadual nº 3 de 1 de janeiro de 1979**. Institui o Hino de Mato Grosso do Sul. Disponível em <https://www.tjms.jus.br/legislacao/public/pdf-legislacoes/decreto_n._3-79.pdf> Acesso em: 05 jun. 2023

Mato Grosso do Sul. Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar (SEMAGRO). **Perfil Estatístico de Mato Grosso do Sul 2017: Ano base: 2016**, Campo Grande: SEMAGRO, 2017, 100 p.

MATO GROSSO DO SUL. **Zoneamento Ecológico Econômico do estado de Mato Grosso do Sul – Segunda Aproximação**: Elementos para construção da sustentabilidade do território sul-mato-grossense. Mato Grosso do Sul, 2015.

MATO GROSSO DO SUL. Currículo de referência de Mato Grosso do Sul: educação infantil e ensino fundamental. Campo Grande: SED, 2019.

MATIAS, Átila. **"Pantanal"; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/o-pantanal.htm>. Acesso em 21 de agosto de 2023.

MENEZES, Victória Sabbado; KAERCHER, Nestor André. A formação docente em Geografia: por uma mudança de paradigma científico. **Giramundo**, Rio de Janeiro, v.2, n.4, p. 47-59, 2015.

MENEZES, Victoria Sabbado. A historiografia da Geografia acadêmica e escolar: uma relação de encontros e desencontros. **Geographia Meridionalis**. v. 1, n. 2, 2015. p. 343–362.

MELO, Ádriany de Ávila; VLACH, Vânia; SAMPAIO, Antônio Carlos Freire. História da Geografia Escolar Brasileira: continuando a discussão. In: VASCONCELLOS, Luiz Constantino Grombone; MELO, Ádriany de Ávila (org.) **Geografia e Anos Iniciais do ensino Fundamental**. CRV, Curitiba, 2012.

MELLO JUNIOR, Valdemir Pomerening; FONSECA, Rafael Oliveira. Geografia e educação: o ensino das paisagens de Mato Grosso do Sul através da música. **Geografia (Londrina)**, v. 31, n. 2, 2022, p. 249 – 267.

MELO, Márcia Cristina de Oliveira. **Da teoria à prática do ensino de Geografia**. Unesp/UNIVESP, 1ed, 2012.

MELIÀ, Bartomeu. Prefácio – Memória, história e o futuro dos povos indígenas. In: CHAMORRO, Graciela; COMBÉS, Isabelle (org). **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul**: História, cultura e transformações sociais. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2018.

MONDARDO, Marcos Leandro. Ser paraguaio no Mato Grosso do Sul: da migração à construção de uma identidade transfronteiriça. **Revista Faz Ciências – UNIOESTE**. v.15, n. 21, p. 69-91, 2013.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Geografia Pequena História Crítica**. São Paulo: Annablume, 2007, 1º ed. 152p.

MOREIRA, Ana Claudia; SANTOS, Halinna; COELHO, Rêne Silva. A música na sala de aula - a música como recurso didático. **Unisanta Humanitas**, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2014.p. 5036- 5047, 2015.

MOTA, Ana Rita; ROSA, Cleci Teresinha Werner. Ensaio sobre metodologias ativas: reflexões e propostas. **Espaço Pedagógico**, v. 25, n. 2, 2018, p. 261-276.

MOURA, Henrique Dante. **Trabalho e Formação Docente na educação Profissional**. Curitiba: IFPR-EAD, 2014, 112p.

NAME, Leo. O conceito de Paisagem na Geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, vol. 6, n. 2, 2010, p. 163-186.

OLIVEIRA, Émerson Dias de; PRACZUM, Suéllen Matei; ROMANO, Pâmella Fernanda; YAMASHITA, Thawana Proença. O ensino da geografia na perspectiva dos seus conceitos fundamentais: Espaço, Lugar, Território, Região e Paisagem. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v.6, n. 1, 2020, p. 122-140.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado. Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-práticos. In.: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado (org). **Territórios sem limites: Estudos sobre fronteiras**. Mato Grosso do Sul: Ed. UFMS, 2005, 648 p.

PAIXÃO, Roberto Ortiz. **Globalização, turismo de fronteira, identidade e planejamento da região internacional de Corumbá/MS**. Tese doutorado (Geografia Humana) – Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Pós-Graduação em Geografia Humana, 2006, 182 p.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: Saberes da docência e identidade do professor. In.: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes.(orgs). **Didática e Interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 1998.

PIMENTA, Selma Garrido; FUSARI, José Cerchi; ALMEIDA, Maria Isabel; FRANCO, Maria Amélia Santoro. A construção da didática no gt Didática – análise de seus referenciais. **Revista Brasileira de educação**, v. 18, n. 52, 2013, p. 143-162.

PEREIRA, Diamantino. Geografia escolar: conteúdos e/ou objetivos? **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v.1, n.17, p. 139-151, 1995.

PEREIRA, Meira Chaves. educação e didática em Comenius. **Revista de Formación e Innovación Educativa Universitaria**. v. 9, n. 2, 2016, p.104-115.

PORTUGAL, Jussara Fraga; MEIRELES, Mariana Martins de. Geografia acadêmica e Geografia escolar: as implicações da formação docente na articulação entre teoria e prática no espaço da sala de aula. In.: **XI SEMOC- Semana de Mobilização Científica: Agenda 21 mobilização pela vida Anais...**Salvador: UCSAL, p. 01- 06, 2008.

PUNTEL, Geovane Aparecida. A Paisagem no ensino de Geografia. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1,2007, p. 283-298.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo (SP): Ática, 1983.

RISSO, Luciene Cristina. Paisagens e cultura: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 67-76, 2008.

RIBERIO, Laula Lopes. Literatura e sociedade: a música de Délio e Delinha. **Revista Philologus**, v, 20, n. 60, 2014, p. 1432-1446.

ROCHA, Arléto Pereira. **Os caminhos de Peabiru: história e memória**. Dissertação (mestrado em história) apresentada ao Programa de PósGraduação em História do Departamento de História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ- UEM, Maringá, 2017, 129 p.

ROSA, Teresa; GOMES, Patrícia. Os estudos menores e as Reformas Pombalinas. **Interações**. n. 28, p. 40- 54, 2014.

RODRIGUES, Kelly. O conceito de Lugar: a aproximação da Geografia com o indivíduo. In.: **XI- Encontro Nacional da ANPEGE- A diversidade da Geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação**. Anais.. Presidente Prudente: ANPEGE, p. 5036- 5047, 2015.

SALIS, Suzana Maria; Mattos, Patrícia Povoá. Floração e Frutificação da Bocaiúva (*Acrocomia aculeata*) e do Carandá (*Copernicia alba*) no Pantanal. **Comunicado Técnico**, n.78, 2009, p. 01 – 06;

SANT'ANA, Diego André; Oliveira, Marcelo Silva; DORSA, Arlinda Canteiro. A cultura do tereré sul-mato-grossense e o desenvolvimento local. In: **Proceedings of the International Congress on Interdisciplinarity in Social and Human Sciences**, JESUS, Saul Neves; PINTO, Patrícia (org). CIEO – Research Centre for Spatial and Organizational Dynamics University of Algarve, 2016.

SANTOS, Eva Teixeira; JÓIA, Paulo Roberto; ANUNCIACÃO, Vicentina Socorro da. Narrativas Geográficas de um Processo Participativo para o Desenvolvimento da Formação de Professor em Territórios Étnicos. In: CATANANTE, Bartolina Ramalho; PAIXÃO, Roberto Ortiz; SILVA, Walter Guedes. (Org.). **Saberes e fazeres educacionais: reflexões e experiências em torno da formação de professores, diversidade e organização do trabalho didático**. Dourados: Seriema, 2016, p. 129-148

SANTOS, Adriana Regina de Jesus; CASALI, Alipio Marcio Dias. Currículo e educação: origens, tendências e perspectivas na sociedade contemporânea. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v.12, n.2, p. 207-231, 2009.

SANTOS, Anderson Felipe Leite; REINALDO, Lédiam Rodrigues Lopes Ramos. Ressignificando o ensino de Geografia através de práticas de solo. **Geografia**, v. 45, n. 1, p. 117-139, 2020.

SATER, Almir. **Trem do Pantanal**. 1982. Disponível em < <https://www.lettras.mus.br/almir-sater/44084/>> Acesso em, 15 jul. 2023.

SATER, Almir. **Comitiva Esperança**. 1991. Disponível em < <https://www.lettras.mus.br/almir-sater/44077/>> Acesso em, 15 jul. 2023.

SATER, Almir. **Tocando em Frente**. 1992. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/almir-sater/44082/> Acesso em, 15 jul. 2023.

SATER, Almir; SIMÕES, Paulo. **Serra de Maracaju**. São Paulo: Velas, 2007

SATER, Almir. **Peabiru**. 2022. Disponível em <<https://www.cifraclub.com.br/almir-sater/peabiru/>> Acesso em, 18 jun 2023.

SAUER, Carl. **A morfologia da Paisagem**. Tradução: Gabrielle Corrêa Braga. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998.

SAVIANI, Demerval. Educação Escolar, Currículo e Sociedade: o problema da Base Nacional Comum Curricular. **Movimento Revista de educação**. v.3, n.4, p. 54-84, 2016.

SAVIANI, Demerval. Ciência e educação na sociedade contemporânea: desafios a partir da pedagogia histórico-crítica. **Revista Faz Ciência**, Paraná, v.12, n.16, 2010, p. 13-36.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. Edição Comemorativa. Campinas: Ed. Autores Associados LTDA, 2008.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de Paisagem na Geografia. **Revista RA'EGA**, n. 7, 2003, p. 79-85.

SILVA, Célia Maria Onofre. Criança-professor-computador: possibilidades interativas e sociais na sala de aula. **Rev. Humanidades**, v. 21, n. 2, 2006, p. 151-163.

SILVA, Daiane Alencar; RAMIRES, Carlos Eduardo Dourado; SOUZA, Gabriela Ferreira; AMARAL NETO, Vitor José Ribeiro; MELLO JÚNIOR, Valdemir Pomerening. Prática e produção de materiais didáticos para o ensino de Geografia: uma proposta metodológica para o ensino escolar a partir da experiência no ensino acadêmico. **Revista ensino de Geografia (Recife)**, v. 3, n. 1, 2020, p. 241- 258.

SILVA, Eduardo Soares; Melo, Josandra Araújo Barreto. O currículo e a Geografia no Brasil após o Regime Militar até o final do século XX. In: **XIX Encontro Nacional de Geógrafos: Pensar e fazer a Geografia brasileira no século XXI: Escala, conflitos socioespaciais e crise estrutural na nova geopolítica mundial**. 2018, Paraíba.

SILVA, Marco Antônio. A Fetichização do livro didático no Brasil. **Educ. Real.**, v. 37, n. 3, 2012, p. 803-821.

SILVA, Jeane Medeiros. **A bibliografia didática em Geografia: história e pensamento do ensino geográfico no Brasil (1814-1930...)**. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geografia. Uberlândia/MG, p. 414, 2012.

SOUZA, Célia Alves; LANI, João Luiz; SOUSA, Juberto Babilônia. Origem e evolução do pantanal mato-grossense. **VI Simpósio Nacional de Geomorfologia – Geomorfologia Tropical e Subtropical: processos, métodos e técnicas**. Goiânia – GO, 2006.

SILVA JÚNIOR, Renato Jales Silva. Hegemonia e ensino de História: algumas considerações sobre o Mato Grosso do Sul. **Revista História Hoje**, v. 8, n. 16, 2019, p. 10-28.

SOUZA, Ana Hilda Carvalho; LIMA, Alexandrina Maria de Andrade; MELLO, Marcos Aurélio; OLIVEIRA, Elialdo Rodrigues. A relação dos indígenas com a natureza como

contribuição à sustentabilidade ambiental: uma revisão da literatura. **Revista destaques acadêmicos**, v. 7, n. 2, p. 88-95, 2015.

TANGARÁ E ZÉ VIOLA. **Ainda resta uma esperança**. 2003. Disponível em <<https://youtu.be/E7jkaFojitg>> Acesso em, 21 jun. 2023.

TAVARES, Romero. Aprendizagem Significativa. **Conceitos**. Paraíba, v.10, n.55, 2014, p. 55-60.

TEIXEIRA, Marlei. **Manifestação do sagrado no Forte Coimbra**: identidades política, militar e religiosa na territorialidade de fronteira. Dissertação (em Desenvolvimento Local) pela Universidade Católica Dom Bosco -centro de pesquisa e pós-graduação e extensão programa de pós-graduação em desenvolvimento local – mestrado acadêmico. Mato Grosso do Sul, UCDB, 2005, 88 p.

TETILA, Everton Castelão; TETILA, José Laerte Cecílio; PISTORI, Hemerson; SILVA, Maria Angélica Biroli Ferreira. Desafios do modelo de desenvolvimento agrícola do estado de Mato Grosso do Sul: uma proposta para o desenvolvimento sustentável. **Interações**, v. 21, n. 3, 2020, p. 615-632.

TREVELIN, Cesar Claro; MANOEL, Pedro Sartori; DAMASCENO JÚNIOR, Geraldo Alves GUIMARÃES, Elza. Hidrologia. In: GUIMARÃES, Elza; TREVELIN, Cesar Claro; MANOEL, Pedro Sartori (org). **Pantanal**: Paisagens, flora e fauna. 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen Villela Rosa; BARTHOLO JÚNIOR, Roberto dos Santos. O professor e o ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, 2005, p. 689-698.

URIARTE. Mônica Zewe. Música e escola: um diálogo com a diversidade. **Educar**, n. 24, 2004, p.245-258.

VASCONCELOS. Teresa. A importância da educação na construção da cidadania. **Saber (e) Educar**: n.12, 2007. p. 109-117.

VERDE, Eudóximo Soares Lima. **Didática e seu objeto de estudo**. Teresina: EDUFPI, 2018, 253p.

VIEIRA, Carlos Magno Naglis; NASCIMENTO, Adir Casaro; URQUIZA, Antonio Hilário Aguilera. Educação e interculturalidade: a escola urbana e os povos indígenas do Mato Grosso do Sul. In: GRANDO, Beleni Saléte; PASSOS, Luiz Augusto (org). **O eu e o outro na escola**: Contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola. Cuiabá – MT: UFMT, 2010.

WAZLAWICK, Patrícia; CAMARGO, Denise; MAHEIRIE, Kátia. Significados e sentidos da música: uma breve “composição” a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 12, n. 1, p. 105-113, 2007.

ZANCAN, Silvana; SPAGNOLO, Carla. Educação brasileira do século XXI: impasses e desafios da profissão docente. **Revista Espaço Acadêmico**, Paraná, v.12, n.136, 2012, p. 87-94.

ANEXOS

Apêndice A - Caderno Geográfico

Caderno Geográfico



A música no ensino de Geografia: as paisagens sul-matogrossenses em sala de aula



Prof. Me. Valdemir Pomerening de Mello Júnior
Prof.Dr. Rafael Oliveira Fonseca



Campo Grande – MS, 2023



Sobre os autores:


Valdemir Pomerening de Mello Júnior:

Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Pós graduado em Tecnologias digitais aplicadas a Educação, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Mestrando pelo programa de mestrados profissionais em Educação, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, unidade Campo Grande.

Atualmente é técnico da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul - SED/MS.

Rafael Oliveira Fonseca:

Doutor, Mestre, Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade de São Paulo (PPGH/DG/FFLCH/USP). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande, nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Geografia, Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (Profeduc/UEMS) e membro dos grupos de pesquisas GEFRONTTER - Grupo de Estudos em Fronteira, Turismo e Território (CNPq) e GPLAN - Planejamento e Gestão Ambiental (CNPq).





APRESENTAÇÃO

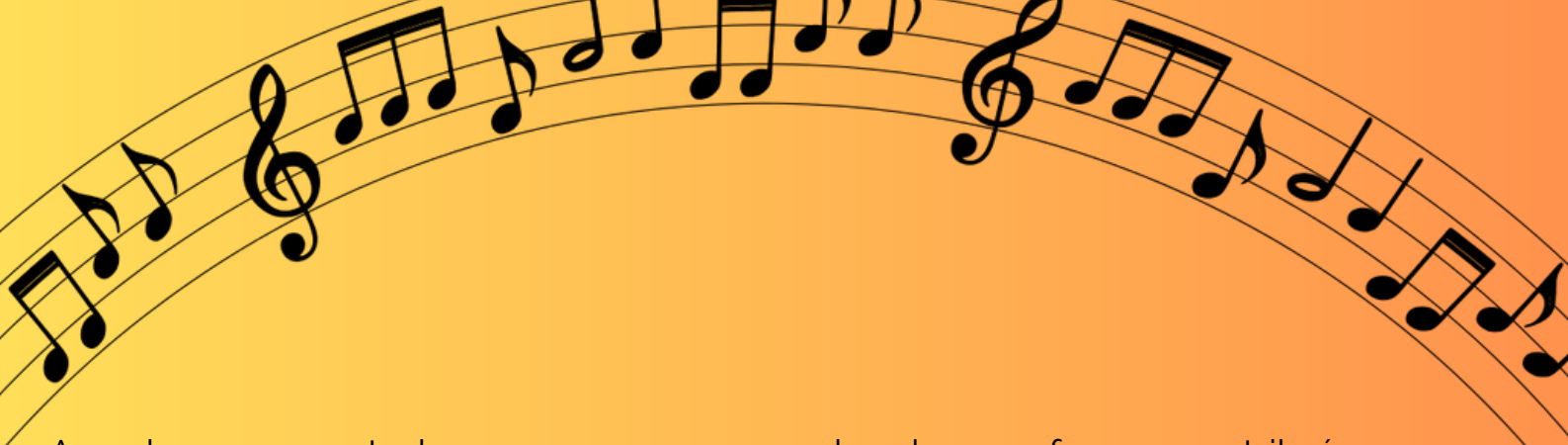
A educação, segue como ponto central em vários estudos e discussões ao longo do tempo. No processo histórico de sua evolução apresentou diversas faces, sempre refletindo as tendências vigentes de cada sociedade.

No caso específico da Geografia, a vislumbramos no âmbito escolar na forma como ela é hoje, reflexo de um passado evolutivo, que crivado pelos diferentes detalhes e contextos que a moldaram nesse espaço - tempo.

Um componente curricular, que se apresenta em suma, como alicerce transformador na sociedade, na releitura do mundo, na aproximação entre os aspectos físicos naturais e a ação antrópica. Diante disso, esta cartilha tem como objetivo apresentar músicas que trazem consigo aspectos da paisagem natural e cultural de Mato Grosso do Sul, além de, sugestões de sequências didáticas para serem trabalhadas em sala de aula.

Vale destacar que a utilização da música como prática pedagógica se dá pelo fato dela despertar a criatividade, as formas de expressão, o trabalho coletivo com os estudantes.

Esta cartilha surgiu como produto final da dissertação elaborada pelo autor Valdemir P. de Mello Júnior, pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, orientado pelo prof. Dr. Rafael Oliveira Fonseca.



Agradecemos a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para materialização desse produto. Em especial, a bolsa de fomento do Programa Institucional de Bolsas aos Alunos De Pós-Graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - PIBAP/UEMS

MELLO JÚNIOR, Valdemir Pomerening. **A música no ensino de Geografia:** as paisagens sul-mato-grossenses em sala de aula. Dissertação (em Educação) pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação - UEMS. Campo Grande, 2023.

Pelo autor:
Valdemir P. de Mello Júnior






Organização da cartilha

Esse cartilha está organizada da seguinte maneira:

- Modelo de plano de aula, na qual é explicado cada um dos itens dispostos nele.
- Qr code para uma playlist com as músicas analisadas neste material, além de outras faixas que podem ser de auxílio para o professor.
- Observações gerais.

Sobre a análise das músicas:

- Primeiro, apresentamos a letra da música.
 - Segundo, a análise da mesma.
 - Terceiro, os planos de aula (ressaltando que os planos de aulas estão de maneira isolada, mas compõem uma sequência didática).
- 

A decorative border of a musical staff with various notes and treble clefs curves around the top and bottom of the page. The background is a gradient of orange and yellow.

O modelo de plano de aula

Série: Diz respeito ao ano escolar (6º, 7º, 8º...)

Hora aula: Tempo de duração da aula.

Habilidade: “Expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares.” (BRASIL, 2017, p. 29)

Objeto de conhecimento: “Aqui entendidos como conteúdos, conceitos e processos.” (BRASIL, 2017, p. 28)

Tema de conteúdo: Conteúdo específico baseado na habilidade e objeto de conhecimento escolhido.

Recursos didáticos: Materiais que auxiliam o professor em sala de aula, como, caixas de som, lousa, pincel, recursos digitais, entre outros.

Metodologia: O passo a passo que o professor irá seguir em sala de aula, os caminhos que irá percorrer durante o desenvolvimento da aula.

Avaliação: Os instrumentos pelo qual o professor irá avaliar o aluno.

Temas contemporâneos: Temas transversais que o professor pode utilizar em sala de aula.

Plano de aula comentado: Comentários sobre o desenvolvimento do plano de aula.

Playlist "Paisagens sul-mato-grossenses"



É importante destacar que o Spotify é um aplicativo de música privado e o link que fornecemos é uma ferramenta oficial disponibilizada pela plataforma. Portanto, todos os direitos estão reservados exclusivamente ao Spotify.

Utilizando o aplicativo Spotify, escaneie o código ao lado, para ser direcionado a playlist "Paisagens Sul-mato-Grossenses". Para isso, abra seu aplicativo, no centro inferior, busque o ícone da Lupa. Feito isso, no canto superior direito, localize o ícone de uma máquina fotográfica, clique nela, e aponte para o código ao lado. Pronto! Agora você terá acesso as músicas.

Essa playlist contém as músicas analisadas neste material, além de outras faixas que podem ser de auxílio para o professor.



Observações gerais

- As músicas aqui analisadas são composições de artistas reais, devidamente referenciados em cada análise.
- Para cada música analisada, teremos uma Sequência Didática, com dois ou mais planos de aula.
- As análises completas podem ser visitadas na referência: MELLO JÚNIOR, Valdemir Pomerening. **A música no ensino de Geografia: as paisagens sul-mato-grossenses em sala de aula.** Dissertação (em educação) pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação - UEMS. Campo Grande, 2023.
- Ressaltamos que as sequências didáticas aqui propostas são sugestões, podendo ser adaptadas conforme as diferentes realidades.

A decorative border at the top and bottom of the page features a musical staff with a treble clef and various notes, including eighth and sixteenth notes, set against a light orange background.

Hino de Mato Grosso do Sul

**Letra : Jorge Antonio Siufi
Otávio Gonçalves Gomes
Melodia: Radamés Gnattali**

Os celeiros de farturas,
Sob um céu de puro azul,
Reforjaram em Mato Grosso do Sul
Uma gente audaz.

Moldurados pelas serras,
Campos grandes: Vacaria,
Rememoram desbravadores,
Heróis, tanta galhardia!

Tuas matas e teus campos,
O esplendor do Pantanal,
E teus rios são tão ricos
Que não há igual.

Vespasiano, Camisão
E o tenente Antônio João,
Guaicurus, Ricardo Franco,
Glória e tradição!

A pujança e a grandeza
de fertilidades mil,
São o orgulho e a certeza
Do futuro do Brasil.

A pujança e a grandeza
de fertilidades mil,
São o orgulho e a certeza
Do futuro do Brasil.



Análise

Identificamos duas características principais para as paisagens descritas no Hino de Mato Grosso do Sul: no primeiro cenário, as paisagens naturais, descritas pelos assuntos relacionados ao Pantanal, já no segundo, formações geomorfológicas do estado e a produtividade dos solos.

Sobre as paisagens culturais, marcadas pelo contexto de “heroís do estado” e também os povos tradicionais, nesse caso, mais especificamente os indígenas Guaicurus.



Plano de aula - 01

Série:

6° ano.

Hora aula:

50 min

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, caderno de aula, data-show, caixa de som.

Habilidade:

(MS.EF06GE04.s.08) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal.

Temas contemporâneos:

Educação Ambiental.

Objeto de conhecimento:

Relações entre os componentes físico-naturais.

Tema de conteúdo:

Ciclo hidrológico.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes..

Metodologia:

1° passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2° passo: Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a música aos alunos, que irão escutá-la e simultaneamente será transmitido em um data show a letra do Hino de Mato Grosso do Sul.

3° passo: De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.

4° passo: Os alunos irão em seu diário de bordo, descrever trechos do Hino no qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.

5° passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado:

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática, a sugestão é que seja realizado a análise do Hino de Mato Grosso do Sul com os estudantes, para identificar e averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição dessas paisagens.

Plano de aula - 02

Série:

6º ano.

Hora aula:

50 min

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, folha sulfite, lápis de escrever e lápis de colorir.

Habilidade:

(MS.EF06GE04.s.08) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal.

Temas contemporâneos:

Educação Ambiental.

Objeto de conhecimento:

Relações entre os componentes físico-naturais.

Tema de conteúdo:

Ciclo hidrológico.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: A partir da análise do Hino de MS, focado no trecho "Tuas matas e teus campos, o esplendor do Pantanal E teus rios são tão ricos, que não há igual" de maneira expositiva dialogada, abordar sobre o ciclo hidrológico, utilizando as bacias hidrográficas Mato Grosso do Sul (Bacia do Paraguai e Paraná) como base, além de explicitar elementos hídricos singulares do Pantanal.

3º passo: Explicar a atividade que consiste em: A partir do 3º passo, mediante o que foi discutido com os estudantes, propor que eles produzam ilustrações sobre o ciclo hidrológico.

4º passo: Os alunos irão produzir as ilustrações baseadas na discussão sobre o ciclo hidrológico, de forma que, utilizarão a folha sulfite os lápis de escrever e colorir.

5º passo: Propor um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula, além de entregarem as ilustrações feitas ao professor.

Plano de aula comentado:

Utilizando como ponto de partida a Habilidade (MS.EF06GE04.s.08) do Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul voltada para o 6º ano, que direciona o aluno a descrever o ciclo hidrológico, compreendendo todas as suas dinâmicas, sugerimos que o professor utilize como exemplo as bacias hidrográficas de Mato Grosso do Sul (Bacia do Paraguai e Paraná), além de explicitar elementos hídricos do Pantanal.

A decorative border of a musical staff with black notes and treble clefs curves across the top and bottom of the page. The background is a gradient from light yellow at the top to orange at the bottom.

CAPITAL DO CHAMAMÉ

Autor: Maciel Correa; Intérprete: Maciel Correa

Campo grande, cidade morena, capital do chamamé
nas noitadas de fandango também roda o tereré
a moçada no sarandeio vão saltando e batendo o pé
roda roda mocidade no embalo no chamamé
roda roda mocidade no embalo do chamamé

Obrigado garotada pela sua presença constante
de chapéu, bota e berrante
e as prendinhas sempre elegante
pra você que não conhece venha ver como é que é
a moçada no sarandeio vão saltando e batendo o pé
a moçada no sarandeio vão saltando e batendo o pé

Ao meu Mato Grosso do Sul muito tenho a agradecer
radialistas e aos jornais também
falo nas TVs nas estradas vou percorrendo com deus e muita fé
roda roda mocidade no embalo do chamamé
roda roda mocidade no embalo do chamamé



Análise

Na música "Capital do Chamamé", verificamos uma descrição da paisagem cultural de Mato Grosso do Sul, contemplando itens da cultura imaterial do estado, como o tereré, bebida típica sul-mato-grossense, além de manifestações artísticas, nesse caso, o chamamé (ritmo musical), sarandeio (tipo de dança), e também o fandango, conhecido como festa ou "baile".

Temos ainda referências às vestimentas sul-mato-grossenses, o chapéu e a bota, muito utilizadas pelos moradores campestres, além do berrante: instrumento utilizado para tocar a boiada.

Dessa forma, é a exposição do pertencimento ao território a partir de elementos enraizados na cultura, que muitas vezes passam de geração em geração.



Plano de aula - 01

Série:

8° ano.

Hora aula:

50 min

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, caderno de aula, data-show, caixa de som.

Habilidade:

(MS.EF08GE02.s.02) Relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Objeto de conhecimento:

Relações entre os componentes físico-naturais.

Tema de conteúdo:

A cultura individual e coletiva

Metodologia:

- 1º passo:** Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.
- 2º passo:** Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a música aos alunos, que irão escutá-la e simultaneamente será transmitido em um data show a letra da música "Capital do Chamamé";
- 3º passo:** De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.
- 4º passo:** Os alunos irão em seu diário de bordo, descrever trechos do Hino no qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.
- 5º passo:** Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado:

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática, a sugestão é que seja realizado a análise da música "Capital do Chamamé" com os estudantes, para identificar e averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição dessas paisagens.

Plano de aula - 02

Série:

8º ano.

Hora aula:

50 min

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, folha sulfite, lápis de escrever e lápis de colorir.

Habilidade:

(MS.EF08GE02.s.02) Relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial.

Temas contemporâneos:

Educação Ambiental.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Objeto de conhecimento:

Relações entre os componentes físico-naturais.

Tema de conteúdo:

Ciclo hidrológico.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Com base na análise da música da aula passada, o professor irá focar no trecho "Nas noitadas de fandango também roda o tereré / a moçada no sarandeio vão saltando e batendo o pé". Ele irá trabalhar o conceito de cultura, nesse caso dando exemplos da cultura imaterial de Mato Grosso do Sul.

3º passo: O professor irá escrever tópicos específicos na lousa, entre eles, "tereré", "sarandeio", "fandango" e "chamamé" e solicitar aos alunos para que expressem sobre os conhecimentos prévios que possuem acerca dessas palavras.

4º passo: O professor irá realizar um bate papo explicando quanto a esses conceitos.

5º passo: Será também direcionado uma atividade para casa: Os estudantes irão entrevistar familiares/amigos buscando saber a origem daquela pessoa - de onde vem seus descendentes? Qual cultura eles trazem consigo que não é de Mato Grosso do Sul?

6º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado:

Para essa aula o professor irá focar em elementos característicos da cultura sul-mato-grossense, com objetivo de explorar o conceito de diversidade e migrações, tendo em vista que os signos culturais do estado, são influência de outras regiões.

Nessa mesma ideia, a atividade proposta, convida os alunos que busquem compreender suas origens, reforçando que muitos habitantes do estado vem de outras localidades, com isso, trazem consigo aspectos culturais diferenciados.

Plano de aula - 03

Série:

8º ano.

Hora aula:

50 min

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, folha sulfite, lápis de escrever e lápis de colorir.

Habilidade:

(MS.EF08GE02.s.02) Relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial.

Temas contemporâneos:

Educação Ambiental.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Objeto de conhecimento:

Relações entre os componentes físico-naturais.

Tema de conteúdo:

Ciclo hidrológico.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Conforme os grupos divididos na última aula, o professor irá levar os alunos para a aula de campo. Os estudantes utilizarão lápis e caderno para realizarem as anotações.

3º passo: O passeio será em locais específicos da escola, onde cada grupo irá fazer anotações descrevendo a paisagem que viram.

4º passo: Os estudantes irão retornar para a sala de aula na qual será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado:

Esta aula é a culminância da apresentação das pesquisas realizadas. É um momento para propiciar espaços de diálogo com os estudantes, além de, organizar e reforçar o conteúdo a ser trabalhado.

Serra de Maracaju

Almir Sater

Lembro de um velho índio contando histórias

De glórias e tragédias que não vivi
Quando das estrelas vieram deuses

E seus sinais estão por aí
Depois de um certo tempo eles foram embora

Deixando para trás um povo feliz
Mas os portugueses e os espanhóis
Invadiram a terra dos Guaranis

Então vieram os bandeirantes
E os retirantes lá das Gerais
Por muito tempo não houve paz
Sofreu demais quem te ama
Bela Serra de Maracajú

Seus mistérios quero traduzir
Descobrir as lendas e memórias
De cada légua que te percorri

Descobrir as lendas e memórias
De cada légua que te percorri

Eu cheguei aqui com os meus próprios pés
E hoje tenho minha raiz
Dos antigos lados de
Toco um chamamés que eu mesmo fiz

De hoje em diante somos iguais
Quem de nossa terra te chama
Bela Serra de Maracajú

Eu cheguei aqui com os meus próprios pés

E hoje tenho minha raiz
Dos antigos lados de Xaraés
Toco um chamamés que eu mesmo fiz

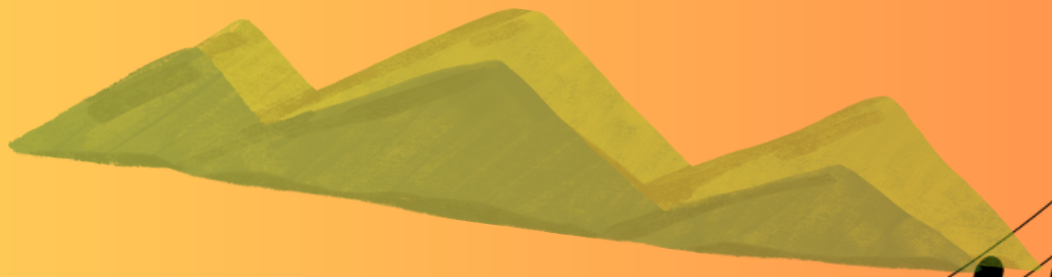
De hoje em diante somos iguais
Quem de nossa terra te chama
Bela Serra de Maracajú

Seus mistérios quero traduzir
Descobrir as lendas e memórias
De cada légua que te percorri
Descobrir as lendas e memórias
De cada légua que te percorri.

Análise

Na análise da obra, verificamos de maneira mais acentuada a descrição de uma paisagem marcada pela estrutura geológica da Serra de Maracaju (paisagem natural), e uma paisagem cultural, principalmente pelos mitos e crenças indígenas reproduzidos principalmente pela oralidade, além de um passado colonial que trouxe profundas mudanças em terras sul-mato-grossenses.

É a identidade territorial (re)criada pelos sujeitos em análise, de um lado, tribos indígenas que visualizam a terra e a natureza como morada e parte contínua da vida, por outros, colonizadores, que viam na terra forma de acumulação de capital, sem um significado real e próximo.



Plano de aula - 01

Série:
7º ano.

Recursos didáticos:
Lousa, pincel, caderno de aula, data-show, caixa de som.

Habilidade:
(MS.EF07GE03.s.05) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.

Temas contemporâneos:
Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural.

Avaliação:
Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Hora aula:
50 min

Objeto de conhecimento:
Formação territorial do Brasil

Tema de conteúdo:
Saberes e tradições dos povos tradicionais de Mato Grosso do Sul.

Metodologia:

- 1º passo:** Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.
- 2º passo:** Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a música aos alunos, que irão escutá-la e simultaneamente será transmitido em um data show a letra da música "Serra de Maracaju";
- 3º passo:** De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.
- 4º passo:** Os alunos irão em seu diário de bordo, descrever trechos do Hino no qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.
- 5º passo:** Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado:

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática, a sugestão é que seja realizado a análise da música "Serra de Maracaju" com os estudantes, para identificar e averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição dessas paisagens.

Plano de aula - 02

Série:
7º ano.

Recursos didáticos:
Sala de informática, computador, internet, lápis e diário de bordo.

Habilidade:
(MS.EF07GE03.s.05) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.

Temas contemporâneos:
Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural.

Avaliação:
Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Hora aula:
50 min

Objeto de conhecimento:
Formação territorial do Brasil

Tema de conteúdo:
Saberes e tradições dos povos tradicionais de Mato Grosso do Sul.

Metodologia:

- 1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.
- 2º passo: Os alunos irão utilizar a sala de tecnologia para realização de pesquisa.
- 3º passo: O professor irá explicar o tema de pesquisa baseado no trecho "Lembro de um velho índio contando histórias/ De glórias e tragédias que não vivi/ Quando das estrelas vieram deuses/ E seus sinais estão por aí/ Depois de um certo tempo eles foram embora/ Deixando para trás um povo feliz", onde os alunos irão pesquisar, utilizando os computadores com acesso a internet, sobre saberes e tradições de tribos indígenas sul-mato-grossenses.
- 4º passo: Os alunos irão registrar no caderno as informações com base em suas pesquisas.
- 5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado:

Para esse plano de aula, o professor através da pesquisa na internet, fomenta a autonomia do estudante, direcionando para que ele trilhe seus caminhos e desenvolva seu protagonismo. O registro no caderno reforça a interpretação e escrita dos alunos, considerando a faixa etária deles.

Além de um momento de finalização com os estudantes para trabalhar o diálogo, para exporem comentários e/ou dúvidas.

Plano de aula - 03

Série:
7º ano.

Recursos didáticos:
Lápis e diário de bordo..

Habilidade:

(MS.EF07GE03.s.05) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Hora aula:
50 min

Objeto de conhecimento:
Formação territorial do Brasil

Tema de conteúdo:
Saberes e tradições dos povos tradicionais de Mato Grosso do Sul.

Metodologia:

- 1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.
- 2º passo: O professor irá retomar com os estudantes os conceitos trabalhados nas últimas aulas.
- 3º passo: O professor irá solicitar voluntários entre os estudantes para que apresentem suas pesquisas realizadas nas aulas anteriores.
- 4º passo: Baseado no exposto pelos estudantes, o professor irá reforçar e trabalhar o conteúdo proposto para a aula (Saberes e tradições dos povos tradicionais de Mato Grosso do Sul).
- 5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado:

Para esse plano de aula, o professor irá trabalhar junto com os alunos a exposição das pesquisas que eles realizaram. Baseado no que eles forem explanando, o professor irá complementando. Destacamos que para essa ação, o professor deixe os alunos à vontade para participar, para não ficar algo "forçado", podendo ir apresentando aos poucos o conteúdo, para incentivar para que eles participem. Para o final, propiciar um momento de finalização com os estudantes para trabalhar o diálogo, para exporem comentários e/ou dúvidas.



Vaca Tucura, boi pantaneiro.

Grupo Acaba


Grande curral / Cerca de
carandá / águas profundas
Cheiro de lodo / pedaço de
chão / terra molhada

É o boi que passa / que berra,
que muge
Que nasce que cresce / que
vive que morre
Que puxa carreta / move o
engenho
Faz da garapa / sair o melado
É vaca tucura / é o boi
pantaneiro

Eta! boizinho safado
Pintado e encantado
Em telas e versos
Amarrado no tronco
Horizonte perdido

Grande curral / Cerca de carandá
/ águas profundas
Cheiro de lodo / pedaço de chão
/ terra molhada

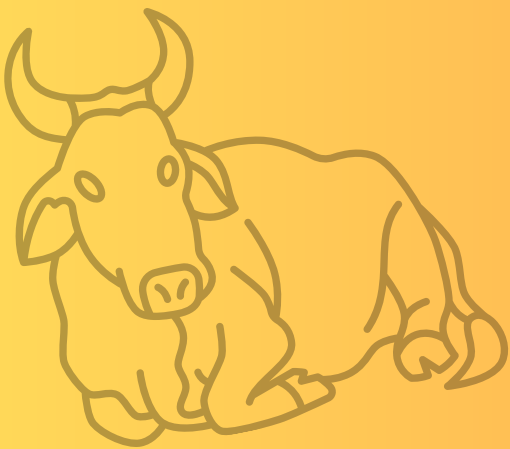
Um rebanho assustado / Olhando
de lado
Bate no chão / levanta poeira
Desfazendo o cheiro / sangue
vermelho
Do boi que morrera / tem couro
no sol
Sanfona e viola / a cama vazia
O peão que grita / boiada que
passa
É o berrante tocando / é o boi que
caminha
Nesta terra molhada



Análise

Na análise da obra, identificamos uma paisagem natural visualizada sobre a perspectiva do Pantanal, de seus períodos de cheia, de sua fauna e flora, e como ela afeta a vida dos seres humanos ligados à paisagem cultural moldando sua forma de viver a partir da própria natureza.

São características que fazem parte do cotidiano do pantaneiro, da sua forma de levar e lidar com a vida, com os elementos que a compõem. O som do berrante, as vestimentas, os objetos que ele carrega, muito além do trabalho, formas de apresentar sua cultura.



Plano de aula - 01

Série:

6° ano.

Habilidade:

((MS.EF06GE00.n.01) Conhecer a importância da ciência geográfica a partir dos conceitos (espaço, lugar, paisagem, região, território).

Hora aula:

50 min

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, caderno de aula, data-show, caixa de som.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural.

Tema de conteúdo.

Conhecendo os conceitos geográficos: Paisagem.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Objeto de conhecimento:

Formação territorial do Brasil

Metodologia:

- 1º passo:** Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.
- 2º passo:** Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a música aos alunos, que irão escutá-la. e simultaneamente será transmitido em um data show a letra da música "Vaca tucura, boi pantaneiro";
- 3º passo:** De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.
- 4º passo:** Os alunos irão em seu diário de bordo, descrever trechos do Hino no qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.
- 5º passo:** Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática a sugestão é que seja realizado a análise da música "Vaca tucura, boi pantaneiro" com os estudantes, para identificar e averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição dessas paisagens.

Plano de aula - 02

Série:

6º ano.

Habilidade:

((MS.EF06GE00.n.01) Conhecer a importância da ciência geográfica a partir dos conceitos (espaço, lugar, paisagem, região, território).

Hora aula:

50 min

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, diário de bordo e lápis.

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural.

Tema de conteúdo.

Conhecendo os conceitos geográficos: Paisagem.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Objeto de conhecimento:

Formação territorial do Brasil

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Retomando os assuntos da aula anterior e focado no trecho "Grande curral, cerca de carandá/ águas profundas/ Cheiro de lodo / pedaço de chão / terra molhada", o professor irá trabalhar o conceito introdutório de paisagem. Ele irá escrever o trecho em destaque na lousa.

3º passo: Irá solicitar aos alunos que leiam a frase e escrevam em seu caderno as sensações que conseguem imaginar baseado no texto escrito na lousa.

4º passo: O professor irá realizar um bate papo explicando o conceito de paisagem aos alunos.

5º passo: Os alunos serão divididos em grupos, pensando na próxima aula, que consistirá em um trabalho de campo pela escola, identificando as paisagens escolares.

6º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado:

Este plano de aula tem como objetivo introduzir o conceito de paisagem. Para isso o professor irá trabalhar um trecho da música que retrata uma das paisagens naturais do Pantanal, solicitando aos alunos que descrevam o que sentiram ao ler aquele trecho. Posteriormente o professor irá introduzir o conteúdo específico.

Plano de aula - 03

Série:

6° ano.

Habilidade:

((MS.EF06GE00.n.01) Conhecer a importância da ciência geográfica a partir dos conceitos (espaço, lugar, paisagem, região, território).

Hora aula:

50 min

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, diário de bordo, lápis de escrever..

Temas contemporâneos:

Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural.

Tema de conteúdo.

Conhecendo os conceitos geográficos: Paisagem.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Objeto de conhecimento:

Formação territorial do Brasil

Metodologia:

1° passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2° passo: Retomando os assuntos da aula anterior e focado no trecho "Grande curral, cerca de carandá/ águas profundas/ Cheiro de lodo / pedaço de chão / terra molhada", o professor irá trabalhar o conceito introdutório de paisagem. Ele irá escrever o trecho em destaque na lousa.

3° passo: Irá solicitar aos alunos que leiam a frase e escrevam em seu caderno as sensações que conseguem imaginar baseado no texto escrito na lousa.

4° passo: O professor irá realizar um bate papo explicando o conceito de paisagem aos alunos.

5° passo: Os alunos serão divididos em grupos, pensando na próxima aula, que consistirá em um trabalho de campo pela escola, identificando as paisagens escolares.

6° passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado:

Este plano de aula tem como objetivo introduzir o conceito de paisagem. Para isso o professor irá trabalhar um trecho da música que retrata uma das paisagens naturais do Pantanal, solicitando aos alunos que descrevam o que sentiram ao ler aquele trecho. Posteriormente o professor irá introduzir o conteúdo específico.



Peabiru

Almir Sater

Quem souber, podia me dizer
Onde é que nosso ouro foi
Pau-Brasil faz tempo que sumiu
Dessa terra tão abençoada
Que entrou em outra jogada
E hoje é tudo soja, milho e boi


Quem souber podia me dizer
Como é que eu faço pra pegar
A velha estrada do Peabiru
Que vem lá de Santa Catarina,
Paraná
Paraguai acima, e atravessa a
América do Sul

Na promessa de um Eldorado
Vinham almas aventureiras
Sempre a procurar horizontes
Venceram até cordilheiras
E o Pacífico era azul

Quem souber podia me dizer
Onde é que a gente se meteu
Nessa imensa faixa de fronteira
Cujo o nome é terra de ninguém
Onde reina e manda qualquer um
Onde o rei pode ser um fora da lei

Quem souber podia me dizer
D'onde é que veio esse som
Tá com jeito meio do Altiplano
Onde o povo segue celebrando
O Sol, a Lua e tudo que é profano
No tango, charango, viola e chamamé

Na promessa de um Eldorado
Vinham almas aventureiras
Sempre a procurar horizontes
Venceram até cordilheiras
E o Pacífico era azul



Análise

Verificamos na obra o retrato de uma paisagem cultural alicerçada principalmente nos contos do passado, com o Caminho do Peabiru, e através disso, as histórias que o cercam. Desde tradições e culturas dos povos tradicionais, até as transformações das paisagens naturais, como a exploração colonial, e posteriormente a substituição dessas práticas por outras.



Plano de aula - 01

Habilidade:

(MS.EF08GE01.s.01) Descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes.

Tema de conteúdo:

Rotas populacionais de migração.

Série:

8º ano

Hora aula:

50 min

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, caderno de aula, data-show, caixa de som.

Temas contemporâneos:

Educação em Direitos Humanos.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Objeto de conhecimento:

Distribuição da população mundial e deslocamentos populacionais.

Metodologia:

- 1º passo:** Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.
- 2º passo:** Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a música aos alunos, que irão escutá-la e simultaneamente será transmitido em um data show a letra da música "Peabiru";
- 3º passo:** De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.
- 4º passo:** Os alunos irão em seu diário de bordo, descrever trechos do Hino no qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.
- 5º passo:** Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática a sugestão é que seja realizado a análise da música "Peabiru" com os estudantes, para identificar e averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição dessas paisagens.

Plano de aula - 02

Habilidade:

(MS.EF08GE01.s.01) Descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes.

Tema de conteúdo:

Rotas populacionais de migração.

Série:

8º ano

Hora aula:

50 min

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, diário de bordo.

Temas contemporâneos:

Educação em Direitos Humanos.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Objeto de conhecimento:

Distribuição da população mundial e deslocamentos populacionais.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Baseado na música, o professor irá transcrever na lousa tópicos relacionados ao "Caminho de Peabiru".

3º passo: O professor irá fazer uma explicação sobre rotas populacionais tomando como base "Peabiru".

4º passo: Será solicitado aos alunos que formem grupos e pesquisem novos caminhos migratórios. O professor poderá indicar alguns, no caso, considerando o Mato Grosso do Sul como ponto principal, por exemplo a Rota Bioceânica. A partir de suas pesquisas eles irão elaborar e apresentar um teatro, como produto final.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado

Para essa aula o professor irá focar nas rotas populacionais de migração, tendo em vista os fluxos migratórios. Irá tomar Mato Grosso do Sul como ponto de referência, podendo utilizar a Rota Bioceânica como exemplo.

Plano de aula - 03, 04 e 05

Série:

8º ano

Hora aula:

50 min

Recursos didáticos:

Lousa e pincel.

Habilidade:

(MS.EF08GE01.s.01) Descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes.

Tema de conteúdo:

Rotas populacionais de migração.

Temas contemporâneos:

Educação em Direitos Humanos.

Objeto de conhecimento:

Distribuição da população mundial e deslocamentos populacionais.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Organizar a sala conforme os grupos.

3º passo: Apresentação da peça teatral, conforme sorteio.

4º passo: Baseado nas apresentações o professor poderá reforçar os conceitos que foram ali trabalhados pelo grupo.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado

O plano de aula de aula 03, 04 e 05, são contemplados em um só, que por sua vez fazem referência a continuação da sequência didática. Eles são similares pelo fato de trazerem a apresentação teatral dos grupos, com base na pesquisa que eles realizaram. Dessa forma, após esse momento, ao final da aula é feito um debate para finalizar, além de ser um espaço para o professor reforçar os pontos levantados nos trabalhos.

A decorative border of a musical staff with various notes and a treble clef, curving around the top and bottom of the page.

Cidades irmãs

Delio e Delinha

Quando se fala em bela cidade
Nunca se esquece aquela que nascera
Eu, por exemplo, falo em Campo Grande
Terra de amizade, terra hospitaleira.

Do meu estado falo das cidades
Pois as considero todas como irmãs
De Aquidauana, falo em Bela Vista
De Porto Murtinho e Ponta Porã.

De Três Lagoas, eu falo em Dourados
De Cuiabá, eu falo em Amambai
De Rio Verde, Coxim e Terenos
De Porto Esperança, do rio Paraguai.

Oi Mato Grosso
Chão abençoado que me fez crescer
Tem céu azulado que me viu nascer
Sob os teus cuidados sempre hei de viver.

Análise

Na análise da obra, visualizamos uma paisagem cultural, apresentada de maneira direta pela música, considerando a identidade territorial sul-mato-grossense descrita pela sensação de pertencimento e compreensão das cidades que compõem o Estado.

Compreender através de mapas e croquis como o Mato Grosso do Sul é representado, suas escalas e coordenadas e qual as relações que os diferentes pontos do estado possuem, em suas divergências e convergências, principalmente considerando a construção de uma identidade territorial.



Plano de aula - 01

Série:

6º ano

Habilidade:

(MS.EFo6GEo8.s.06) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas.

Hora aula:

50 min

Temas contemporâneos:

Cultura Digital

Tema de conteúdo:

Elementos de um

mapa

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, caderno de aula, data-show, caixa de som.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Objeto de conhecimento:

Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a música aos alunos, que irão escutá-la e simultaneamente será transmitido em um data show a letra da música "Cidades irmãs".

3º passo: De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.

4º passo: Os alunos irão em seu diário de bordo, descrever trechos da música, na qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática a sugestão é que seja realizado a análise da música "Cidades irmãs" com os estudantes, para identificar e averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição dessas paisagens.

Plano de aula - 02

Série:

6º ano

Habilidade:

(MS.EFo6GEo8.s.06) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas.

Hora aula:

50 min

Temas contemporâneos:

Cultura Digital

Tema de conteúdo:

Elementos de um

mapa

Recursos didáticos:

Data show e diário de bordo.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Objeto de conhecimento:

Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: O professor irá de maneira introdutória explicar os elementos que compõem um mapa, para tanto ele utilizará o data show para apresentar um mapa da região centro - oeste.

3º passo: Utilizando o trecho "Do meu estado falo das cidades/ Pois as considero todas como irmãs/ De Aquidauana, falo em Bela Vista/ De Porto Murtinho e Ponta Porã./ De Três Lagoas, eu falo em Dourados/ De Cuiabá, eu falo em Amambai/ De Rio Verde, Coxim e Terenos/ De Porto Esperança, do rio Paraguai", o professor irá apontar no mapa (utilizando um data - show) onde se localizam esses municípios, bem como, traçar as coordenadas e as rotas que a música descreve (por exemplo de Aquidauana a Bela vista).

4º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado

Nesta aula o professor irá utilizar um data show apresentando um mapa da região centro-oeste do Brasil. Esse mapa tem como finalidade apresentar os elementos de um mapa, utilizando principalmente as cidades citadas na música, como forma de trazer características do estado de Mato Grosso do Sul.

Plano de aula - 03

Série:

6º ano

Habilidade:

(MS.EFo6GEo8.s.06) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas.

Hora aula:

50 min

Temas contemporâneos:

Cultura Digital

Tema de**conteúdo:**

Elementos de um mapa

Recursos**didáticos:**

Folha sulfite, lápis de escrever e lápis de cor.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Objeto de conhecimento:

Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Recapitular com os estudantes, os conceitos trabalhados na aula anterior.

3º passo: Distribuir uma folha sulfite para cada um deles, e solicitar para que desenhem o trajeto de sua casa até a escola, como uma representação cartográfica.

4º passo: Após os estudantes terminarem as ilustrações, cada um deles irá colar seu desenho em um mural fixado na parede da sala. Esse mural pode ser chamado de "Mapas do nosso cotidiano", já que representa o caminho percorrido por eles para virem para a escola.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado

Para esta aula o professor irá trabalhar com ilustrações como forma de consolidar a habilidade proposta para a sequência didática. Utilizando os desenhos como forma de representação é possível trabalhar elementos que compõem um mapa, além de fomentar a construção de uma identidade territorial, sobretudo retratando o seu cotidiano.

Ainda resta uma esperança

Tangará e Zé Viola

Quando encontrei minha velha
canao junto a lagoa debaixo de um
timburi

Descendo o rio fiquei desolado, tudo
mudado meu sertão não conheci

Olhei pro céu vi um biguá sozinho,
longe do ninho a voar cantando
assim:

O Deus sustenta na esperança que
ainda resta fazei crescer a floresta
pra salvar meu Taquari

Uma tristeza invadiu meu peito
vendo o defeito que alargou meu rio
coxim

pois destruiu ao redor das matas
terras cavadas erosão decreto o fim

olhei pra margem lá no biguazeiro,
um colhereiro que pousou cantava
assim:

O Deus sustenta na esperança que
ainda resta fazei crescer a floresta
pra salvar meu Taquari

Desmatamento fez secar as fontes,
imensa pontes de areia logo eu vi

nas águas rasas não tem piracema é
triste a cena nessa terra que nasci

a batuira que vagava à toa pousou na
proa e me olhou cantando assim

O Deus sustenta na esperança que ainda
resta fazei crescer a floresta pra salvar
meu Taquari

Larguei meu remo e chorei criança, na
esperança de tudo inundar ali

Secar meus olhos, mas salvar meu rio,
que doentio vai correndo para o fim

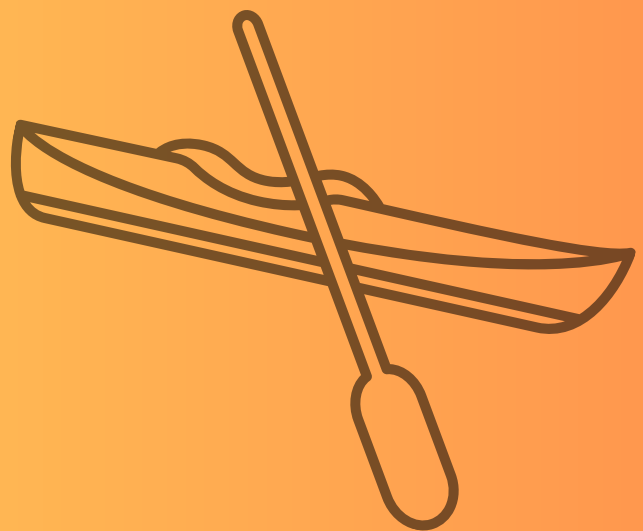
Na ânsia louca de fazer voltar a vida,
minha voz sentida ecoou cantando
assim:

O Deus sustenta na esperança que ainda
resta fazei crescer a floresta pra salvar
meu Taquari.

Análise

Podemos verificar que a música apresenta elementos da paisagem natural de Mato Grosso do Sul, destacando as transformações por qual ela passou, em específico os problemas enfrentados pelo Rio Taquari, consequências enfrentadas principalmente pelas ações humanas.

Destacamos também o trecho "Larguei meu remo e chorei criança, na esperança de tudo inundar ali/ Secar meus olhos, mas salvar meu rio, que doentio vai correndo para o fim", que corresponde ao pertencimento que o compositor tem com sua terra natal, de sentir as mazelas que ali ocorrem, as transformações na paisagem que aos poucos foram mudando o cenário na qual estava acostumado.



Plano de aula - 01

Habilidade:

(MS.EF06GE06.s.14) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.

Série:

6º ano

Hora aula:

50 min

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, caderno de aula, data-show, caixa de som.

Temas contemporâneos:

Educação Ambiental.

Tema de conteúdo:

Paisagens naturais: problemas ambientais.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Objeto de conhecimento:

Transformação das paisagens naturais e antrópicas.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: Com a utilização de caixa de som, o professor irá inicialmente executar a música aos alunos, que irão escutá-la e simultaneamente será transmitido em um data show a letra da música "Ainda resta uma esperança".

3º passo: De maneira expositiva dialogada, o professor irá analisar a letra da música junto com os alunos, buscando verificar quais os principais elementos das paisagens de Mato Grosso do Sul que os alunos conseguiram identificar.

4º passo: Os alunos irão em seu diário de bordo, descrever trechos da música, na qual visualizaram aspectos das paisagens de MS.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado

Nesse primeiro plano de aula da sequência didática a sugestão é que seja realizado a análise da música "Ainda resta uma esperança" com os estudantes, para identificar e averiguar os trechos que eles identificam a respeito das paisagens do estado, além da exposição dessas paisagens.

Plano de aula - 02

Habilidade:

(MS.EF06GE06.s.14) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.

Série:

6º ano

Hora aula:

50 min

Recursos didáticos:

Lousa, pincel, diário de bordo..

Temas contemporâneos:

Educação Ambiental.

Tema de conteúdo:

Paisagens naturais: problemas ambientais.

Avaliação:

Será processual conforme a participação e interação dos estudantes.

Objeto de conhecimento:

Transformação das paisagens naturais e antrópicas.

Metodologia:

1º passo: Acolhimento dos alunos - Na lousa, escrever a temática para a aula.

2º passo: A partir da análise da música, o professor irá focar no seguinte trecho "Desmatamento fez secar as fontes, imensa pontes de areia logo eu vi nas águas rasas não tem piracema é triste", abordando sobre as transformações das paisagens pela ação humana.

3º passo: O professor irá fazer uma explicação sobre como a ação humana transforma as paisagens naturais, nesse caso, explorar como as atividades (principalmente aquelas voltadas para a economia) acarretam em diversos problemas ambientais.

4º passo: O professor irá dividir a sala em grupos, e propor uma pesquisa para eles: Os alunos, em grupo, irão pesquisar os principais problemas ambientais em Mato Grosso do Sul.

5º passo: Será realizado um momento final de debate para os alunos exporem suas dúvidas e/ou comentários sobre o que foi trabalhado durante a aula.

Plano de aula comentado

Esta aula tem como objetivo aprofundar os conhecimentos acerca da ação humana sobre a paisagem natural de Mato Grosso do Sul, especialmente compreendendo como as atividades econômicas impactam no meio ambiente, gerando graves problemas ambientais.

A decorative background featuring a curved musical staff with various notes and treble clefs, set against a light orange gradient.

Referências bibliográficas

GRUPO ACABA. **Vaca tucura, boi pantaneiro**. 1984. Disponível em <<https://www.letas.mus.br/grupo-acaba/1384304/>>. Acesso em: 15 de jun. de 2023.

Délio e Delinha. **Cidades irmãs**. 1959. Disponível em:< <https://www.letas.mus.br/delio-delinha/cidades-irmas/>> Acesso em 15 de mai. de 2023.

MACIEL CORRÊA. **Capital do Chamamé**. 1997. Disponível em <<https://youtu.be/hhFGMcolvLY>> Acesso em: 17 jun. de 2023.

MATO GROSSO DO SUL. **Decreto Estadual nº 3 de 1 de janeiro de 1979. Institui o Hino de Mato Grosso do Sul**. Disponível em <https://www.tjms.jus.br/legislacao/public/pdf-legislacoes/decreto_n._3-79.pdf> Acesso em 05 jun. 2023

SATER, Almir; SIMÕES, Paulo. **Serra de Maracaju**. São Paulo: Velas, 2007.

SATER. Almir. **Peabiru**. 2022. Disponível em <<https://www.cifraclub.com.br/almir-sater/peabiru/>> Acesso em, 18 jun 2023.

TANGARÁ E ZÉ VIOLA. **Ainda resta uma esperança**. 2003. Disponível em <<https://youtu.be/E7jkaFojtjg>> Acesso em, 21 jun. 2023.